

Organização / Organizzazione:

Rosalie Gallo

A stylized, painterly illustration of Italian architecture. The top half shows a close-up of a building with a tiled roof, a small arched window with a blue frame, and a larger arched doorway with blue shutters. The bottom half shows a street scene with various buildings, including a church with a tall bell tower and a smaller building with a balcony. The color palette is dominated by warm earth tones (browns, oranges, yellows) and cool blues.

VOZES
Ítalo-brasileiras III
Italo-brasiliane III
VOCI



Esiste in me un'Italia che è sola mia!

Di sicuro hai già avuto voglia di viaggiare nel tempo. È un desiderio che aflora alla maggior parte delle persone. Confesso che ho realizzato questo sogno e quando me ne sono reso conto, mi trovavo nelle vie di Firenze, la vigilia di Natale, in pieno Rinascimento. Ero uscito dal Duomo dopo la messa di Mezzanotte e camminavo con una candela in mano accanto ai fiorentini, dirigendomi verso l'Arno. La campana suonava i dodici rintocchi quando, affianco a me, è passato Leonardo pensando alla sua Gioconda. Mi ha salutato e se n'è andato. Come se non bastasse, subito dopo, è apparso Michelangelo anche egli pensando alla sua prossima opera d'arte. La guardia del mecenate Lorenzo di Medici sorvegliava la notte, in divisa adornata dal Giglio Rosso (simbolo di Firenze) e, nel frattempo, mi ha chiesto cosa stessi facendo lì in quel momento. Raffaello di Sanzio, Boticelli e Donatello brindavano nella notte di Natale con del vino e mi hanno invitato ad accompagnarli. Era un sogno da tempo desiderato che, almeno per me, diventava realtà. Albeggiava lentamente, quando mi sono svegliato, e il sole illuminava il Ponte Vecchio. Le vie erano vuote. Ero solo. Nemmeno i miei fantasmi hanno dato segno della loro presenza. Firenze mi porta l'allegria e la nostalgia di un'Italia che vive dentro me. Nascosta nel cuore e che appare quando cammino per le sue vie colme di segreti e misteri. Ciao!

Márcio Martelli
Editor e escritor

Há em mim, uma Itália que é só minha

Com certeza você já teve a vontade de viajar no tempo. É um desejo que aflora na maioria das pessoas. Confesso que realizei esse sonho e quando me dei conta, estava parado nas ruas de Firenze, em pleno Renascimento, na véspera de Natal. Tinha saído do Duomo após a Missa do Galo e caminhava ao lado dos florentinos com uma vela na mão a caminho do Arno. O Duomo soava as doze badaladas quando por mim passou Leonardo, todo apressado a pensar na sua *Gioconda*. Ele me cumprimentou e seguiu seu rumo. Como se não bastasse, logo a seguir surge Michelangelo também pensando em sua nova obra de arte. A guarda do mecena Lorenzo de Medici patrulhava a noite vestida com a insígnia *Il Giglio Rosso* (símbolo de Firenze) e, nesse meio tempo me perguntava o que é que eu fazia ali naquele momento. Rafael de Sanzio, Boticelli e Donatello brindavam na madrugada natalina e me convidaram para uma rodada de vinho... Era um sonho idealizado há tempos que se fazia real, ao menos para mim. Aos poucos amanhecia. O sol nascia na Ponte Vecchio quando acordei. As ruas ainda vazias. Só eu ali. Nem meus fantasmas davam seus sinais. Firenze traz a alegria e o saudosismo de uma Itália que mora aqui dentro de mim. Escondida no coração. E que só se revela aos meus olhos quando ando por suas vias repletas de segredos e mistérios. *Ciao!*

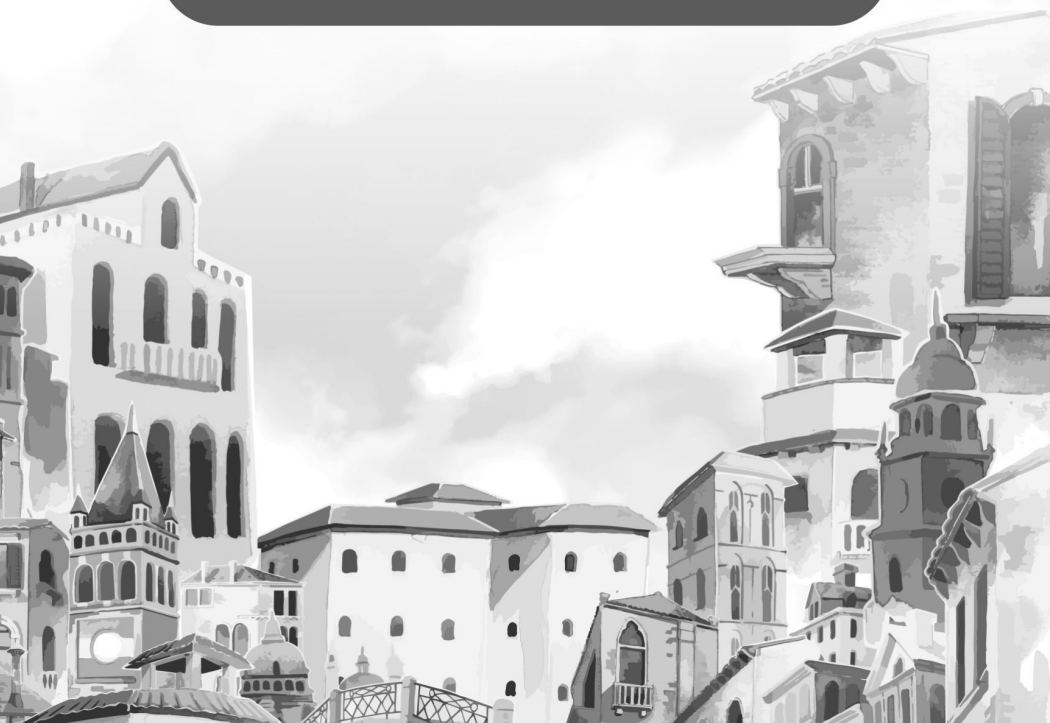
Márcio Martelli
Editor e escritor

Organização / Organizzazione:

Rosalie Gallo



VOZES
Ítalo-brasileiras III
Italo-brasiliane III
VOCI



Todos os direitos desta publicação estão reservados ao Comites SP que detêm os direitos autorais da obra para a Língua Portuguesa e Italiana.

O texto aqui reproduzido é uma obra de autoria e responsabilidade de seu autor e não representa, necessariamente, a opinião da Editora.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito do editor ou do autor.

Jundiaí, São Paulo, Brasil, agosto de 2019.

Editor responsável / Capa: **Márcio Martelli**
Revisão (Italiano): **Helen Gnocchi***
Tradução para o italiano: **Helen Gnocchi* / Giada Mattu****
Revisora: (Português) **Eliana Magrini Fochi**
Imagem da capa e internas: **www.freepik.com**

***Helen Gnocchi** – tradutora juramentada e intérprete em português, italiano e espanhol, inglês. Mediadora cultural, professora.

Contato: helengnocch@gmail.com - tel 3200598674 - Veneza- Itália.

****Giada Mattu** – tradutora e intérprete em inglês, português, alemão, russo e italiano. Contato: giada.mattu@live.com – tel. 3468241606 – Padova, Itália.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gallo, Rosalie (org.)

Voices Ítalo-brasileiras III - Voci Italo-brasiliane III /
Rosalie Gallo (org.) -- Jundiaí, SP : Editora In House, 2019.

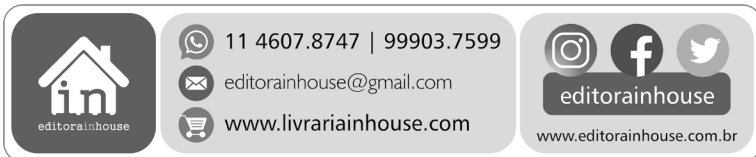
ISBN 978-65-86978-58-2 / Livro digital

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura Italiana I. Gallo,
Rosalie (org.). II. Título.

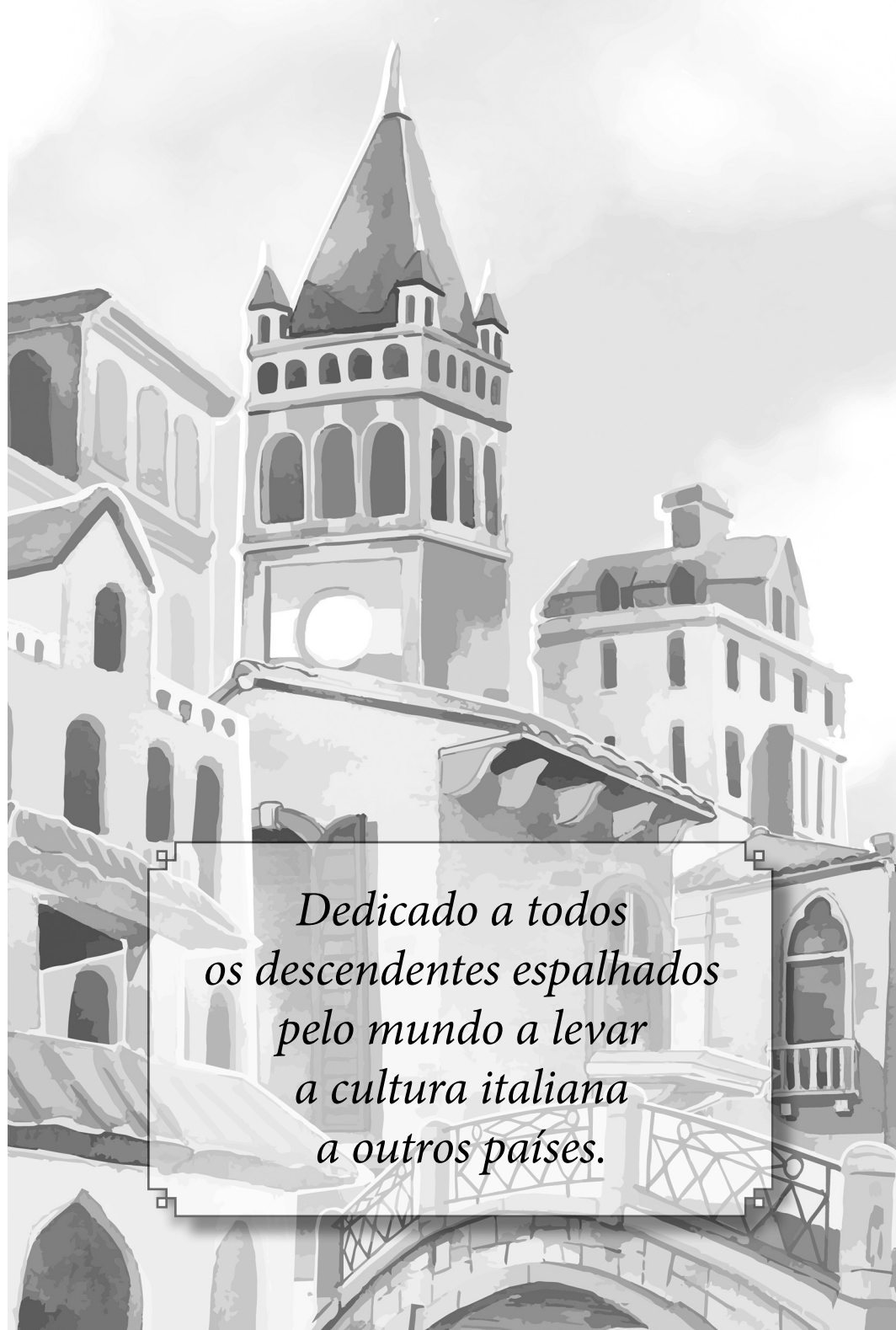
CDD - B869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura Brasileira B869.93



*Dedicado a todos
os descendentes espalhados
pelo mundo a levar
a cultura italiana
a outros países.*



Sumário

Apresentação	6	Helena Domingos	104
Prefácio	10	Lais de Barros	110
Introdução	14	Lorien Marta Zanini	116
Alexandre Basso	26	Luciana de Souza Mazur	122
Angélica Royo	30	Márcia Etelli Coelho	128
Carmem Teresa Elias	36	Maria Helena Figueiredo Vieira	136
Cesar Luis Theis	42	Maria Ignez Manelli Giorgi	142
Christopher Augusto Carnieri	48	Maria Rosa Fontebasso	148
Cida Micossi	52	Maria Teresa Sponchiado	154
Dalva Baccalá	58	Marilia Ferreira Emmi	158
Dalva Bento	62	Martha Tavares Pezzini	164
Denise Lícia Boni de Oliveira	68	Mônica de Faria Franco	172
Dosmar Sandro Valerio	74	Romano Dazzi	178
Edvaldo Jacomelli	80	Rosalba Facchinetti	182
Eliana Ferrari Dutra	88	Rosangela Aparecida Marquezi	188
Everton Fernando Micheletti	92	Vera Mussi Hage	194
Giuseppina Burigo	98	Vilma Pavão Folino	198

Apresentação

São milhões as vozes de origem itálica cujo eco se propaga por este país continental chamado Brasil. São vozes afinadas, que fazem sentir um concerto profundamente harmonioso, espelho fiel do nível de integração em solo brasileiro dos descendentes daqueles que, já passados cem anos, chegaram ao Brasil, vindos da Itália.

Vozes quase sempre de sucesso, às vezes sofridas, mas sempre bem amalgamadas no tecido social brasileiro. As histórias que encontrarão neste volume narram fielmente estas realidades: um cotidiano feito de trabalho e esforço, ambições e sonhos, desgostos e momentos felizes.

Histórias que, quando são recolhidas de forma harmônica e examinadas com a distância da objetividade histórica narram uma epopeia, a epopeia dos italianos em São Paulo. Se as observarmos com atenção “descobriremos” o que já sabíamos: que os italianos no Brasil, e particularmente em São Paulo, são eles próprios a essência da terra que abriu as portas a seus ascendentes. Fundiram-se e nasceu um novo homem, o paulista.

É uma história que me enche de orgulho e que vale a pena ser contada, como o fez de maneira bela a antologia organizada por Rosalie.

Lendo os textos o que nos impressiona é o contínuo apelo à vida familiar, a situações domésticas, a lembranças de infância

Presentazione

Sono milioni le voci di origine italiana la cui eco si diffonde per questo paese continentale chiamato Brasile. Sono voci intonate, che fanno risuonare un concerto profundamente armonioso, specchio fedele del livello di integrazione in suolo brasiliano dei discendenti di chi, ormai oltre 100 anni fa, giunse in Brasile dall'Italia.

Voci spesso di successo, a volte sofferenti, ma sempre ben amalgamate nel tessuto sociale brasiliano. Le storie che troverete in questo volume raccontano fedelmente queste realtà: un quotidiano fatto di lavoro e fatica, ambizioni e sogni, dispiaceri e momenti felici.

Storie che, quando sono accolte in modo unitario e sono esaminate col distacco dell'oggettività storica raccontano di un'epopea, l'epopea degli italiani a San Paolo. Se osserviamo con attenzione “scopriremo” ciò che già sappiamo, che gli italiani in Brasile, e a San Paolo in modo particolare, sono loro stessi l'essenza del luogo che ha aperto i cancelli ai loro avi. Si sono fusi ed è nato un nuovo soggetto, il paulista.

È una storia che mi riempie d'orgoglio e che, vale la pena essere raccontata, come bellamente fa l'antologia curata da Rosalie.

Leggendo i testi ciò che colpisce è il continuo richiamo alla vita familiare, a situazioni domestiche, a ricordi d'infanzia con-

compartilhadas, por exemplo, com a figura dos avós. Páginas que demonstram ainda uma vez como a emigração italiana contribuiu com valores basilares para a sociedade brasileira, como a família.

Obrigado a esta Antologia por nos fazer recordar tudo isso.

São Paulo, 15 de agosto de 2019

Filippo La Rosa
Cônsul Geral da Itália em São Paulo

divisi, ad esempio, con la figura amorosa dei nonni. Pagine che dimostrano ancora una volta come l'emigrazione italiana abbia apportato valori fondanti della società brasiliana, come la famiglia.

Grazie a quest'antologia per ricordarci tutto ciò.

San Paolo, 15 agosto 2019

Filippo La Rosa
Console Generale di Italia – San Paolo

Prefácio

Imensamente orgulhoso por ter a oportunidade de escrever o prefácio de *Vozes Ítalo-Brasileiras 3*, fruto da terceira edição do concurso BrasilItália produzido pelo Comites de São Paulo e maravilhosamente coordenado pela Conselheira e Presidente da Comissão Cultura Rosalie Gallo, quem mais uma vez agradeço o entusiasmo e empenho de tocar este projeto com tanto amor e dedicação.

A Comissão Cultura como o próprio nome diz é responsável por organizar as atividades culturais para os italianos residentes na circunscrição consular dentro do Comites de São Paulo (Comitê dos Italianos no Exterior) que é a entidade representativa e eletiva do governo italiano. Como atividade principal esta comissão avalia e dá seu parecer para a Itália juntamente com o Consulado sobre as atividades das entidades de ensino da língua italiana que recebem financiamento público sobretudo para formação de docentes. Atividade esta, extremamente importante para o crescimento, fortalecimento e difusão da língua de Dante em São Paulo, no Brasil e no mundo.

Voltando ao livro, convido o leitor que viaje lenta e prazerosamente em cada texto apresentado. Aliás este sentimento não é novidade; quem teve a oportunidade de ler as edições anteriores poderá notar que cada livro da trilogia é único, porém, se completam e complementam dentro do universo da italianidade que nos permeia mesmo a quilômetros ou anos de distância de nossas raízes. Quem ainda não leu, deixo o convite que o faça, não se arrependará.

Prefazione

Immensamente orgoglioso di avere l'opportunità di scrivere la prefazione di *Vozes Italo-Brasileiras 3*, frutto della terza edizione del Concorso BrasilItália prodotto dal Comites di San Paolo e meravigliosamente coordinato dalla Consigliere e Presidente della Commissione Cultura Sig.ra Rosalie Gallo, che ancora una volta ringrazio per l'entusiasmo e impegno di svolgere questo progetto con tanto amore e dedizione.

La Commissione Cultura, come suggerisce il nome, è responsabile per l'organizzazione delle attività culturali per gli italiani residenti nella circoscrizione consolare dentro il Comites di São Paulo (Comitato degli italiani all'Estero) che è l'entità rappresentativa ed elettiva del governo italiano. Come attività principale, questa Commissione valorizza e dà il suo parere all'Italia insieme al Consolato sulle attività degli enti di insegnamento della lingua italiana che ricevono finanziamenti pubblici principalmente per la formazione degli insegnanti. Questa attività è estremamente importante per la crescita, il rafforzamento e la diffusione della lingua di Dante a San Paolo, in Brasile e in tutto il mondo.

Ritornando al libro, invito il lettore a viaggiare lentamente e piacevolmente in ogni testo presentato. In realtà questa sensazione non è nuova, chi ha avuto l'opportunità di leggere le precedenti edizioni può notare che ogni libro della trilogia è unico ma completo e si completano a vicenda all'interno dell'universo dell'italianità che ci permea anche a miglia o anni di distanza dalle nostre radici. Chi non ha letto, lascio l'invito a farlo, non se ne pentirà.

Aproveitando o espaço que aqui desfruto, gostaria de modo bem sintético porém não menos emocionado de falar um pouco sobre o que é a Itália que existe em mim: Prontamente digo: Minha família! Daí partimos e para aí seguiremos... sempre!!!. Obrigado aos meus pais, avós e bisavós por permitirem que eu esteja aqui e principalmente à minha incrível esposa Thaís Ruiz por compartilhar a vida comigo e por ser o amor da minha vida. Obrigado aos meus filhos Pietro e Martina por serem a razão do meu viver, minha continuação, minha Itália! Vocês verdadeiramente me inspiram a seguir.

Por fim parabênzo os escritores pela belíssima obra que temos em mãos, vocês são as estrelas aqui! Parabéns mil vezes!

Um forte abraço e ótima leitura!

Renato Sartori

Presidente do Comites de São Paulo

Approfittando dello spazio che mi piace qui, mi piacerebbe molto brevemente ma non meno emozionato di parlare un po' di ciò che cos'è l'Italia in me: dico prontamente: la mia famiglia! Da qui partiamo e seguiremo... sempre !!! Grazie ai miei genitori, nonni e bisnonni per avermi permesso di essere qui e in particolare alla mia straordinaria moglie Thaís Ruiz per aver condiviso la vita con me e per essere l'amore della mia vita. Grazie ai miei figli Pietro e Martina per essere la ragione della mia vita, della mia continuazione, della mia Italia! Mi ispirate davvero a seguire.

Finalmente mi congratulo con gli scrittori per il bellissimo lavoro che abbiamo in mano, voi siete le stelle qui! Congratulazioni mille volte!

Un forte abbraccio e ottima lettura!

Renato Sartori

Presidente del Comites di San Paolo

Introdução

O tema deste terceiro volume da coleção Vozes Ítalo-brasileiras / Voci Italo-brasiliane suscitou muitas vertentes e nos trouxe textos inesquecíveis, com relatos verdadeiros embalados pela Literatura.

Necessário se faz ressaltar a proveniência dos selecionados pelos jurados Carlo Molina (Istituto Italiano de Cultura de São Paulo), Cassia Janeiro (Prêmio Mundial de Poesia Nosside) e Eliana Magrini Fochi (FATEC – Faculdade de Tecnologia), a quem agradeço de todo o coração. Nesta edição temos 12 selecionados da cidade de São Paulo, 3 de Porto Alegre (RS), 3 de São José do Rio Preto (SP), 2 de Curitiba (PR) e um de cada cidade a seguir elencada: Belém (PA), Belo Horizonte (MG), Chapecó (SC), Guarujá do Sul (SC), Itu (SP), Jundiá (SP), Pato Branco (PR), Piracicaba (SP), Rio de Janeiro (RJ), Santos (SP) e Sorocaba (SP). Com um empate, ampliamos a meta de trinta textos para trinta e um. Foram sete Estados representados, como se pode constatar.

Não poderia deixar de comparecer o enfoque da imigração italiana no Brasil, trazendo-nos as figuras do imigrado, criança ou adulto, de sua aculturação e, sobretudo, do desejo de fixar nas novas gerações o importante papel das raízes italianas na formação do caráter e da memória dos descendentes aqui nascidos. Outros temas igualmente palpitantes marcaram presença como a aculturação do imigrado, o sonho e a realização da viagem de volta à Itália, a referência a cidades, canções, filmes, hábitos e costumes italianos enraizados na cultura brasileira dos descendentes, a transmissão de valores italianos às novas gerações, o bilinguismo no lar e o *italian*, a língua falada pela comunidade veneta do sul do Brasil. Tudo isso regado com a pureza literária dos autores.

A memória de autores como Cesar Luis Theis, Christopher Augusto Carnieri, Luciana de Souza Mazur, Maria Ignez Manelli

Introduzione

Il tema di questo terzo volume dell'antologia Vozes Italo-Brasileiras/ Voci italo-brasiliane ha sollevato molti aspetti e ci ha donato testi indimenticabili, emozioni tangibili create dalla letteratura.

È importante sottolineare la provenienza dei racconti selezionati dai giurati Carlo Molina (Istituto Italiano di Cultura San Paolo), Cassia Janeiro (Premio Mondiale di Poesia Nosside) e Eliana Magrini Fochi (FATEC – Faculdade de tecnologia) a chi ringrazio di cuore. In questa edizione possiamo trovare 12 selezionati dalla città di San Paolo, 3 da Porto Alegre (RS), 3 da São José do Rio Preto (SP), 2 da Curitiba (PR) e uno per ogni città elencata di seguito: Belém (PA), Belo Horizonte (MG), Chapeco (SC), Guarujá do Sul (SC), Itu (SP), Jundiá (SP), Pato Branco (PR), Piracicaba (SP), Rio de Janeiro (RJ), Santos (SP) e Sorocaba (SP). Grazie ad un pareggio abbiamo ampliato l'obiettivo di trenta testi, pubblicandone trentuno. Come si può constatare, vengono qui rappresentati sette stati.

Non poteva non fare la sua comparsa il tema dell'immigrazione italiana in Brasile, mostrandoci la figura dell'immigrato, bambino o adulto, della sua acculturazione e, soprattutto, del desiderio di fissare nelle nuove generazioni l'importante ruolo delle radici italiane nella formazione del carattere e della memoria dei discendenti nati qui. Altri temi altrettanto importanti nei racconti selezionati sono: l'acculturazione dell'immigrato, il sogno e la realizzazione del viaggio di ritorno in Italia, il riferimento a città, canzoni, film, abitudini e costumi italiani radicati nella cultura brasiliana dei discendenti, la trasmissione dei valori italiani alle nuove generazioni, il bilinguismo in casa e il *Talian*, la lingua parlata dalla comunità Veneta del Brasile meridionale. Tutto questo inondato della purezza letteraria degli autori.

Giorgi e Rosangela Aparecida Marquezi traz à tona a criança e o adulto expostos à figura do italiano puro através do avô ou avó, pai ou mãe. E a Itália começa a se mostrar em solo brasileiro:

“...eu tinha o tamanho e o peso ideal para a tarefa [a pisa da uva]... laço entre gerações da avó ...”, “... o perfume do café passado pela minha avó...”, o conselho da avó para que fosse à Itália e “... passe um tempo lá. Ela curará suas feridas.”

A adaptação e a aculturação ao novo país fazem surgir descendentes que ora retratam com fidelidade e arte literária a emoção do processo migratório. Cida Micossi diz com definida emoção que “Nas fotos dos mortos na sala, na lembrança do moinho de meu avô paterno que juntamente com o milho, prensava a melancolia da terra deixada para trás, eu sinto a Itália.” ou, em seguida, ao descrever o trabalho no campo: “Para eles a música era a enxada roçando o mato, os pés sulcando a terra, as mãos sovando a massa.”. Maria Teresa Sponchiado, porém, refere-se com grande propriedade ao fato de que a constituição familiar através do casamento entre imigrado e autóctone propicia uma convivência cultural que favorece a adaptação cultural das pessoas.

Lorien Marta Zanini também expõe o lado trágico da imigração, as dificuldades, as tristezas e as pesadas consequências da saída do país de origem para enfrentar o futuro incerto. As dores iniciais da viagem precária são evidenciadas no texto de Dosmar Sandro Valério no trecho em que escreve que “Giuseppe e Battistina, com lágrimas no olhos, sentiram uma dor incomensurável ao ver a pequena Giuseppina envolta em um pano branco, ser sepultada no oceano Atlântico”. Fato corriqueiro mas sempre doloroso na travessia para o Brasil.

Nem sempre, entretanto, a adaptação e a aculturação foram penosas. Maria Rosa Fontebasso relata que, ainda criança, veio para o Brasil e descobriu que: “O livro de leitura na nova escola me encantou. Ele me presenteou com imagens de palmeiras e com a letra de uma canção, cujas palavras – ou seria título? -, eram “princesinha do mar”. Eu trazia na memória paisagens de neve, de pinheiros e de árvores completamente desfolhadas que se assemelhavam aos pesadelos de Branca de Neve na floresta.”. Mesmo na imigração em idade adulta vemos que descobertas felizes acontecem em decor-

La memoria di autori come Cesar Luis Theis, Christopher Augusto Carnieri, Luciana de Souza Mazur, Maria Ignez Manelli Giorgi e Rosangela Aparecida Marquezi risalta il bambino e l'adulto esposti alla figura dell'italiano “puro” attraverso nonno o nonna, papà o mamma. E l'Italia comincia a mostrarsi in suolo brasiliano:

“... lo ero dell'altezza e peso ideali per il compito [il calpestio dell'uva] ... laccio tra generazioni... ”, “... Il profumo del caffè filtrato da mia nonna... ”, “il consiglio della nonna di andare in Italia e “... passa un po' di tempo lì. Guarirà le tue ferite. ”

L'adattamento e l'acculturazione al nuovo paese creano discententi che riportano con fedeltà e arte letteraria l'emozione del processo migratorio. Cida Micossi dice con vera emozione che “nelle foto dei morti, in sala, nel ricordo del mulino di pietra di mio nonno paterno che pressava, insieme al grano, la malinconia della terra lasciata indietro, io sento l'Italia” o, poco più avanti, descrivendo il lavoro nel campo: “Per loro la musica era la zappa che lavorava la terra, i piedi che solcavano il terreno, le mani che preparavano la pasta”. Maria Teresa Sponchiado, tuttavia, si riferisce con grande verità al fatto che la costruzione di una famiglia attraverso il matrimonio tra immigrato e autoctono forniva una convivenza culturale che favoriva l'adattamento culturale delle persone.

Lorien Marta Zanini espone anche il lato tragico dell'immigrazione, le difficoltà, i dolori e le pesanti conseguenze di lasciare il paese d'origine per affrontare il futuro incerto. I dolori iniziali del viaggio precario sono evidenziati nel testo di Dosmar Sandro Valério, nell'estratto in cui scrive che “Giuseppe e Battistina, con le lacrime agli occhi, provarono un dolore incommensurabile al vedere la piccola Giuseppina, avvolta in un panno bianco, venire sepolta nell'Oceano Atlantico”. Un fatto comune, ma sempre doloroso nella traversata verso il Brasile.

Tuttavia, l'adattamento e l'acculturazione non erano sempre dolorosi. Maria Rosa Fontebasso riferisce che, ancora bambina, è venuta in Brasile e ha scoperto che: “Il libro di lettura nella nuova scuola mi ha incantato. Mi ha presentato immagini di palme e con il testo di una canzone, le cui parole – o era titolo? - erano “principessina del mare”. Portavo nella memoria paesaggi di neve, di

rência de fatos trágicos, como no relato de Romano Dazzi, que relata sua dor diante do terremoto que arrasou Amatrice, onde não tem parentes nem amigos mas é a Itália redescoberta em si: “eram as minhas paredes que desmoronavam; minhas igrejas que desapareciam com os seus tesouros que também são meus... E sobretudo eram meus irmãos.... E sem perceber tive vontade de chorar. ... Sou ainda, com orgulho, italiano.”

Os traços de caráter do italiano emergem de vários modos. No prazer incontido de Edvaldo Jacomelli ao declarar que “Meu avô possuía a honestidade como princípio de caráter.” ou na fala de Rosalba Facchinetti para traduzir a grandeza da avó, que “respondia colocando as coisas na perspectiva da honra, da moral, da justiça... do *paese*. Um *paese* parado no tempo e na memória.” Vera Mussi Hage narra sua viagem à Itália escrevendo que “Fui de corpo e alma. Porque italiano sem alma, sem sentimentos, sem gestos, sem fala... não existe!” descrição corroborada com maestria por Laís de Barros, repreendida quando criança por usar demais as mãos ao falar mas, finalmente glorificada ao ser reconhecida como “uma mestrina regendo as palavras!”

A preservação da memória italiana no Brasil é uma preocupação que perpassa em vários autores desta Antologia. Às vezes de forma negativa, como em Alexandre Basso ao se referir ao avô tirano e desregrado: “É ele e não um documento incorreto, quem atrapalha os sonhos de sua descendência.” Às vezes, de forma melancólica como o faz Everton Fernando Micheletti ao escrever que “Com o tempo, o álbum foi se desfazendo, páginas foram sumindo; hoje restaram poucas com a história dos italianos no Brasil para as novas gerações.” A mesma preocupação pode ser encontrada nos textos de Luciana de Souza Mazur, Márcia Etelli Coelho, Giuseppina Burigo, Helena Domingos, Dalva Bacallá e Vilma Pavão Folino, esta que nos presenteia com um verdadeiro passeio pela Itália que amamos.

Muitos imigrantes jamais conseguiram voltar à terra natal. Alguns descendentes, para alegria familiar e pessoal, viajaram e trouxeram novos ares à família para substituir a saudade (“O avô tinha tatuada na saudade e no pulso a imagem da Madonna di Loreto.”), segundo Cida Micossi. É o caso de Denise Lícia Boni de Olivei-

pini e alberi completamente defogliati che ricordavano gli incubi di Biancaneve nella foresta.” Anche nell’immigrazione degli adulti vediamo che felici scoperte avvengono a seguito di fatti tragici, come nel racconto di Romano Dazzi, che riporta il suo dolore di fronte al terremoto che ha devastato Amatrice, dove non ha parenti o amici ma l’Italia ritrovata in sé: “Erano le mie mura che crollavano; le mie chiese scomparse con i loro tesori che sono anche miei... E soprattutto erano miei fratelli... E senza rendermi conto mi è venuta voglia di piangere. ... Sono ancora, con orgoglio, italiano. ”

I tratti caratteriali dell’italiano emergono in vari modi. Nel piacere sfrenato di Edvaldo Jacomelli mentre dichiara che “mio nonno era onesto, per principio e carattere” o nel discorso di Rosalba Facchinetti per tradurre la grandezza della nonna, che “ha risposto mettendo le cose nella prospettiva dell’onore, della morale, della giustizia... del Paese. Un paese fermo nel tempo e nella memoria.” Vera Mussi Hage racconta il suo viaggio in Italia scrivendo che “ci sono stata in corpo e anima. Perché un italiano senz’anima, senza sentimento, senza gesti, senza parlantina... non esiste!” Descrizione corroborata dalla maestria di Laís de Barros, rimproverata come una bambina per aver usato troppo le mani quando parlava, ma, infine, glorificata nel suo essere riconosciuta come “una maestrina che dirige le parole!”

La preservazione della memoria italiana in Brasile è una preoccupazione che permea diversi autori di questa antologia. A volte in modo negativo, come in Alexandre Basso quando si riferisce al tiranno nonno indisciplinato: “È lui, e non un documento sbagliato, che disturba i sogni della sua discendenza.” A volte, in modo malinconico come fa Michele Marchetti quando scrive che “nel corso del tempo, l’album si stava distruggendo, le pagine stavano svanendo; oggi ne sono rimaste poche con la storia degli italiani in Brasile per le nuove generazioni. ” La stessa preoccupazione si può trovare nei testi di Luciana de Souza Mazur, Marcia Etelli Coelho, Giuseppina Burigo, Helena Domingos, Dalva Bacallá e Vilma Pavão Folino, che ci presentano un vero e proprio viaggio nell’Italia che amiamo.

Molti immigrati non sono mai riusciti a tornare alla terra natale. Alcuni discendenti, per la gioia familiare e personale, ci sono stati e hanno portato nuove idee perché la famiglia sostituisse la nostal-

ra, que chega a Veneza imbuída da crença que “os sinos da Catedral dobram-se quando verdadeiros venezianos entram na Piazza San Marco, dando-lhes as boas vindas de volta ao lar... e desta vez, dobravam para mim.” Veneza também corre nas veias de Edvaldo Jacomelli. A Itália emociona Eliana Ferrari Dutra que afirma “Quando piso em solo italiano as lágrimas são inevitáveis.” Marília Ferreira Emmi vai para a Itália sem o avô a acompanhá-la mas leva uma caixinha que prometera depositar em mãos do pároco de sua cidade. Embarca dizendo: “Vovô, vou fazer o caminho de volta que o senhor tanto queria e não conseguiu.”

A volta à Itália é pontuada pela citação de muitas cidades. Martha Tavares Pezzini ressalta Capri; outros autores citam Pisa, Padova, Veneza, Castelraimondo, Amatrice e tantas outras não menos importantes para esses corações autores. São citados também autores e compositores, comprovando o grau de cultura dos autores selecionados.

A forte ligação estabelecida em família perpetua os valores de uma cultura, não somente a italiana. Daí a importância da influência dos mais velhos para a formação de interesse pelas origens. Mônica de Faria Franco ressalta que o primeiro contato foi com as palavras, depois com a música italiana e arremata: “Na verdade meu pai não nos levou até a Itália, mas ele trouxe a Itália até nós.” É esta a estratégia correta, segundo nossa opinião pessoal, da forma como devemos agir para que as origens não sejam esquecidas.

Ser fiel às origens trouxe uma valiosa contribuição para o sul do Brasil pelos vênets imigrados. Seu dialeto, misturado ao português e ao vizinho espanhol deu origem ao talian, reconhecido hoje como língua. Dalva Bento faz para esta comunidade imigrada uma verdadeira homenagem através de seu texto Quando só se falava o talian.

Desejo, a esta ponto, tratar ainda que rapidamente da literariedade dos textos, fator imprescindível à sua escolha, dado que o Concurso é literário. Figuras literárias fortes e muito bem construídas no contexto dão o tom necessário da poesia em prosa.

Angelica Royo escreve “minha alma te procurava na incerteza de tua volta” e descreve Veneza como a cidade “cujas ilhas foram aproximadas pela Natureza”. Carmem Elias, ao falar da Torre Pen-

gia (“il nonno aveva tatuata nella nostalgia e nel polso l’immagine della Madonna di Loreto.”), secondo Cida Micossi è la vita stessa. È il caso di Denise Boni de Oliveira, che arriva a Venezia intrisa della convinzione che “le campane della Cattedrale suonano quando i veri veneziani entrano in Piazza San Marco, dandogli il benvenuto per il ritorno in quel luogo... E quella volta, le campane suonavano per me.” Venezia scorre anche nelle vene di Edvaldo Jacomelli. L’Italia emoziona Eliana Ferrari Dutra che afferma “quando atterro sul suolo italiano le lacrime sono inevitabili”. Fernando Fernandes Emmi va in Italia senza che suo nonno lo accompagni ma porta con sé una piccola scatola che aveva promesso di depositare nelle mani del parroco della sua città. Si imbarca dicendo: “Nonno, farò il viaggio di ritorno che volevi fare e non sei riuscito”.

Il ritorno in Italia è scandito dalla citazione di molte città. Martha Tavares Pezzini mette in evidenza Capri; altri autori citano Pisa, Padova, Venezia, Castelraimondo, Amatrice e tante altre non meno importanti per i loro cuori. Vengono citati anche autori e compositori, dimostrando il grado di cultura degli autori selezionati.

Il forte legame stabilito in famiglia perpetua i valori di una cultura non solo italiana. Da qui l’importanza dell’influenza degli anziani per la formazione di interesse per le origini. Mônica de Faria Franco sottolinea che il primo contatto è stato con le parole, poi con la musica italiana e afferma: “In realtà mio padre non ci ha portato in Italia, ma ci ha portato l’Italia”. Questa è la strategia giusta, secondo la nostra opinione personale, del modo in cui dobbiamo agire in modo che le origini non vengano dimenticate.

Essere fedeli alle origini ha portato un prezioso contributo al sud del Brasile da parte degli immigrati veneziani. Il loro dialetto, mescolato con il portoghese e il vicino spagnolo, ha dato origine al talian, riconosciuto oggi come lingua. Dalva Bento fa a questa comunità di immigrati un vero tributo attraverso il suo testo Quando si parlava solo il Talian.

Vorrei, a questo punto, trattare anche rapidamente la letterarietà dei testi, un fattore indispensabile per la loro scelta, considerato che si tratta di un concorso letterario. Figure letterarie forti e ben costruite nel contesto danno il tono necessario della poesia in prosa.

dente diz que “Há uma Itália em nós, inclinada ao amor.” Maria Helena Figueiredo Vieira poetiza uma roupa no varal da seguinte maneira: “A blusa balançava provocante ao sabor do ventinho frio de outono.” E, uma figura atrás de outra, a literariedade textual vai escorrendo pela Antologia afora.

Desejo, para encerrar estas reflexões, tratar do texto de Maria Teresa Sponchiado. Nele a autora expõe a constatação de que “Nasci italiana em outro lugar.”

Muitos de nós, descendentes de italianos, têm a mesma sensação. Chorar ao chegar à Itália é tão comum quanto chorar ao se despedir dela, levantando vôo. O reconhecimento desta italianidade se faz mais patente, porém, quando se torna visível aos olhos e aos sentidos alheios. Foi o que aconteceu comigo quando, ao falar a uma amiga de nome Vera sobre a viagem da qual eu tinha acabado de chegar, ouvi a seguinte frase:

- Rosalie, você nunca se deu conta de que é alma italiana reencontrada no Brasil?

Penso hoje que sim. Meus quatro avós são italianos. Calabreses. Nasci aqui mas meu coração vibra quando estou lá. Minha alma se sente em casa. Como Maria Teresa, eu nasci italiana no Brasil. Por isso falo muito da Itália. Por isso me emociono ao ter algum contato com a cultura italiana. Por isso me tornei Conselheira do Comites SP. Por isso estou na Comissão Cultura. Por isso criei este Concurso. Para que almas semelhantes à minha possam cantar o amor à Itália, nossa pátria, nossa origem.

São José do Rio Preto, julho de 2019

Rosalie Gallo

Coordenadora do Projeto Concurso Literário BrasilItalia
Conselheira do Comites SP
Presidente da Comissão Cultura

Angélica Royo scrive: “La mia anima ti stava cercando nell’incertezza del tuo ritorno” e descrive Venezia come la città “le cui isole, avvicinandosi naturalmente, hanno permesso la costruzione di ponti”. Carmen Elias, parlando della Torre Pendente dice che “c’è un’Italia in noi, un’Italia inclinata all’amore”. Maria Helena Figueiredo Vieira rende poetica la descrizione di un vestito in questo modo: “La camicetta svolazzava provocante al sapore del venticello fresco d’autunno.” E, una figura dietro l’altra, la letterarietà testuale scorre attraverso l’antologia.

Desidero, per concludere queste riflessioni, trattare il testo di Maria Teresa Sponchiado. In esso, l’autrice espone la constatazione che “sono nata italiana in un altro luogo”.

Molti di noi, discendenti di italiani, hanno la stessa sensazione. Piangere quando si arriva in Italia è comune quanto piangere quando le si dice addio, prendendo il volo. Il riconoscimento di questa italianità è però più evidente quando diventa visibile agli occhi e ai sensi degli altri. È quello che mi è successo quando, parlando a un’amica di nome Vera del viaggio da cui ero appena tornata, mi sono sentita rivolgere la domanda:

– Rosalie, ti sei mai resa conto di essere un’anima italiana reincarnata in Brasile?

Oggi, credo di sì. I miei quattro nonni sono italiani. Calabresi. Sono nata qui, ma il mio cuore vibra quando sono lì. La mia anima si sente a casa. Come Maria Teresa, sono nata italiana in Brasile. Ecco perché parlo molto dell’Italia. Ecco perché sono entusiasta di avere qualche contatto con la cultura italiana. Ecco perché sono diventata consigliere del Comites SP. Ecco perché sono nella Commissione Cultura. Ecco perché ho creato questo concorso. In modo che anime simili alla mia possano cantare l’amore per l’Italia, nostra patria, nostra origine.

São José do Rio Preto, luglio 2019.

Rosalie Gallo

Coordinatrice del Progetto Concorso Letterario BrasilItalia
Consigliere Comites SP
Presidente (Commissione Cultura)

VOZES
Ítalo-brasileiras III
Italo-brasiliane III
VOCI

Do porquê minha família não é espírita

Alexandre Basso

Como todo descendente que se preze, os membros da família Basso tentaram conseguir a cidadania italiana. Foram anos de sucessivas tentativas, colecionando sucessivos fracassos. Visitamos museus de imigrantes, cidadelas pitorescas, pequenos cemitérios. Folheamos livros de registros gigantescos e seculares, encontramos documentos perdidos. Coisas que nos ajudaram a nos conhecer melhor. Nada além.

Um inesperado apêndice, sufixado ao nome do meu bisavô por algum funcionário de alfândega distraído, condenou-nos a esta terra generosa, até que algum casamento transatlântico nos redima.

Dias desses, ainda nesta luta e já sem esperança, recorri à internet, com a mesma fé com que meus ancestrais pediam dádivas aos seus santos. Digitei na caixa de texto “Vicente Basso”. Quais seriam as chances de, espremida entre bytes, restar alguma informação de uma pessoa comum, morta trinta anos antes do advento da rede?

Em instantes, os pixels transfiguraram-se num resultado que envolvia meu bisavô, o renomado espírita Chico Xavier e uma dolorosa história de nossa família, ocorrida cinco meses antes do meu nascimento.

Era o relato da morte trágica, que eu desconhecia, de um jovem e promissor primo de segundo grau, seguido de cartas psicografadas pelo médium, nas quais era descrita a vida além-túmulo, num crescente de adaptação à nova condição de morto. Na primeira carta, menos consciente de sua transformação, meu desconhecido parente é amparado pelo nono. A partir da

Sul perché la mia famiglia non è spiritista

Alexandre Basso

Come tutti i discendenti che si rispettino, i membri della famiglia Basso hanno provato ad acquisire la cittadinanza italiana. Sono stati anni di numerosi tentativi e successivi fallimenti. Abbiamo visitato musei sull'immigrazione, cittadine pittoresche, piccoli cimiteri. Abbiamo sfogliato enormi volumi di registri civili secolari, abbiamo trovato documenti perduti. Cose che ci hanno aiutato a conoscerci meglio. Niente di più.

Un'inaspettata appendice apposta al nome del mio bisnonno da qualche funzionario di dogana distratto, ci ha condannati a questa terra generosa, finché qualche matrimonio transatlantico non ci redima.

In questi giorni, ancora in questa lotta e già senza speranza, sono ricorso ad internet, con la stessa fede con cui i miei antenati chiedevano grazie ai loro santi. Ho digitato nel campo di ricerca “Vicente Basso”. Quali erano le probabilità, espresse in byte, che fossero restate tracce di una persona comune, morta trent'anni prima dell'avvento della rete?

In pochi secondi i pixel si sono trasformati in un risultato che riguardava il mio bisnonno, il famoso spiritista Chico Xavier e una storia dolorosa della nostra famiglia, accaduta cinque mesi prima della mia nascita.

Era la relazione della morte tragica di un giovane e promettente cugino di secondo grado che io non conoscevo, seguita da lettere psicografiche del medium, nelle quali veniva descritta la vita aldilà della sepoltura, in un crescente adattamento alla nuova condizione di morto. Nella prima lettera, meno cosciente della sua trasformazione, il mio parente sconosciuto aveva

segunda, o estilo muda radicalmente: torna-se despojado, mais próximo da linguagem de um jovem dos anos setenta.

Comentei o achado com minha mãe no almoço do dia seguinte.

Recentemente, eu a levava assistir “Nosso lar”, supondo que a agradaria. Seu olhar irrequieto revelava incômodo com a narrativa cinematográfica. A perspectiva de outro céu, concorrente da sua concepção católica, não a seduzia. O seu já estava todo loteado, e velhos conhecidos esperavam por ela, cheios de novidades. Validando o ticket do estacionamento, quis saber o que achara do filme. Uma cara contraída foi a resposta.

Abandonando por um momento o espaguete, lembrou-se da história, da dor de uma mãe que perde um filho tão novo e da sugestão de uma tia, para que se escrevesse ao afamado religioso que prometia eliminar as distâncias entre o céu e a terra, oferecendo algum conforto aos desamparados.

Ninguém da família, entretanto, considerou verossímil o trabalho mediúnico. As razões para a desconfiança estavam em um só detalhe, uma única informação daquelas cartas, suficiente para desacreditá-las: psicografar a presença do meu bisavô amparando e confortando alguém comprometia qualquer credibilidade. Situar-lo em algum lugar que não fosse o inferno era um agravante.

Das nossas pesquisas, surgiram relatos que compuseram uma imagem tirana de meu ancestral: o leite bebido diretamente na garrafa, para dar asco e não ser dividido; o desperdício com os amigos e a miséria no lar; o direito exclusivo às partes nobres do frango; as bebedeiras; os filhos que trabalhavam sem intervalos, almoçando polentas dos bolsos do avental durante a colheita cansativa do café; meu avô que se viu forçado a partir, sem poder levar sequer uma enxada.

Mesmo morto, após tantas décadas, sua sombra parece querer atravessar as gerações. É ele, e não um documento incorreto, quem atrapalha os sonhos de sua descendência.

suggerimenti dal nonno. A partire dalla seconda, lo stile cambiava radicalmente: si spogliava, diventando più simile al linguaggio di un giovane degli anni Settanta.

Ho parlato del ritrovamento con mia mamma, durante il pranzo del giorno successivo.

Recentemente, l’ho portata a vedere “La nostra dimora”, supponendo le sarebbe piaciuto. Il suo sguardo irrequieto rivelava disagio con il film. La prospettiva di un altro cielo, concorrente alla sua concezione cattolica, non la seduceva. Lei era già destinata al suo, e vecchi conoscenti la aspettavano, pieni di novità. Validando il biglietto del parcheggio, ho voluto chiederle cosa pensasse del film. La risposta è stata un’espressione contratta.

Abbandonando per un momento gli spaghetti, si è ricordata della storia, del dolore di una mamma che perde un figlio tanto giovane e della suggestione di una zia perché si scrivesse al famoso religioso che prometteva di eliminare la distanza tra il cielo e la terra, offrendo un po’ di conforto ai disperati.

Nessuno della famiglia, però, aveva considerato verosimile la pratica medianica. Le ragioni di tale diffidenza erano in un unico dettaglio, un’unica informazione di quelle lettere, sufficiente per screditarle: psicografare la presenza del mio bisnonno accanto a qualcuno per consolarlo non dava loro alcuna credibilità. Metterlo da qualsiasi parte non fosse l’inferno era un aggravante.

Dalle nostre ricerche sono venute fuori relazioni che hanno composto un’immagine tiranna del mio antenato: il latte bevuto direttamente dalla bottiglia per provocare disgusto e non dividerlo; lo sperpero con gli amici e la povertà a casa; il diritto esclusivo alle parti nobili del pollo; le bevute; i figli che lavoravano ininterrottamente, mangiando polenta dalle tasche del grembiule durante il raccolto stancante del caffè; mio nonno, che si è visto forzato a partire senza poter portare nemmeno una zappa.

Nonostante sia morto e siano passati tanti anni, la sua ombra sembra voler attraversare le generazioni. È lui, e non un documento sbagliato, che disturba i sogni della sua discendenza.

Um certo Veneziano

Angélica Royo

*Minha alma te procurava
na incerteza de tua volta.
(Dante Alighieri)*

Um ruído me acorda. Achei que fosse meu marido, mas ao me virar vejo que dorme feito criança. Espero quieta, as vozes veem de fora. Levanto-me pé ante pé, abro a porta, espio, nada. Pego um agasalho, o celular indica sete graus. Continuo ouvindo o som, que aumenta. Saio a procura de não sei bem o quê. Minha curiosidade é grande.

O som vem do andar de cima. Uma escada próxima ao meu quarto, com carpete vermelho, me convida a subir. A porta aberta, entro numa sala forrada de tons azuis e de arabescos, iluminada por candelabros, um senhor na penumbra sentado numa Berger azul aveludada, me cumprimenta e convida para sentar frente à lareira, junto a ele. Noite fria, porém, a presença desse senhor tão simpático me aquece o espírito.

Seus olhos claros, cabelos e barba grisalhos, reconheço traços aristocráticos. Elegantemente vestido, robe de chambre bordô, parece que acaba de afeitar-se.

Uma xícara de “tè”, ou prefere um vinho, “branco” ou “rosso”, saboreio seu lindo sotaque vêneto.

– “Scusa per mia ingerenza”. Peço desculpas, tento me fazer entender.

– “Lascia stare”, ele me aquieta.

– “Io parlo mezzo italiano, mezzo spagnolo, mezzo inglese”.

– “Piacere di stare con te”, ele acrescenta.

Un certo Veneziano

Angélica Royo

*La mia anima ti cercava
nell'incertezza del tuo ritorno.
(Dante Alighieri)*

Un rumore mi sveglia. Ho pensato fosse mio marito, ma nel girarmi vedo che dorme come un bambino. Aspetto tranquilla, le voci vengono da fuori. Mi alzo, un piede dopo l'altro, apro la porta, sbircio, nulla. Prendo un maglione, il cellulare indica sette gradi. Continuo a sentire il suono, che aumenta. Esco in cerca di non so bene che cosa. La mia curiosità è grande.

Il suono arriva dal piano di sopra. Una scala vicina alla mia camera, con il tappeto di moquette rossa, mi invita a salire. La porta aperta, entro in una sala ricoperta di toni azzurri e di arabeschi, illuminata da candelabri, un signore seduto su una Berger di velluto azzurro, in penombra, mi saluta e mi invita a sedere di fronte al caminetto insieme a lui. La notte è fredda ma, tuttavia, la presenza di questo signore così simpatico mi riscalda il cuore.

Gli occhi chiari, i capelli e la barba brizzolati... riconosco tratti aristocratici. Vestito elegantemente, robe de chambre bordeaux, sembra abbia appena finito di radersi.

Una tazza di “tè”, o preferisce un vino, “bianco” o “rosso”, assaporo il suo bell'accento veneto.

“Scusa per la mia ingerenza”. Chiedo scusa, tento di farmi capire.

“Lascia stare”, mi tranquillizza lui.

“Io parlo mezzo italiano, mezzo spagnolo, mezzo inglese”.

Insiste dizendo para não me preocupar. Aceito uma taça de vinho branco. O primeiro gole do frisanter Lambrusco traz ao meu paladar os sabores exóticos da Itália, me aquece, a língua desenrola sem timidez. Conversamos sobre tudo, me conta da herança de seu “Palazzo” que abriga a família há centenas de anos, e que já foi restaurado. Cada vez que fala de seus descendentes, seus olhos brilham mais que o reflexo da cristaleira.

Contou-me da vida em Veneza, da formação da cidade, das ilhas que, ao se aproximarem por força da natureza, permitiram a construção de pontes, formação dos canais, igrejas, monumentos, da Basílica de São Marco; fala de sua participação na Academia das Ciências, Letras e Artes. Uma esplêndida aula de história.

As horas passam e conto sobre minha origem. Falo dos meus pais, do orgulho de minha mãe em ser descendente de bareses de Polignano à Mare; de meu marido, um lindo ser com alma napolitana com toda irreverência e amor pela música e culinária do Tirreno; de meu filho um perfeito Davi de Michelangelo. E eu, bem à sua frente, demonstro o desejo de achar outras Itálias em mim.

O dia nasce num azul cristalino, agradeço e digo que voltarei mais vezes para esse hotel. Peço desculpas pois sigo viagem em algumas horas. Nos despedimos. Pensei em mandar-lhe um pacote de café dos bons para que se lembre sempre desta italo-brasileira curiosa.

Durmo mais um pouco.

O atraso de meu voo nos obriga a permanecer mais uma noite no hotel. Só há um quarto disponível, ao lado da sala onde passei a noite conversando com aquele senhor tão interessante e culto.

Ao me encaminharem para o quarto, reparo que a sala está trancada. Penso que o senhor está fora. Esta porta se mantém fechada me disseram. Por ser a sala preferida do proprietário desse imóvel, Sr. Dragomanni, falecido há muitos anos.

Insisto que me deixem entrar na sala. Pedido atendido. Qual

“Piacere di stare con te”, aggiunge lui.

Insiste con il dirmi di non preoccuparmi. Accetto una tazza di vino bianco. Il primo sorso di Lambrusco frizzante porta al mio palato i sapori esotici dell'Italia, mi scalda, la lingua si scioglie dalla sua timidezza. Parliamo di tutto, mi racconta dell'eredità del suo “Palazzo”, che appartiene alla famiglia da centinaia di anni, e che è già stato restaurato. Ogni volta che parla dei suoi discendenti, i suoi occhi brillano più del riflesso della cristalliera.

Mi racconta della vita a Venezia, di com'è stata formata la città, delle isole che avvicinandosi naturalmente hanno permesso la costruzione di ponti, la formazione dei canali, chiese, monumenti, della Basilica di San Marco e della sua partecipazione all'Accademia delle Scienze, Lettere e Arti. Una splendida lezione di storia.

Le ore passano e parlo delle mie origini. Parlo dei miei genitori, dell'orgoglio di mia madre per essere discendente dei baresi di Polignano a Mare; di mio marito, un bell'uomo con anima napoletana con tutta l'irriverenza e l'amore per la musica e il cibo del Tirreno; di mio figlio, un perfetto David di Michelangelo. E io, proprio di fronte a lui, mostro il desiderio di trovare altre Italie in me stessa.

Il giorno sorge in un azzurro cristallino, ringrazio e dico che tornerò altre volte in questo hotel. Chiedo scusa perché partirò dopo poche ore. Ci salutiamo. Ho pensato di mandargli un pacco di caffè di quelli buoni perché si ricordi sempre di questa curiosa italo-brasiliana.

Dormo un altro po'.

Il ritardo del mio volo ci obbliga a trascorrere un'altra notte nell'hotel. C'è solo una stanza disponibile, accanto alla sala in cui ho passato la notte a chiacchierare con quel signore tanto interessante e colto.

Andando in camera, mi accorgo che la sala è chiusa. Penso che il signore sarà fuori. Questa porta è sempre chiusa, mi hanno detto. Perché è la sala preferita del proprietario dell'immobile, Sig. Dragomanni, mancato molti anni fa.

não foi minha surpresa ao deparar com um retrato a óleo do homem que contou histórias tão fascinantes, na noite anterior. A figura bela e robusta retratada no estilo de Ticiano. Me arrepio ao saber que morreu em 1752, e foi o fundador deste hotel.

Na surpresa perturbadora, ouço uma voz ao longe:

“Te conheço há muito tempo, você é minha convidada, fique com meu quarto porque, para mim, você é muito especial.”

Mergulho num silêncio apaziguador tendo uma única certeza: tudo isso só faz sentido nas penumbras de Veneza.

Insisto perché mi lascino entrare nella sala. Richiesta esaudita. Potete immaginare la mia sorpresa al vedere un ritratto ad olio dell'uomo che mi ha raccontato storie tanto affascinanti la notte prima. Figura bella e robusta ritratta con lo stile di Tiziano. Mi vengono i brividi a sapere che è morto nel 1752 e che ha fondato l'hotel.

Nella perturbante sorpresa, sento una voce da lontano:

“Ti conosco da molto tempo, sei mia ospite, resta nella mia camera perché, per me, sei davvero speciale.”

Mi immergo in un silenzio che mi calma avendo un'unica certezza: che tutto questo ha senso solo nelle penombre di Venezia.

Inclinações

Carmem Teresa Elias

Um pianista solitário tocava *Al Di La* em um canto qualquer da rodoviária. Eu acabara de chegar. Sentei-me próxima a ele, junto à cauda inclinada do piano aberto, para cantarolar em silêncio o quanto aquela canção me levava o pensamento até mamãe. Muito além... Crescer sem mãe é doloroso; e sem pai, também, ausências que fizeram de mim um misto de dor e imaginário. Sofrimento e fantasia: dualidades que não deveriam combinar, mas em tempos de guerra deviam ter sido companheiros. Em minha casa, mesmo quarenta anos depois, falava-se na Segunda Guerra, em mamãe tão elegante em uniforme de voluntariado. Contavam-se histórias tristes de homens tristes cujas feridas mamãe também sofrera, ao lado deles, em várias línguas, pois até num campo de guerra sempre sobra alguma piedade e compaixão. “Homens abatidos não têm fronteiras e nem bandeiras; são apenas abates”, dizia Tia Cecília, irmã mais nova de mamãe, que me criou em Ribeirão. Mamãe morrera de parto, já de volta ao Brasil ao fim da guerra, e dela eu herdara uma foto na Torre inclinada de Pisa, aquele erro ou desacerto semelhante à vida de uma filha sem pai e sem mãe. Mamãe estava linda. Não se sabe se na foto ela já estava grávida de mim. Era linda ao lado da Torre naquele mundo torto que ameaçava desmoronar de ódio e de matança. Não se sabia nada sobre meu pai. Mamãe tentara se comunicar com ele sobre a gravidez quando já estava de volta, mas os obstáculos, a diferença de língua, a impossibilidade de localização de endereços, as cidades destruídas, vários fatores somavam contra. Nunca soubemos se

Inclinazioni

Carmem Teresa Elias

Un pianista solitario suonava *Al Di La* in un angolo qualsiasi dell'autostazione. Io ero appena arrivata. Mi sono seduta vicino a lui, vicino alla coda inclinata del piano aperto, per canticchiare in silenzio quanto quella canzone portava il pensiero alla mamma. Molto più in là... Crescere senza mamma è doloroso; e anche senza papà, assenze che avevano creato in me un misto di dolore e immaginazione. Sofferenza e fantasia: dualità che non si dovrebbero combinare, ma che in tempi di guerra erano state compagne. A casa mia, anche quarant'anni dopo, si parlava della Seconda Guerra, di mamma così elegante nell'uniforme del volontariato. Si raccontavano storie tristi di uomini tristi con cui mia madre ha condiviso le ferite nelle diverse lingue perché persino in un campo di guerra resta un po' di pietà e compassione. “Gli uomini caduti in guerra, non hanno frontiere né bandiere; sono solo morti”, diceva zia Cecília, sorella più giovane della mamma, che mi ha cresciuta a Ribeirão. La mamma era morta di parto di ritorno in Brasile, finita la guerra, e di lei ho ereditato una foto della Torre pendente di Pisa, quell'errore o equivoco simile alla vita di una figlia senza papà e senza mamma. La mamma era bellissima. Non si sa se nella foto fosse già incinta di me. Era bellissima accanto alla Torre in quel mondo storto che minacciava di cadere in pezzi di odio e massacro. Non si sapeva nulla di mio papà. Mamma aveva provato a parlare con lui della gravidanza quando era già di ritorno, ma gli ostacoli, le lingue diverse, l'impossibilità di localizzazione degli indirizzi, le città distrutte, vari fattori si sommarono contro. Non abbiamo mai saputo se papà fosse venuto a conoscenza della gravidanza

papai soube da gravidez de mamãe, se papai recebeu alguma carta... *Al di la del mare più profondo...*

Vim a São Paulo porque em breve eu a encontraria, junto a um órgão do governo italiano em São Paulo, conforme combinado, por certas necessidades burocráticas. Uma estranha viera de Itália a minha procura... Respirei fundo ao som da música. E finalmente eu andava rumo à saída da rodoviária, cantando muito além do bem mais precioso e pisando torto nos saltos finos do sapato. Pisava torto de propósito, como estigma de ser minha própria Pisa com meus pés.

Tive medo. Indefinições que vêm de memórias de guerra geram medo. Mas logo que a vi, apaziguei-me. Ela era alta, robusta, de olhos claros como os meus, de cabelos levemente cacheados e de pontas alouradas, como os meus. O adido no consulado nos apresentou:

- Signora Paola.
- Senhora Constância.

Paola inclinou a cabeça num gesto carinhoso, disse algumas palavras que não entendi e chorou por alguns minutos. Abriu a bolsa e me entregou uma foto da Torre de Pisa, manchada, de rosto sem nitidez de um homem combalido, triste, inclinado pelo pé que lhe faltava:

“Nostro papà”, ela disse. “Se chamava Costanzo”.

Emudeci.

O adido foi simples e prático: “A senhora Paola com o apoio dos governos brasileiro e italiano conseguiu finalmente encontrar a senhora, Dona Constância. O pai dela faleceu em 1965. Deixou com ela uma história de amor antiga com uma jovem brasileira que salvou sua vida quando ele agonizava entre refugiados. Após a guerra, ele procurou sempre por essa jovem enfermeira voluntária de nome Dalva. Senhora Constância, custou muito rastrear sua existência, e, agora, temos por certo que o pai de Paola era também o seu pai.”

Nunca vou saber ao certo como dois supostos inimigos se amaram no interior de uma guerra, mas há uma Itália dentro

di mamma, se papà avesse ricevuto qualche lettera... Al di là del mare più profondo...

Sono venuta a San Paolo perché a breve l'avrei incontrata, insieme a un organo di governo italiano a San Paolo, come organizzato, per alcune necessità burocratiche. Una sconosciuta venuta dall'Italia a cercarmi... Ho respirato profondamente al suono della musica. E finalmente ho camminato verso l'uscita dell'autostazione, cantando molto aldilà del bene più prezioso e camminando storta sui miei tacchi sottili. Camminavo storta di proposito, come stigma della mia Pisa con i miei stessi piedi.

Ho avuto paura. Le incertezze che arrivano dalle memorie della guerra fanno paura. Ma appena l'ho vista, mi sono tranquillizzata. Era alta, robusta, con gli occhi chiari come i miei, con i capelli lievemente mossi e dalle punte dorate, come i miei. Il funzionario del consolato ci ha presentate:

- Signora Paola.
- Signora Constância.

Paola ha inclinato la testa in un gesto gentile, ha detto alcune parole che non ho capito e ha pianto alcuni minuti. Ha aperto la borsa e mi ha consegnato una foto della Torre di Pisa, macchiata, con il viso poco nitido di un uomo stremato, triste, inclinato a causa del piede mancante:

“Nostro papà”, ha detto. “Si chiamava Costanzo.”

Sono rimasta senza parole.

Il funzionario è stato semplice e pratico. “La signora Paola, con l'appoggio del governo brasiliano e italiano, è finalmente riuscita a incontrare la signora, Dona Constância. Il padre è mancato nel 1965. Le ha lasciato una storia di un vecchio amore con una giovane brasiliana che gli aveva salvato la vita quando agonizzava tra i rifugiati. Dopo la guerra, aveva continuato a cercare quella giovane infermiera volontaria di nome Dalva. Signora Constância, è stato difficile per noi rintracciarla e, adesso, siamo certi che il padre di Paola e suo padre siano la stessa persona.”

Non saprò mai con certezza come due ipotetici nemici si

de mim, sempre houve, uma Itália de histórias, de sangue, de risos, de lágrimas, de genes, de música além do bem mais precioso, muito além do limite do mundo. Agora, depois de mais de quarenta anos, eu passava a ter uma irmã mais nova que vinha de muito além para me encontrar e trazer uma família. Paola perguntou-me sobre minha família e na mesma hora convidei-a a conhecer o que posso dar de melhor do Brasil para ela: meus filhos. E fomos juntas direto para a rodoviária. Em algumas horas minha irmã conheceria seus sobrinhos. Na estação paramos para ouvir *Al di La* ao lado do piano de cauda inclinada. Há uma Itália em nós, uma Itália inclinada ao amor.

siano potuti amare durante la guerra, ma c'è un'Italia dentro di me, c'è sempre stata, un'Italia di storie, di sangue, di risa, di lacrime, di geni, di musica al di là del bene più prezioso, molto al di là del limite del mondo. Adesso, dopo più di quarant'anni, scopro di avere una sorella più giovane che veniva da molto lontano per incontrarmi e portare una famiglia. Paola mi ha chiesto della mia famiglia e l'ho invitata subito a conoscere ciò che posso dare di meglio del Brasile: i miei figli. E siamo andate insieme alla autostazione. Tra qualche ora mia sorella conoscerà i suoi nipoti. In stazione ci siamo fermate ad ascoltare *Al di La* accanto al piano con la coda inclinata. C'è un'Italia in noi, un'Italia inclinata all'amore.

Vermelho-rubro

Cesar Luis Theis

Esclarece lentamente no sítio dos Meninos, uma manhã colorida pelos primevos raios de sol de verão de fevereiro, meu avô já sentado ao lado do fogão espera pelo apitar da chaleira para fazer o chimarrão; enquanto a água esquenta, balança na cadeira e repica lascas do enrolado de fumo de corda para inteirar a boca do velho cachimbo.

Lá por fora, tio Antônio desde cedo já fuçava pelo porão da casa a procura de alguma coisa, os barulhos inquietavam as crianças na parte de cima da antiga casa de madeira azul em estilo colonial... tia Cacilda que se precipitou ao sol vem subindo da estrebaria, trazendo o balde com leite fresco para garantir o café da manhã.

Eu sabia que a safra era boa, andava de olho desde que meu avô e eu fomos podar os ramos da videira, meu ofício era o de sempre, separar e cortar as palhas para prender a ramagem, rara vez que seu Valdemar, meu avô, emprestava seu canivete amarelo que guardava no bolso direito... sabia que logo ouviria alguma história destas de entreter menino, sobre aquela videira, que meu avô havia trazido de terras além mar.

Meu avô era homem campeiro, forjado rústico pelo trabalho no campo, mas, com a chegada dos cabelos brancos as vezes dava-se a alguma reminiscência em forma de contar história enquanto pitava o velho cachimbo... sempre me impressionava com seu entendimento sobre o saci-pererê, que vivia lá na mata no fundo do sítio, do qual em uma trapaça caipira que causaria inveja a astúcia de Malasartes, havia conseguido tirar-lhe o cachimbo.

Rosso Rubino

Cesar Luis Theis

Albeggia lentamente nella fattoria dei Bambini, una mattina colorata dai raggi primordiali del sole estivo di febbraio. Mio nonno è già seduto accanto al fuoco ad aspettare il fischio del bollitore per fare il mate, mentre l'acqua si scalda lui si dondola sulla sedia e sminuzza pezzetti del rolo di tabacco per caricare la vecchia pipa.

Fuori, zio Antônio da presto curiosava nella cantina della casa in cerca di qualcosa, i rumori spaventavano i bambini nella parte sopra della casa antica in legno azzurro, in stile coloniale... zia Cacilda che è corsa al sole viene salendo dalla stalla, portando il secchio con il latte fresco per la colazione.

Io sapevo che il raccolto era buono, lo controllavo mentre io e il nonno andavamo a potare i rami della vite. Il mio compito era quello di sempre, separare e tagliare le paglie per legare le ramaglie, nella rara volta in cui Signor Valdemar, mio nonno, mi prestava il suo coltellino giallo che teneva nella tasca destra... sapevo che avrei presto sentito qualche storia, di quelle per intrattenere i bambini, su quella vite che mio nonno aveva portato da terre d'oltremare.

Mio nonno era un uomo di campagna, rustico, forgiato dal lavoro nei campi ma, con l'arrivo dei capelli bianchi, a volte si perdeva nei ricordi fingendo di raccontare storie mentre fumava la vecchia pipa... mi impressionava sempre la sua competenza su saci-pererê che viveva lì nella foresta in fondo alla fattoria, al quale con un ingegno che avrebbe fatto invidia all'astuzia di Malasartes, sarebbe riuscito a rubare la pipa.

A questo punto zio Antônio era già impaziente nella cantina

A estas alturas tio Antônio já estava impaciente no porão e resolveu buscar abrigo nos conhecimentos do vovô, que desceu e logo encontrou em uma caixa as tesouras para cortar os cachos de uva que começavam a ter seus roxos e violetas revelados por inaugurais raios dourados que resvalavam entre o verde das folhas da parreira.

E, após o café, um a um vão deixando a cozinha, eu ainda espero meu avô terminar de pitar seu cachimbo, afinal, minha participação era sempre orientada por ele, não carecia nenhum afobamento, vovô também não se apressava, afinal tio Antônio que cuidava do início da vindima, fazendo o corte e selecionando os cachos de uva no parreiral, então com ajuda do pessoal ia enchendo os cestos de palha... aos poucos os cavanejos cheios eram trazidos, então os cachos de uva eram lavados e pesados, e aos poucos a caixa de “lagar de pisa” ia se abarrotando dos cachos da vindima.

Seu Valdemar sentado pitava o cachimbo, por vezes num entreolhar levantava a sobrançelha direita para tio Antônio, que entendia imediatamente que alguma ação estava em desacordo com a experiência do vovô e logo tratava de se arremedar até a sobrançelha voltar ao seu lugar de descanso. Geralmente eram as moças da família que faziam o pisa pé das uvas, mas, segundo meu avô, eu tinha o tamanho e peso ideal para a tarefa, porém, sempre suspeitei que se tratava da forma de expressar sua preferência pelo primeiro neto, que dissimulava com este pretexto.

Finalmente, era chegada a hora, meu avô levantou-se se aproximando da grande caixa de madeira, e fez um movimento repentino me segurando pelos braços, vejo meus pés indo se afastando do chão, até superar a altura da caixa... então aterrisso suavemente sobre os cachos vermelho-rubro, tio Antônio fez um leve gesto de desaprovção com a cabeça, enquanto um suave nascente sorriso de satisfação enfeitou o rosto do vovô, afinal a proeza provava que a idade avançada e os cabelos brancos não haviam usurpado a força necessária para suspender o neto.

Aquele momento no tempo produz um instante inenarrável,

e aveva deciso di cercare rifugio nella comprensione del nonno, che era sceso e aveva subito trovato in una cassa delle forbici per tagliare i grappoli d'uva che iniziavano ad avere gli acini rossi e viola mostrati da quei raggi dorati inaugurali che scivolavano tra il verde delle foglie del fico.

E dopo la colazione, uno a uno lasciano la cucina, io aspetto ancora che mio nonno finisca di fumare la sua pipa. Alla fine, il mio intervento era sempre orientato da lui, non richiedeva nessuna urgenza, anche il nonno non aveva fretta. Alla fine, zio Antônio, che si occupava dell'inizio della vendemmia facendo il taglio e selezionando i grappoli d'uva della vite, allora con l'aiuto del personale riempiva i cesti di paglia... a poco a poco le ceste piene venivano portate, e i grappoli d'uva erano lavati e pressati e a poco a poco il contenitore del “frantoio per pigiare l'uva” si riempiva di grappoli della vendemmia.

Il Signor Valdemar stava seduto a fumare la pipa, a volte in un incrocio di sguardi alzava il sopracciglio destro a zio Antônio, che capiva subito che qualche azione era in disaccordo con l'esperienza del nonno e cercava subito di sistemare finché il sopracciglio non tornava al suo posto. Generalmente erano le ragazze della famiglia che pestavano l'uva ma, secondo mio nonno, io ero dell'altezza e peso ideale per il compito. Tuttavia, ho sempre sospettato fosse il suo modo di dimostrare la preferenza per il primo nipote, che dissimulava con questo pretesto.

Finalmente, arrivato il momento, mio nonno si è alzato avvicinandosi alla grande cassa di legno e ha fatto un movimento rapido prendendomi dalle braccia, ho visto i miei piedi allontanandosi da terra, fino a superare l'altezza della cassa... e sono atterrato soavemente sopra i grappoli rosso rubino, zio Antônio ha fatto un lieve gesto di disapprovazione con la testa, mentre un invisibile e dolce sorriso di soddisfazione ha riempito il volto del nonno, alla fine la prodezza provava che l'età avanzata e i capelli bianchi non avevano usurpato la forza necessaria ad alzare il nipote.

Quel momento nel tempo produce un istante inenarrabile, di volti adorni di sorrisi e sottili raggi dorati di sole dell'estate...

de rostos adornados com sorrisos e réstias de dourados raios de sol de verão... o laço entre gerações com raízes tão profundas quanto as da antiga videira, momento que ecoa para a história e testemunha a força da vida campeira.

Enquanto vou circundando meus pequenos pés começam a esmagar os cachos, e lentamente o vivido mosto vai se formando, meu avô acena que é o suficiente, então tio Antônio precipita-se e me tira da grande caixa de madeira, e os cachos de uva levemente pisoteados são colocados sobre a mesa de ripaço, e com a força dos braços de tio Antônio e do vovô a caixa de recolha embaixo da mesa vai sendo tomada de um colorido vermelho-rubro de singularidade indescritível, deixando pra trás os pedúnculos dos cachos de uva.

O mosto logo era armazenado nas pipas de madeira, uma parte separada e colocado na grande ânfora de barro no porão, que vovô fez com argila vermelha que também usou para erguer o forno a lenha... famoso por assar os enormes pães e cucas vendidos nas festas da paróquia.

É fato conhecido que o vinho sempre estava na mesa nos almoços de família, especialmente quando tínhamos visitas e o vinho da talha vovô deixava para datas festivas, mas, para menino somente sangari de vinho, fraquinho, com água e açúcar... é assim que encontro minhas memórias, coloridas de vermelho-rubro com sabor de sangari regadas com histórias contadas pelo vovô na infância vivida no sítio dos Meninos.

il laccio tra generazioni con radici così profonde quanto la vite antica, momento che riecheggia la storia e testimonia la forza della vita di campagna.

Mentre cammino in tondo i miei piccoli piedi cominciano a schiacciare i grappoli e lentamente il mosto vivido si forma, mio nonno accenna che è sufficiente e allora zio Antônio corre e mi tira fuori dalla cassa di legno e i grappoli d'uva leggermente schiacciati sono messi sopra la tavola per la diraspatura e con la forza delle braccia di zio Antônio e del nonno la cassa della raccolta sotto la tavola prende un colore di un rosso rubino indescrivibile, lasciando indietro i raspi dei grappoli d'uva.

Il mosto veniva subito immagazzinato nelle botti di legno, una parte separata e messa nella grande anfora di argilla della cantina, che nonno aveva fatto con l'argilla rossa con cui aveva anche costruito il forno a legna... famoso per cucinare i pani enormi e i cucas venduti alle feste della parrocchia.

È un fatto noto che il vino era sempre sul tavolo ai pranzi di famiglia, specialmente quando avevamo visite e il vino di talha era lasciato dal nonno per i giorni di festa ma, per il piccolo solo "sangari di vino", leggerino, con acqua e zucchero... è così l'incontro con i miei ricordi, colorato di rosso rubino con il sapore del "sangari" accompagnato con storie raccontate dal nonno nell'infanzia vivida nella fattoria dei Bambini.

Campo de girassóis

Christopher Augusto Carnieri

Já era um pouco mais de quatro da tarde quando senti o perfume do café passado pela minha avó. Estou no jardim brincando em um mundo moldado por rosas e araquês. Talvez 1988 ou 1989. Ouço-a me chamar à mesa e ao chegar sinto-me tão bem ao ver as pessoas que eu amo todas juntas. À época, eu não gostava muito de café, mas sempre relacionei seu perfume a coisas boas e, de certa forma, à Itália.

Só fui unir perfume e gosto em novembro de 2010 quando passei esse mês em um curso de férias-estudo em Castelraimondo, Macerata. Minha primeira impressão foi que existia uma Itália imaginada começando a contrastar com uma Itália real. As pessoas, em sua maioria descendentes, carregavam bagagens emocionais de pertencimento: memórias construídas de memórias contadas, geração após geração. Tudo confluindo na paisagem de campos e ruelas que seduziam olhares e corações em uma mágica supressão do tempo. Ouvi alguns dizerem: “é tão familiar”, “eu me sinto em casa”. Porém, eu não me senti em casa assim tão rápido. Para mim foi mais parecido com o filme “Sob o Sol da Toscana”, no qual a protagonista tentou cumprimentar o velhinho das flores por duas vezes, mas só na terceira houve uma real conexão entre almas. A Itália permanecia escondida para mim. Era diferente da Itália no jardim da casa da minha avó. Faltava alguma coisa.

Nunca fui um bom turista. Enquanto muitos olhavam para as estátuas e monumentos, eu me perguntava quem eram as pessoas que passavam por eles sem lhes dar nenhuma atenção. Sempre achei curioso sentir os lugares quando os olhares já não

Campo di Girasoli

Christopher Augusto Carnieri

Era poco più tardi delle quattro quando ho sentito il profumo del caffè filtrato da mia nonna. Giocavo nel giardino in un mondo plasmato da rose e araquês. Forse era il 1988 o 1989. La sento dirmi di andare a tavola e all'arrivo mi siedo a vedere le persone che amo tutte riunite. All'epoca non mi piaceva molto il caffè, ma ho sempre collegato il suo profumo alle cose belle e, in qualche modo, all'Italia.

Ho congiunto profumo e gusto solo nel novembre 2010, quando ho trascorso novembre frequentando una vacanza-studio a Castelraimondo, Macerata. La mia prima impressione è stata che esisteva un'Italia immaginata che iniziava ad entrare in contrasto con un'Italia reale. Le persone, per la maggior parte discendenti, caricavano bagagli di emozioni di appartenenza: memorie costruite su memorie raccontate, generazione dopo generazione. Tutto confluiva nel paesaggio di campi e stradine che seducevano gli sguardi e i cuori in una magica soppressione del tempo. Ho sentito alcuni dire: “è così familiare”, “io mi sento a casa”. Tuttavia, io non mi sono sentito a casa così rapidamente. Per me è stato più come il film “Sotto il sole della Toscana”, dove la protagonista (Diane Lane) prova a salutare il vecchietto dei fiori (Mario Monicelli) per due volte, ma solo alla terza avviene una reale connessione tra anime. L'Italia, per me, rimaneva nascosta. Era diversa dall'Italia del giardino di casa di mia nonna. Mancava qualcosa.

Non sono mai stato un buon turista. Mentre molti osservavano le statue e i monumenti, io mi domandavo chi fossero le persone che vi passavano attraverso senza degnarli di alcuna

os carregam de significados. A cafeteria na manhã seguinte a uma noite movimentada, a estação de trem após as despedidas, retornar a lugares marcantes em outro momento, dias, às vezes anos depois... É como sobrepor desenhos em folhas de papel vegetal. Talvez quisesse me perder para encontrar novos caminhos, não aqueles que me eram dados. Acho que queria descobrir a minha Itália. Não a imaginada, não a real, mas aquela com cheiro de café passado um pouco depois das quatro da tarde.

A casa da minha avó não existe mais. Minha avó já não está mais entre nós. Eu cumprimentei a Itália mais duas vezes, assim como a mulher tentou atrair o cumprimento do velhinho. Foram oito anos depois, em uma estrada no meio de uma plantação de girassóis que eu me senti em casa na Itália. Só nesse momento senti a retribuição do olhar. Estava sozinho, mas senti cheiro de café passado (provavelmente fruto da minha imaginação), não era pouco depois das quatro, mas me lembrei das pessoas que eu amo. Agradei por todas as amizades que fiz durante três aventuras naquelas terras. Foram elas que me mostraram a verdadeira essência da Itália: elas. Por muito tempo eu quis morar na Itália, mas acabei fazendo uma troca. Deixei o sonho no campo de girassóis e trouxe a Itália de volta para casa: em meu coração.

attenzione. Ho sempre trovato curioso percepire i luoghi quando gli sguardi non li caricano più di significati. La caffetteria la mattina seguente ad una notte movimentata, la stazione dei treni dopo le partenze, tornare a luoghi significativi in un altro momento, giorni, a volte anni dopo... è come sovrapporre disegni in fogli di carta vegetale. Forse volevo perdermi per trovare nuovi sentieri, non quelli che mi erano stati dati. Penso che volessi scoprire la mia Italia. Non quella immaginata, non quella reale, ma quella con il profumo di caffè filtrato poco dopo le quattro di pomeriggio.

La casa di mia nonna non esiste più. Mia nonna non è più con noi da un po'. Io ho salutato l'Italia altre due volte, così come la donna ha provato ad attrarre il saluto del vecchietto. È stato otto anni dopo, in una strada nel mezzo di una piantagione di girasoli, che mi sono sentito a casa in Italia. Solo in quel momento ho sentito il cambio di prospettiva. Ero solo, ma ho sentito il profumo del caffè filtrato (probabilmente frutto della mia immaginazione). Non erano da poco passate le quattro, ma mi sono ricordato delle persone che amo. Ho ringraziato per tutte le amicizie avute durante tre avventure in quelle terre. Sono state loro che mi hanno mostrato la vera essenza dell'Italia: loro. Ho voluto vivere in Italia a lungo, ma alla fine ho fatto uno scambio. Ho lasciato il sogno nel campo di girasoli e ho portato l'Italia a casa: nel mio cuore.

A Itália em mim

Cida Micossi

Nas fotos dos mortos na sala, na lembrança do moinho de pedra de meu avô paterno que, juntamente com o milho, prensava a melancolia da terra deixada para trás, eu sinto a Itália. Sinto também na saudade da freguesia, formada em sua maioria de oriundos que vinham ao armazém praticar o escambo: trocavam o milho pelo fubá e aproveitavam para fazer a despesa mensal.

Nos meus cromossomos, nos meus sentidos, nos meus sentimentos: de orgulho, de amor, de paixão pela culinária e pelo trabalho, pela religião, pelo palavrão, pela música e pela dança, pelas conversas no salão, pela reza, pela sanfona, pelo pandeiro e pelo violão. No simples olhar que dizia tudo, desde o “comportar-se” até o “eu te amo”. Nas histórias da Itália ouvidas dos nonos, imaginadas e sentidas pelos netos entre os quais eu, na união dos ruidosos familiares e na nobreza dos sentimentos. Exagerado amor às flores, que acabei compreendendo na primeira vez em que viajei para a Itália. Era primavera, as cidades estavam todas floridas. Entendi então porque minhas tias e minha mãe cultivavam tantas e tão variadas plantas.

Está arraigado em minhas recordações o preparo da massa e do molho de tomate (no tacho de cobre com colher de pau) pela avó paterna, em cuja casa se reuniam os filhos, genros, noras e netos para o almoço de domingo. A tómbola após a refeição, o respeito ao avô que, à tardinha, parava com as atividades familiares para se dedicar às orações. Infalivelmente.

Coincidência ou não, o avô tinha tatuada na saudade e no pulso a imagem da Madonna di Loreto. Chamava-se Nazareno

L'Italia in me

Cida Micossi

Nelle foto dei morti, in sala, nel ricordo del mulino di pietra di mio nonno paterno che pressava, insieme al grano, la malinconia della terra lasciata indietro, io sento l'Italia. Sento anche la nostalgia del rione formato per la maggior parte da originari di quella terra che venivano al magazzino a fare lo scambio: scambiavano il grano con il mais e approfittavano per fare la spesa mensile.

Nei miei cromosomi, nel mio sentire, nei miei sentimenti: di orgoglio, di amore, di passione per la cucina e per il lavoro, per la religione, per le parolacce, per la musica e per la danza, per le chiacchiere nel salotto, per la preghiera, per la fisarmonica, per il tamburo e per la chitarra. Nel semplice sguardo che diceva tutto, dal “comportati bene” al “ti voglio bene”. Nelle storie d'Italia ascoltate dai nonni, immaginate e sentite dai nipoti tra cui io, nell'unione dei familiari chiassosi e nella nobiltà dei sentimenti. Amore esagerato per i fiori, che ho compreso solo la prima volta in cui sono stata in Italia. Era primavera, le città erano piene di fiori. Ho capito allora perché le mie zie e mia mamma coltivavano tante piante differenti.

È radicata nei miei ricordi la preparazione della pasta e del sugo di pomodoro (nella pentola di rame con il mestolo di legno) dalla nonna paterna, quando a casa sua si riunivano i figli, generi, nuore e nipoti per il pranzo della domenica. La tombola dopo il pasto, il rispetto al nonno che, nel tardo pomeriggio, smetteva le attività familiari per dedicarsi alle preghiere. Immancabilmente.

Coincidenza o no, il nonno aveva tatuata nella nostalgia e nel polso l'immagine della Madonna di Loreto. Si chiamava

em devoção a Ela, vinda de Nazaré em Israel e transportada por anjos séculos depois (segundo a lenda) até a região onde ele nasceu. Ele, que mesclava a atividade manual com a religiosidade latente, plantava no jardim o pé de contas, as quais manipulava com um alicate e arame, produzindo o rosário. Atividade que desenvolveu até os seus últimos anos de vida. E rezava.

A avó paterna plantava hortaliças e cuidava dos pés de frutas, entre elas as uvas, maçãs e peras que tanto nos atraíam, mas que só podíamos colher quando estivessem maduras. Que mundo encantador!

Por outro lado, na casa da nona materna lembro-me do avô de olhos azuis e cabelos tão loiros que pareciam amarelos. Era lavrador e partiu cedo, deixando saudade e paixão. A nona viúva era calada: diferentemente dos ruidosos nonos paternos, ela se manifestava através do silêncio e da delicadeza. Sensibilidade, emotividade, discrição em tudo: no seu caminhar parecia que os chinelos deslizavam; no seu vestir sempre usava roupas escuras, avental e lenço na cabeça. Trazia no peito a paixão pelos filhos e netos.

Ambas as famílias saíram da Itália em busca de melhores oportunidades, influenciadas pelos conhecidos que de lá vieram antes e que lhes escreveram dizendo maravilhas a respeito desta nossa terra.

Deixarem os seus e enfrentarem a viagem de “vapore” foram provas de resistência que realizaram com coragem e determinação; ao chegarem aqui encontraram um território desconhecido e a língua totalmente diferente. Eles reconstruíram suas vidas sem perspectiva de retornarem, devido à situação financeira. Imagino a saudade que sentiam... Adaptaram-se, deixaram sua contribuição, formaram família e nome honrado, como a maioria dos italianos que em nosso país aportaram.

Para eles, a música era: a enxada roçando o mato, os pés sulcando a terra, as mãos sovando a massa... As crianças ficavam sob os cuidados dos nonos enquanto os pais iam para a roça. Ali se desenvolvia o respeito, a religião, a educação em si.

Nazareno in devozione a Lei, venuta da Nazareth in Israele e trasportata dagli angeli secoli dopo (secondo la leggenda) fino alla regione in cui era nato lui. Lui, che mischiava l'attività manuale con la religiosità latente, piantava in giardino le “Lacrime di Giobbe” che manipolava con pinze e filo, creando il rosario. Attività che svolse fino ai suoi ultimi anni di vita. E pregava.

La nonna paterna piantava verdure e si prendeva cura degli alberi da frutto, tra cui uva, mele e pere che tanto ci attiravano, ma che potevamo cogliere solo quando fossero state mature. Che mondo incantato!

D'altra parte, nella casa della nonna materna mi ricordo del nonno con gli occhi azzurri e i capelli così biondi da sembrare gialli. Era un contadino ed è mancato presto, lasciando saudade e passione. La nonna vedova era silenziosa: diversamente dai nonni paterni chiassosi, lei si manifestava attraverso silenzio e delicatezza. Sensibilità, emotività, discrezione in tutto: nel suo camminare sembrava che le ciabatte scivolassero; nel suo vestire usava sempre vestiti scuri, grembiule e fazzoletto in testa. Portava nel cuore la devozione per i figli e i nipoti.

Entrambe le famiglie erano partite dall'Italia in cerca di opportunità migliori, influenzate dai conoscenti che erano venuti prima di loro e che gli scrivevano descrivendo meraviglie della nostra terra.

Lasciare i loro cari e affrontare il viaggio “a vapore” erano prove di resistenza che avevano realizzato con coraggio e determinazione; arrivando qui avevano trovato un territorio sconosciuto e una lingua completamente diversa. Hanno ricostruito le loro vite senza prospettiva di ritorno, a causa della situazione finanziaria. Immagino la nostalgia che provavano... si sono adattati, hanno lasciato la loro contribuzione, hanno formato famiglia e un nome onorato, come la maggior parte degli italiani che sono sbarcati nel nostro paese.

Per loro, la musica era: la zappa che lavorava la terra, i piedi che solcavano il terreno, le mani che preparavano la pasta... i bambini restavano alle cure dei nonni mentre i genitori andava-

Atrás da porta eu sempre ouvia alguns comentários picantes em relação aos familiares, famosa rivalidade entre os italianos do Norte e os do Sul. E a mãe, ao conversar em italiano com a avó sobre assuntos proibidos às crianças, me despertava intensa curiosidade de saber sobre o que falavam. Assim iniciei meus conhecimentos da língua tão canora e tão plena de sentimentos.

Com essas lembranças e detalhes que vêm à minha mente, na saudade que me impulsiona a prosseguir, vou tecendo esta colcha de retalhos buscando reforçar as minhas origens, a minha identidade, sempre cultivando e reverenciando o amor pela Itália que vive em mim.

no a zappare. Lì si mostrava il rispetto, la religione, l'educazione in sé.

Dietro la porta, io sentivo sempre qualche commento piccante sui familiari, famosa rivalità tra italiani del nord e del sud. E la mamma, parlando in italiano con la nonna di cose proibite ai bambini, risvegliava in me un'intensa curiosità di sapere di cosa parlassero. Così ho iniziato ad imparare la lingua tanto canora e piena di sentimenti.

Con questi ricordi e dettagli che mi vengono in mente, nella nostalgia che mi spinge a proseguire, continuo a tessere questa coperta di ritagli, cercando di rafforzare le mie origini, la mia identità, coltivando e onorando sempre l'amore per l'Italia che vive in me.

A Itália que permanece em mim

Dalva Baccalá

Aos vinte anos eu caminhava com a mente aberta, passos firmes. Estava de bem com a vida e com o mundo e tinha sonhos e planos para o futuro. Casamento marcado, cursava o terceiro ano da profissão escolhida. Uma brasileira, com os costumes da terra natal, pouco sabia da minha ascendência, a não ser pela foto de uma jovem fiorentina da velha Toscana. Minha bisavó materna.

Mas a vida nem sempre é feita de certezas. Um dia comum como qualquer outro e tudo pode mudar. E num desses dias, num exame de saúde rotineiro da faculdade, um jovem médico, filho de imigrantes italianos me examinava. Não sei qual a razão, a causa, algum contato físico ou troca de olhares e o meu peito começou a bater forte, mais forte, e tão forte que eu não conseguia mais reprimir.

- Calma “ragazza”, só vou ouvir teu coração.
- Tudo bem.
- Ele bate tão forte quanto o meu.
- Vou para Milão amanhã em um congresso. Você me espera?

Eu ouvia estas palavras e sentia que tudo estava mudando. Projetos e compromissos dissiparam-se no meu tímido e irrequieto:

- Sim.

Ele voltou. Em suas mãos um CD comprado na viagem: “Dio, come ti amo”. E foi o começo de um tempo que durou. E outro: “Ho capito che ti amo” e o noivado, o casamento, promessas de amor eterno. “Até que a morte os separe”.

A vida nos uniu no cotidiano, na casa alegre, na chegada de três meninas. Anos felizes, batizados, primeiras eucaristias, fes-

L'Italia che permane in me

Dalva Baccalá

A vent'anni io camminavo con la mente aperta, a passi fermi. Ero contenta della vita e del mondo e avevo sogni e piani per il futuro. Matrimonio fissato, era il terzo anno del lavoro scelto. Una brasiliana, con i costumi della terra natale, sapevo poco dei miei antenati, avevo solo visto una foto di una giovane fiorentina della vecchia Toscana. La mia bisnonna materna.

Ma la vita non è sempre fatta di certezze. Un giorno come tutti gli altri tutto può cambiare. E in una giornata come queste, durante un esame di salute di routine della facoltà, un giovane medico, figlio di immigrati italiani, mi esaminava. Non so per quale motivo, qualche contatto fisico o scambio di sguardi e il mio cuore ha iniziato a battere forte, più forte, tanto forte che non riuscivo più a nascondere.

- Calma, “ragazza”... Sentirò solo il tuo cuore.
- Va bene.
- Batte tanto forte quanto il mio.

Vado a Milano domani ad un congresso. Tu mi aspetti?

Io ascoltavo queste parole e sentivo che tutto stava cambiando. Progetti e impegni si sono dissipati nel mio timido e irrequieto:

- Sì.

Lui è tornato. Teneva in mano un CD comprato durante il viaggio: “Dio, come ti amo”. Ed è stato l'inizio di un amore duraturo. E l'altro “Ho capito che ti amo”, e il fidanzamento, il matrimonio, le promesse di amore eterno. “Finché morte non ci separi”.

La vita ci ha unito nel quotidiano, nella casa allegra, nell'arrivo di tre bambine. Anni felici, battesimi, prime comunioni, feste

tas de quinze anos, formaturas e novamente a sorte se repetindo. Ele, aquele distinto senhor de cabelos grisalhos, levou ao altar as suas filhas. A família aumentou. Três genros e a aguardada vinda de quatro netos. Éramos doze à mesa de domingo e os anjos diziam: “amém”.

Eu não esperava por aquele percalço do destino. Não estava preparada. Aconteceu num domingo de sol, próximo à primavera, sem aviso ou doença, desengano ou tristeza, numa leveza singela da noite que passou e do amanhecer que não veio.

Inesperadamente, seu coração parou antes do meu.

A vida perdeu o sentido e a razão inexistia. Com o tempo, as lágrimas secaram e só havia a vontade de partir. A família tão querida e festejada não fazia mais parte dos meus planos. Que planos? Pensamentos negativos em um corpo que persistia em continuar e um luto que não chegava ao fim.

Três crianças se aproximaram de mim. Na hora, pensei que fossem os três reis magos porque traziam presentes em suas pequenas mãos. Depois achei que eram os três mosqueteiros porque o quarto dormia ainda no berço e era muito pequeno. Tão determinados. Suaves, se aproximaram e me exigiram um direito único. Direito este legítimo e incontestável.

– Você não pode partir, você é a nossa vovó!

Tão certo estavam, tanta verdade naquela fala infantil e eu negando esta presença que lhes daria mais confiança e lembranças no futuro. A marcante figura de uma “nonna” italiana.

Saí de um torpor. Encarar esta nova etapa já não me parecia tão indiferente. E se não fosse a melhor das avós, seria talvez a mais amiga. Imaginei compartilhar com eles os meus momentos, nossas lutas, nossas vitórias, as tristezas, as alegrias. Por que não? Éramos uma família e nos amávamos.

Esta foi a ciranda que passou e me envolveu. Parece que foi apenas o tempo de dar uma volta com ele na “piazzza”. Talvez tenham sido palavras que se perderam-no tempo, desafios de uma existência, um marido apaixonado ou quem sabe:

“A Itália que ainda permanece em mim”.

dei quindici anni, lauree e di nuovo la fortuna che si ripeteva. Lui, quel distinto signore dai capelli brizzolati, ha portato all’altare le sue figlie. La famiglia è cresciuta. Tre generi e l’atteso arrivo di quattro nipoti. Eravamo dodici attorno al tavolo della domenica e gli angeli ci dicevano: “amen”.

Non mi aspettavo quell’imprevisto del destino. Non ero preparata. Era una domenica soleggiata, quasi primavera e, senza avviso o dolore, sofferenza o tristezza, nella semplice leggerezza della notte che è passata e dell’alba che non è arrivata.

Inaspettatamente, il tuo cuore si è fermato prima del mio.

La vita ha perso significato e la ragione era inesistente. Con il tempo, le lacrime si sono asciugate e volevo solo partire. La famiglia tanto amata e festeggiata non faceva più parte dei miei piani. Che piani? Pensieri negativi in un corpo che continuava a vivere e un lutto senza fine.

Tre bambini si sono avvicinati a me. Sul momento, ho pensato fossero i tre re magi perché portavano doni nelle loro piccole mani. Dopo ho pensato fossero i tre moschettieri perché il quarto dormiva ancora nella culla ed era molto piccolo. Tanto determinati. Dolci, si sono avvicinati e hanno preteso un unico diritto. Legittimo e incontestabile.

– Non puoi partire, sei la nostra nonna!

Erano talmente sicuri, c’era tanta verità in quel vociare infantile e io negavo questa presenza che gli avrebbe dato più fiducia e ricordi in futuro. La figura significativa di una “nonna” italiana.

Sono uscita da un torpore. Affrontare questa nuova tappa non mi sembrava così indifferente. E se non fossi stata la nonna migliore, forse sarei stata la più amiga. Ho immaginato di condividere con loro i miei momenti, le nostre lotte, le nostre vittorie, le tristezze, le allegrie. Perché no? Eravamo una famiglia e ci amavamo.

Questo è stato il girotondo che è passato mi ha coinvolta. Sembra appena passato il periodo in cui andavo con lui a fare un giro in “piazzza”. Forse sono state parole che si sono perse nel tempo, sfide di un’esistenza, un marito innamorato o chissà:

“L’Italia che ancora permane in me”.

Quando só se falava o talian

Dalva Bento

Nasci em 1952 na Linha Saracura, uma localidade no interior de Concórdia (SC) e meu sobrenome é Michelin.

Moravam ali 10 ou 12 famílias de origem italiana (do Vêneto) que tinham os avós como primeira geração no Brasil. Somente um casal era natural da Itália; era um que tinha feito a guerra como soldado das Camisas Negras de Mussolini. Contava histórias assustadoras sobre a fome, o frio, o medo e a “cucuina” que eram obrigados a tomar toda manhã. Quando alguém perguntava o que era essa cucuina, ele explicava que era um remédio que dava coragem aos soldados.

A única língua que se falava era o Talian. Meus avós, embora tenham nascido no Brasil, nunca aprenderam bem o português. Os sons nasais “mão, pão, coração” eram um verdadeiro tormento. Minha avó mal conseguia ler o Correio Riograndense à família. A leitura das aventuras do Nanetto Pipetta era o momento mais apreciado.

A casa dos meus avós era a maior do lugar. Ali dançavam, realizavam casamentos, batismos e outras comemorações. Parte do pasto da fazenda era utilizado para os jogos de futebol. Quase todos os domingos o time local enfrentava outro de alguma localidade vizinha, uma verdadeira brincadeira saudável. As pessoas sentavam-se na “taipa” que rodeava o pasto e torcia com gritos e brincadeiras, como minha tia Pierina que vendo seu filho mais velho correr atrás da bola, gritou: “Vai Vilso!” O problema é que logo atrás, vinha para recuperar a bola, seu compadre Anísio e, para não ficar mal, a tia gritou logo: “você também compadre, vai!”

Quando si parlava solo il talian

Dalva Bento

Nacqui nel 1952 a Linha Saracura, una contrada all’interno di Concórdia (SC), e sono di cognome Michelin.

Vi abitavano 10 o 12 famiglie di origine italiana (veneti) di prima generazione in Brasile, che erano i nonni. Soltanto una coppia era italiana natia; era uno che aveva fatto la guerra come soldato delle camicie nere di Mussolini. Raccontava delle storie spaventose della fame, del freddo, della paura e della “cucuina” che erano costretti a prendere ogni mattina. Quando qualcuno domandava che cosa fosse la cucuina, spiegava che era una medicina che faceva venire il coraggio ai soldati.

La sola lingua che si parlava era il Talian. I miei nonni, pur essendo nati in Brasile, non impararono mai bene il portoghese. I suoni nasali “mão, pão, coração” erano un vero tormento. Mia nonna leggeva a stento alla famiglia il Correio Riograndense. La lettura delle avventure del Nanetto Pipetta era il momento più apprezzato.

La casa dei miei nonni era la più grande del posto. Vi erano realizzati i balli, le feste di nozze, di battesimo ed altre ricorrenze. Parte del pascolo della fattoria veniva usato per le partite di calcio. Quasi tutte le domeniche la squadra locale ne sfidava un'altra, di qualche contrada vicina, un vero e sano divertimento. La gente si sedeva sulla “taipa” che circondava il pascolo e faceva il tifo a urlare e a scherzi, come mia zia Pierina, che vedendo suo figlio più grande correre dietro alla palla, gridò: forza Vilso! Succede che dietro veniva suo compare Anísio per riprendersi la palla, e la zia, per non fare brutta figura, gridò subito: forza anche Lei, compare!

Sábado à tarde, na pequena igreja de madeira, pintada de amarelo e marrom, meu tio Paulo rezava o rosário e invocava todos os santos numa litania interminável. Todos respondiam com o ora pro nobis e não era raro que alguém caísse no sono.

Pelo menos uma noite por semana, a gente ia “a filò” do vizinho mais próximo ou do mais distante. Para iluminar o caminho, trazia-se o “feral”, e se rezava o rosário, jogava-se a cartas, bebia-se o vinho e cantava-se.

Tempos muito difíceis, todos trabalhando duro e o lucro era suficiente, sim e não, para ganhar a vida. Quase não havia passatempo. Os meninos, segundo meu pai, quando voltavam de algum baile tarde da noite, divertiam-se imitando o canto dos galos, fora de horas, só para confundir eles e os cachorros e até mesmo as pessoas que dormiam.

Mais tarde nos mudamos para a cidade, pois meu pai estava com problemas de saúde devido ao trabalho pesado do campo. Quando voltei do primeiro dia de aula, papai me disse que daquele momento em diante eu não deveria mais falar “el talian”, que era feio e era a língua dos lavradores. Meus irmãos e eu tínhamos que falar apenas em português. Puxa, eu não entendia e muito menos falava português; eu e meus irmãos falávamos escondidos em italiano. E nós estávamos no início dos anos 60. Nunca mais eu falei o dialeto familiar, embora eu ainda entenda tudo. Meus pais, tios e primos continuaram a falá-lo. Hoje, talvez, eles não o falem muito bem. Quando eles esquecem algumas palavras, pegam emprestado palavras do português, as modificam e assim seguem em frente.

O Talian recebeu o título de Referência Cultural Brasileira em 09.07.2014, do Ministério da Cultura. É falado nas regiões ocupadas pelos italianos desde 1875: Nordeste do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Espírito Santo. A origem vem do italiano e dos dialetos falados nas regiões do Vêneto, Trentino-Alto Ádige, Friuli-Venezia Giulia, Piemonte, Emília-Romanha e Ligúria.

Quando eu cresci, estudei inglês, francês e esperanto; mas a

Il sabato pomeriggio, nella chiesetta di legno, dipinta di giallo e marrone, mio zio Paulo diceva su il rosario e poi invocava tutti i santi in una litania interminabile. Tutti rispondevano con *l'ora pro nobis* e non di raro qualcuno si addormentava.

Almeno una sera a settimana, si andava “a filò” dal vicino più prossimo o da quello più lontano. Per illuminare il sentiero si portava il “feral”, e si diceva su il rosario, si giocava a carte, si beveva del vino e si cantava.

Tempi durissimi, tutti sgobbavano e il ricavo era sufficiente sì e no per campare. Divertimento quasi non c’era. I ragazzi, secondo mio padre, quando tornavano la sera tarda da qualche ballo, si divertivano a fare il verso dei galli, fuori orario, tanto per confondere essi e i cani e perfino la gente che dormiva.

Più tardi ci siamo trasferiti in città, dato che mio padre era di poca salute per il lavoro pesante della campagna. Quando tornai dal primo giorno di scuola, papà mi disse che da quell’ora in avanti non dovrei più parlare “el talian”, che era brutto ed era la lingua dei contadini. Io e i miei fratelli dovevamo parlare solo il portoghese. Accidenti, io non capivo e tanto meno parlavo il portoghese; io e i miei fratelli parlavamo in italiano di nascosto. Ed eravamo agli inizi degli anni 60. Il dialetto di famiglia non lo parlai mai più, sebbene lo capisca ancora tutto. I miei genitori, zii e cugini continuarono a parlarlo. Oggi, magari, non lo parlano molto bene. Quando si dimenticano qualche parola, prendono in prestito vocaboli dal portoghese, li modificano e così vanno avanti.

Al Talian è stato concesso il titolo di Referência Cultural Brasileira nel 09.07.2014, dal Ministerio da Cultura. Si parla nelle regioni di occupazione italiana dal 1875: Nordeste de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais ed Espírito Santo. L’origine è l’italiano e i dialettali parlati nelle regioni Veneto, Trentino-Alto Adige, Friuli-Venezia Giulia, Piemonte, Emilia-Romagna e Liguria.

Da grande, studiai l’inglese, il francese e l’esperanto; macché, la lingua del cuore era l’italiano, lo sapevo da sempre. Fi-

língua do coração era o italiano, eu sempre soube disso. Finalmente, encontrei um professor. Terminado o curso, continuei lendo e praticando, até me tornar também professora. Atualmente, não passa um dia sem que alguém me contate para me pedir um livro, uma revista, um DVD, uma tradução, as palavras de uma canção...

Ao ensinar a língua de Dante, pretendo fazer uma homenagem aos meus caros antepassados, que corajosamente atravessaram o oceano em busca de oportunidades, terra e trabalho. A abundância, que pena, eles nunca encontraram. No entanto, deram-me a oportunidade de me sentir brasileira e italiana ao mesmo tempo, e estou muito orgulhosa e honrada. Tenho a honra também pela cidadania concedida a mim e aos meus primos, irmãos, filhos e neta.

Assim é que eu quero viver a minha italianidade.

nalmente, trovai un insegnante. Concluso il corso, continuai a leggere e a far pratica, finché diventai insegnante anch'io. Attualmente, non si passa un giorno senza che qualcuno non mi contatti per chiedermi un libro, una rivista, un dvd, una traduzione, le parole di una canzone...

Insegnando la lingua di Dante intendo fare un omaggio ai miei bravi antenati, che coraggiosamente attraversarono l'oceano in cerca di opportunità, terra e lavoro. La cuccagna, mai trovata, peccato. Mi regalarono, tuttavia, l'opportunità di sentirmi brasiliana e italiana alla pari, e ne sono molto fiera e onorata. Onorata ne sono anche della cittadinanza concessami e ai miei cugini, fratelli, figli e nipotina.

Così intendo vivere la mia italianità.

Por quem os sinos dobram

Denise Lícia Boni de Oliveira

“Estou com um gosto horrível de sapo na boca”. As primeiras palavras ditas pela boneca Emília, de Monteiro Lobato, foram também as primeiras que li sozinha. As aventuras da boneca falante dentro do rio, na floresta ou no espaço, fervilhavam na minha imaginação. Desde criança, sempre fui uma faminta leitora. No começo, dos grandes clássicos da literatura infantil; depois, pré-adolescente, a Série Vaga-Lume, com suas histórias de suspense, mas também alguns dramas um tanto pesados pra uma menina de 12 anos, como “Meu Pé de Laranja Lima” e “Éramos Seis”, e romances históricos, como “O Leopardo”. Não tinha preconceitos, poderia ser romance, suspense, terror, comédia, jornal ou bula de remédio. O fato era esse: o que eu encontrava, eu lia. Assim, caiu em minhas mãos a história de uma chef norte-americana que se muda para Veneza.

No livro, ela descreve o dia a dia dos mercados, a escolha das frutas da estação, a beleza da Laguna, as cores e os sons da cidade, o movimento das vielas cheias de turistas. Eu, que até então tinha viajado apenas uma vez para a Itália, para participar de um congresso de adolescentes, em Castelgandolfo, e um giro muito rápido por Roma de apenas um dia, por algum motivo me reconhecia nas descrições da história. Mais por uma forte imaginação aliada a uma ligação espiritual — ou genética — que por competência da autora, conseguia me ver nos lugares que ela descrevia.

As páginas iam passando enquanto eu sentia o frescor das paredes de pedra, ouvia o farfalhar das águas que levantavam e abaixavam os barcos parados nas portas das casas, à espera do

Per chi suona la campana

Denise Lícia Boni de Oliveira

“Ho un cattivo sapore, di rospo, in bocca”. Le prime parole dette dalla bambola Emilia, di Monteiro Lobato, sono state anche le prime che ho letto da sola. Le avventure della bambola parlante dentro al fiume, nella foresta o nello spazio, abbondavano nella mia immaginazione. Fin da piccola, sono sempre stata un'affamata lettrice. All'inizio, dei grandi classici della letteratura per bambini; poi, preadolescente, della serie Vaga-Lume, con le sue storie di suspense, ma anche di alcuni drammi un po' pesanti per una bambina di 12 anni, come “Zezé e L'Albero d'arance” e “Éramos Seis”, e romanzi storici come “Il Gattopardo”. Non avevo pregiudizi, poteva essere una storia d'amore, di suspense, terrore, commedia, un giornale o un bugiardino. Il fatto era che quello che trovavo, lo leggevo. Così, mi è arrivata tra le mani la storia di una chef nord-americana che si trasferisce a Venezia.

Nel libro, descrive il quotidiano dei mercati, la scelta di frutta della stazione, la bellezza della Laguna, i colori e i suoni della città, il movimento delle calli piene di turisti. Io, che fino ad allora ero stata solo una volta in Italia per partecipare ad un congresso di adolescenti a Castelgandolfo e per una visita rapida di un solo giorno a Roma, per qualche motivo mi riconoscevo nelle descrizioni della storia. Più per una forte immaginazione alleata ad un legame spirituale — o genetico — che per la bravura dell'autrice, riuscivo a vedermi nei luoghi che descriveva.

Le pagine scorrevano mentre sentivo la frescura delle pareti in pietra, sentivo il frangersi dell'acqua che alzava e abbassava le barche ferme sulle porte di casa, in attesa del momento di

momento de desfilar sensualmente pelos canais, escoltados pelas jardineiras floridas e perfumadas das janelas das casas: uma série de memórias que eu não sabia que tinha. Uma frase do livro, então, me chamou a atenção. Disseram a ela que os sinos da Catedral dobram-se quando verdadeiros venezianos entram na Piazza San Marco, dando-lhes as boas vindas de volta ao lar. Aquilo mexeu comigo.

Sim, os sinos dobram conforme as horas avançam. Mas, pensando que a minha família emigrou da região do Vêneto no final do século XIX, praticamente 100 anos antes de eu nascer, achei essa ideia um tanto poética e guardei-a no baú das minhas memórias, esperando que, um dia, pudesse me perder pelos canais e vielas daquela cidade encantada.

Desse dia, uns 12 ou 13 anos se passaram quando tive a oportunidade de fazer um curso rápido de moda e design de duas semanas em Strà (VE). Fui sozinha. O avião, em operação de pouso, foi se aproximando da Laguna Veneziana. Ao olhar pela janela, a água tornava-se cada vez mais próxima, e finalmente — na inigualável experiência de pousar no aeroporto Marco Polo, todo cercado de água — o pequeno Embraer da Air Dolomiti desceu sobre a Laguna.

Arrastando a mala de rodinhas e o cansaço das muitas horas de voo entre São Paulo e Veneza, só tinha um objetivo antes de voltar para a Piazzale Roma para pegar o ônibus rumo ao Politecnico Calzaturiero e minha experiência de imersão no mundo da moda: um gelato. É claro que não poderia ser qualquer gelato, por isso decidi procurar a Piazza San Marco. Atravessei a moderna Ponte della Costituzione, sobre o Grande Canal, de vidro e com vários degraus, que liga o terminal de ônibus com a estação de trem Venezia Santa Lucia. Degrau por degrau, viela por viela e mais duas grandes pontes (a dos Descalços e a de Rialto) se seguiram. Acompanhada pela mala e pelo cansaço da viagem, observava a arquitetura da cidade, como se já fôssemos velhos amigos. Companheiros de viagem na importante missão de encontrar um gelato na Piazza San Marco. A aventura logo

sfilare sensualmente tra i canali, scortate dai vasi fioriti e profumati dei davanzali delle case: una serie di ricordi che non sapevo di avere. Una frase del libro, comunque, ha attirato la mia attenzione. Le dicono che le campane della Cattedrale suonano quando i veri veneziani entrano in Piazza San Marco, dandogli il benvenuto per il ritorno in quel luogo. Ha avuto un certo effetto su di me.

Sì, le campane suonano con l'avanzare delle ore. Ma, pensando che la mia famiglia era emigrata dalla regione Veneto alla fine del XIX secolo, praticamente cento anni prima che nascessi, ho trovato quest'idea molto poetica e l'ho custodita infondo ai miei ricordi sperando che, un giorno, mi sarei potuta perdere tra i canali e le calli di quella città incantata.

Da quel giorno passarono 12 o 13 anni prima che avessi l'opportunità di fare un breve corso di moda e design di due settimane a Strà (VE). Sono andata da sola. L'aereo, atterrando, si avvicinava alla Laguna Veneziana. Guardando dall'oblò, l'acqua si avvicinava sempre di più e, finalmente — nell'ineguagliabile esperienza di atterrare all'aeroporto Marco Polo, tutto accerchiato dall'acqua — il piccolo Embraer della Air Dolomiti era atterrato sulla Laguna.

Mentre trascinavo il mio trolley e la stanchezza delle molte ore di volo tra San Paolo e Venezia, avevo un solo obiettivo prima di tornare a Piazzale Roma per prendere l'autobus diretto al Politecnico Calzaturiero e alla mia esperienza di immersione nel mondo della moda: un gelato. Chiaro che non poteva essere un gelato qualunque, quindi ho deciso di cercare Piazza San Marco. Ho attraversato il moderno Ponte della Costituzione, sul Canal Grande, di vetro e con vari scalini, che collega l'autostazione alla stazione dei treni di Venezia Santa Lucia. Scalino dopo scalino, calle dopo calle e dopo altri due ponti (quello degli Scalzi e quello di Rialto). Accompagnata dalla valigia e dalla stanchezza del viaggio, osservavo l'architettura della città, come se fossimo già vecchi amici. Compagni di viaggio nell'importante missione di trovare un gelato in Piazza San Marco. L'avventura venne ri-

foi recompensada, quando, ao final de um muro de pedra surge, de repente, a praça.

O meu primeiro passo dentro da praça veio acompanhado da revoada de algumas pombas e de um som muito curioso: o dobrar dos sinos da Catedral. Meu coração deu um pulo dentro do peito e congelou, como quem sente os efeitos de um feitiço. Na memória, o trecho daquele livro: os sinos dobram para os venezianos. O badalar dos sinos a saudar os Doge que retornam triunfantes à Serenissima, pensei. E dessa vez os sinos dobraram para mim. “Bem-vinda ao lar”, dizia uma voz dentro da minha cabeça, “olhe ao seu redor e perceba que tudo aquilo que você imaginou é algo que já vinha dentro de você.”

O colorido da praça, animada por centenas de pessoas sentadas nos cafés sob as arcadas, entrando e saindo da Catedral, chegando nos vaporetti, vestidas de maneira tão diferente, mas com cores sempre muito alegres, como se quisessem segurar mais um pouco o verão italiano que estava a caminho do fim. O barulho das vozes, nos mais diversos idiomas, os flashes das fotos, a correria das crianças. No caminho de volta para a Piazzale Roma, passei por um mercado della frutta. O cheiro doce e a cor vibrante das frutas faziam com que me sentisse em casa. Imagens e momentos que eu reconhecia sem nunca ter estado ali, como se nunca dali tivesse saído.

compensata presto, quando, alla fine di un muro di pietra sorse, improvvisamente, la piazza.

Il mio primo passo dentro la piazza è stato accompagnato da uno stormo di piccioni e da un suono curioso: il suono delle campane della Cattedrale. Il mio cuore ha dato un colpo nel petto e si è congelato, come chi percepisce l'effetto di un incantesimo. Nella memoria, l'estratto di quel libro: le campane suonano per i veneziani. Lo scoccare delle campane a salutare i Dogi di ritorno trionfanti alla Serenissima, ho pensato. E quella volta, le campane suonavano per me. “Benvenuta a casa”, diceva una voce nella mia testa, “guardati intorno e percepisci che tutto quello che hai immaginato era qualcosa che viveva già dentro di te”.

L'arcobaleno della piazza, animata da centinaia di persone sedute nei bar sotto alle arcate, che entravano e uscivano dalla Cattedrale andando ai vaporetti, vestite in modi così diversi ma con colori sempre molto accesi, come se volessero mantenere ancora un po' l'estate italiana che stava finendo. Il rumore delle voci, nelle lingue più diverse, i flash delle foto, il correre dei bambini. Nel cammino di ritorno verso Piazzale Roma, sono passata attraverso un mercato della frutta. Il profumo dolce e il colore vibrante della frutta, mi faceva sentire a casa. Immagini e momenti che riconoscevo senza mai essere stata lì, come se da lì non me ne fossi mai andata.

As três Giuseppinas

Dosmar Sandro Valerio

Giuseppe Valeri e Battistina Moro se conheceram nos campos da pequena cidade de Ceggia, Província de Venezia, no norte da Itália, no ano de 1879, quando eram jovens. Desde o primeiro momento que trocaram olhares, nasceu um amor que iria perdurar quase um século e que iria ser a pedra fundamental de uma família inicialmente constituída na Itália e com o passar do tempo imigrou para o Brasil.

Naquela época, Giuseppe e Battistina já tinham um sonho, gerar uma filha. E por três vezes Battistina ficou grávida de uma menina, mas o destino não quis que tais crianças sobrevivessem. Logo após o casamento, Battistina engravidou e nasceu uma menina, que Giuseppe resolveu chamá-la de Giuseppina, visando perpetuar o seu nome. Mas após três meses de vida, Giuseppina foi acometida de uma grave doença, que lhe ceifou a vida. Mas Battistina não desistiu de seu sonho e novamente engravidou. Quando a criança nasceu, o casal verificou que era uma menina e Giuseppe insistiu em chamá-la de Giuseppina, como se não aceitasse a morte da primeira filha. Giuseppina viveu por um ano e quatro meses, mas foi acometida de uma febre terrível, que foi a causa determinante de sua morte. Battistina e Giuseppe ficaram desolados, mas continuaram a vida de agricultores, trabalhando nos campos do norte da Itália, acreditando que algum dia a vida iria renascer. E pela terceira vez Battistina engravidou. Será que desta vez nasceria um homem? Mas não, Battistina deu a luz a uma linda menina, com saúde, e Giuseppe decidiu por chamá-la de Giuseppina, em homenagem as duas filhas mortas.

Le tre Giuseppine

Dosmar Sandro Valerio

Giuseppe Valeri e Battistina Moro si conobbero nella campagna della piccola città di Ceggia, Provincia di Venezia, nel nord Italia, nell'anno 1879, quando erano giovani. Fin dal primo momento in cui incrociarono gli sguardi, nacque un amore che sarebbe durato quasi un secolo e che sarebbe stata la pietra fondamentale di una famiglia inizialmente costituita in Italia e che con il passare del tempo si sarebbe trasferita in Brasile.

In quell'epoca, Giuseppe e Battistina avevano già un sogno, dare alla luce una bambina. E per tre volte Battistina rimase incinta di una bambina, ma il destino non volle che quelle bambine sopravvivevano. Subito dopo il matrimonio, Battistina rimase incinta e nacque una bambina, che Giuseppe decise di chiamare Giuseppina, per perpetuare il nome. Ma dopo tre mesi di vita Giuseppina venne contagiata da una grave malattia, che le tolse la vita. Ma Battistina non desistette dal suo sogno e rimase nuovamente incinta. Quando nacque, la coppia scoprì che era una bambina e Giuseppe decise di chiamarla Giuseppina, come se non avesse accettato la morte della prima figlia. Giuseppina visse un anno e quattro mesi, ma venne contagiata da una febbre terribile che fu la causa determinante della sua morte. Battistina e Giuseppe erano disperati, ma continuarono la vita da contadini, lavorando nelle campagne del nord Italia, avendo fede che un giorno, la vita sarebbe rinata. E per la terza volta Battistina rimase incinta. Forse era un maschio? Ma no, Battistina diede alla luce una bella bambina, in salute, e Giuseppe decise di chiamarla Giuseppina, in ricordo delle due figlie morte.

No final do Século XIX, o norte da Itália passava por uma severa crise econômica, sendo que não havia trabalho para todos e estava difícil sobreviver. Então o casal Giuseppe e Battistina, a filha Giuseppina, bem como os irmãos de Giuseppe resolveram imigrar para o Brasil. A intenção da família Valeri era trabalhar nas lavouras de café do interior do Estado de São Paulo. Em abril de 1889, Giuseppe, Battistina, a filha Giuseppina, além de outros integrantes da família Valeri, embarcam para o Brasil, no navio *Adria*, que deixou o porto de Gênova. Quando embarcaram, Battistina já estava grávida há sete meses.

A viagem não foi fácil, com várias tempestades, mas Giuseppe e Battistina acreditavam que a América seria uma terra de oportunidades, onde poderiam trabalhar e criar os filhos. Mas, novamente o destino foi cruel com Giuseppe e Battistina, como se quisesse puni-los por terem insistido em gerar uma filha. Durante a viagem, Giuseppina foi acometida de uma doença contagiosa e veio a falecer. O comandante do navio *Adria* determinou que Giuseppina fosse lançada ao mar, para impedir que a doença contagiosa se alastrasse entre os passageiros. Giuseppe e Battistina, com lágrimas nos olhos, sentiram uma dor incomensurável ao ver a pequena Giuseppina, envolta em um pano branco, ser sepultada no oceano Atlântico. A dor parecia não ser amenizada, mas era preciso continuar a vida, até porque Battistina trazia em seu ventre outra criança, que estava prestes a nascer e que poderia ser outra menina, como acontecera das outras vezes.

Após a longa viagem, o Navio *Adria* ancorou no Porto de Santos, sendo que Giuseppe, Battistina e seus familiares dirigiram-se a cidade de São Paulo, onde se alojaram momentaneamente na Hospedaria dos Imigrantes, para depois se dirigirem a lavoura de café na cidade de Santa Cruz das Palmeiras. Na hospedaria, Battistina passou a sentir as dores do parto, sendo que uma parteira foi chamada às pressas. No começo de maio de 1889, Battistina deu a luz a um menino, que foi chamado de Paulo.

Alla fine del secolo XIX il nord Italia attraversava una severa crisi economica, non c'era lavoro per tutti e sopravvivere era difficile. Per questo la coppia Giuseppe e Battistina, con la figlia Giuseppina e con i fratelli di Giuseppe decise di emigrare in Brasile. L'intenzione della famiglia Valeri era di lavorare nelle piantagioni di caffè nell'entroterra dello stato di San Paolo. Nell'aprile del 1889, Giuseppe, Battistina, la figlia Giuseppina e altri della famiglia Valeri, imbarcarono nella nave *Adria* per il Brasile, dal porto di Genova. Quando imbarcarono, Battistina era già incinta da sette mesi.

Il viaggio non fu facile, con varie tempeste, ma Giuseppe e Battistina credevano che l'America fosse una terra di opportunità, dove avrebbero potuto lavorare e crescere i figli. Il destino, tuttavia, fu nuovamente crudele con Giuseppe e Battistina, come se volesse punirli per aver insistito nell'avere una bambina. Durante il viaggio, Giuseppina venne contagiata da una malattia e venne a mancare. Il comandante dell'*Adria* decise che Giuseppina venisse lanciata in mare per impedire che la malattia contagiosa si espandesse tra i passeggeri. Giuseppe e Battistina, con le lacrime agli occhi, provarono un dolore incommensurabile al vedere la piccola Giuseppina, avvolta in un panno bianco, venire sepolta nell'oceano Atlantico. Il dolore sembrava incurabile, ma la vita doveva continuare, anche perché Battistina portava in grembo un altro bambino, che stava per nascere e che poteva essere un'altra bambina, come le volte precedenti.

Dopo il lungo viaggio, la nave *Adria* attraccò nel porto di Santos e Giuseppe, Battistina e i loro familiari si diressero verso la città di San Paolo, dove alloggiarono temporaneamente nella Hospedaria dos Imigrantes, per poi dirigersi alla piantagione di caffè nella città di Santa Cruz das Palmeiras. Nella locanda, Battistina iniziò ad avvertire le doglie e venne chiamata di fretta una levatrice. All'inizio di maggio del 1889 Battistina diede alla luce un bambino, che venne chiamato Paulo.

La coppia Giuseppe e Battistina generò altri figli tutti maschi, che ebbero figli e nipoti, diventando proprietari terrieri nell'en-

O casal Giuseppe e Battistina geraram outros filhos todos homens, que também tiveram filhos e netos, tornando-se proprietários rurais no interior de São Paulo, contribuindo decisivamente com suor da labuta diária para a construção e o desenvolvimento do Brasil.

Porém, com o sopro de vida que veio do norte da Itália, depois de muitos anos, um bisneto do casal de imigrantes italianos e sua esposa tiveram a benção divina de gerarem trigêmeas, três meninas, lindas e saudáveis, como se as três Giuseppinas renascessem, para então, através dos descendentes, realizar aquele sonho que se iniciou num tempo longínquo, em outro continente, mas que perdurou através dos descendentes, uma que vez os italianos Giuseppe e Battistina sempre acreditaram na vida e nunca desistiram de seus sonhos.

troterra di San Paolo, contribuendo decisamente con sudore e fatica alla costruzione e allo sviluppo del Brasile.

Tuttavia, con il soffio di vita venuto dal nord Italia, dopo molti anni, un bisnipote della coppia di immigrati italiani e sua moglie ebbero la divina benedizione di avere un parto trigemellare, tre bambine, belle e in salute, come se le tre Giuseppine fossero rinate per realizzare quel sogno iniziato in un tempo lontano, attraverso i loro discendenti.

Há uma Veneza em minhas veias!

Edvaldo Jacomelli

Aprendemos que as almas afins se encontram e se entrelaçam pela vida afora.

Minhas lembranças estão se votando para o vovô Ernesto e a vovó Maria. Queria tanto olhar hoje nos seus rostos e agradecer pelos carinhos recebidos por eles terem me incluído nas suas vidas. Meu vovô adorava ouvir minhas poesias em seu colo.

Sempre que ia à sua casa ele tinha um agradinho guardado para mim. Não podia ir embora sem recitar uma de suas preces preferidas. Era mais ou menos assim:

*Oh! Pai, que guia nossos passos
Cuida bem de nossos olhos
Ilumina nossa mente
Faz teu povo mais humano
Que as famílias vivam sempre em harmonia
Que todos ouçam tua voz
E em um só coração
Cada um dentro de si
E todos somos irmãos
Cuida bem de nós, Senhor!
Amém!*

Meu avô possuía a honestidade como princípio de caráter. Dizia que se fôssemos todos honestos a Terra seria um paraíso. Que o paraíso estava dentro de nós, de acordo com nossas atitudes. É incrível uma pessoa tão simples e sem escolaridade, mas com uma sabedoria de vida que teve a capacidade de tocar

C'è una Venezia nelle mie vene

Edvaldo Jacomelli

Abbiamo imparato che le anime affini si incontrano e si intrecciano per la vita.

I miei ricordi vanno a nonno Ernesto e nonna Maria. Vorrei tanto guardare oggi i loro volti e ringraziarli per l'affetto ricevuto e per avermi incluso nelle loro vite. Mio nonno adorava ascoltare le mie poesie tenendomi in braccio.

Ogni volta che andavo a casa loro, lui aveva un regalino messo da parte per me. Non potevo andarmene senza recitare una delle sue preghiere preferite. Era più o meno così:

*Oh Padre, che guida i nostri passi
Prenditi cura dei nostri occhi
Illumina la nostra mente
Rendi il Tuo popolo più umano
Che le famiglie vivano sempre in armonia
Che tutti ascoltino la Tua voce
E in un unico cuore
Ognuno dentro di sé
E tutti siamo fratelli
Prenditi cura di noi, Signore!
Amen!*

Mio nonno era onesto, per principio e carattere. Diceva che se tutti fossimo onesti la Terra sarebbe un Paradiso. Che il paradiso era dentro di noi, a seconda delle nostre caratteristiche. È incredibile come una persona tanto semplice e senza un'educazione scolastica avesse una tale saggezza di vita da toccare

profundamente o coração! Era muito especial, coração bondoso! Ele estava sempre disponível para nos agradecer, mas enérgico. Com uma dose de brandura quando precisava.

Ah! por que me atento tanto ao que me parece espanto?

A razão é simples: há uma Veneza em minhas veias! Venezia! As ilhas separadas por canais e ligadas por pontes. Famosa por sua beleza arquitetônica, pertencente ao Patrimônio Mundial. E a recordação italiana explodia em meus avós!

Aquelas viagens de gôndolas que me contavam não saiam de mim. Passei a incorporar. Parecia que o céu se encontrava com o sonho deles.

Já me perco entre a fantasia e a realidade. Talvez, creio, não existisse ainda a Ponte Rialto, querendo abraçar o povo todo, dando vivas à alegria da vida. Sinto-me envolvido pelo abraço dela, como se levitasse na magia. No Grande Canal! O mercado de Rialto possui uma área reservada para os pescados. O Campo Dela Pescaria.

Será que me contaram do Ghetto, no norte da cidade? Um típico bairro judeu? Tantos os sonhos que existiam dentro deles, transbordando a visibilidade poética! Sua ocupação data do século XIV, e é possível visitar o Campo del Ghetto Nuovo e o Museo Ebraico, além de livrarias e cemitérios judaicos.

Os belos passeios pela ilha de San Giorgio Maggiore, partindo da Piazza de San Marco ao infinito do paraíso? Como testemunha um gondoleiro no Gran Canal? Aqueles românticos passeios regados a uma lua iluminada?

A própria Piazza San Marco, sua Basílica, seu Campanário, e os anjos atestando que aquilo é tudo realidade? O Palácio Ducal ao lado. As cúpulas de São Marco sobem ao céu.

Meus avós contavam. Estava na rabeira de um avião rumo ao infinito? Eles contavam tanto, que há uma Veneza em minhas veias. Ainda os ouço bradando: Venezia, Venezia!

As Barcaças com frutas e verduras, em Dorsoduro, donde temos que visitar a igreja Santa Maria della Salute, toda em estilo barroco. O desembarque em Murano, onde se delicia com

profundamente il cuore! Era speciale, un cuore generoso! Era sempre disponibile con noi, energico. Flessibile quando serviva.

Ah! Perché sono così attento a ciò che mi causa sbalordimento?

La ragione è semplice: c'è una Venezia nelle mie vene! Venezia! Le isole separate da canali e collegate da ponti. Famosa per la sua bellezza architettonica, appartenente al Patrimonio Mondiale. E i ricordi italiani esplodevano nei miei nonni!

Quei viaggi in gondola che mi raccontavano non me li riuscivo a scordare. Li ho incorporati. Sembrava che il cielo si incontrasse con i loro sogni.

Mi perdo tra la fantasia e la realtà. Forse, credo, se ancora non esistesse il Ponte di Rialto, volendo abbracciare tutta la popolazione, festeggiando l'allegria della vita. Mi sento stretto nel suo abbraccio, come se levitassi nella magia. Sul Canal Grande! Il mercato di Rialto ha un'area riservata per il pesce. Il Campo della Pescheria.

Forse mi hanno raccontato del Ghetto, a nord della città? Un tipico quartiere ebraico? Tanti erano i sogni dentro di loro, che trasbordavano di visibilità poetica! L'occupazione del secolo XIV, ed è possibile visitare il Campo del Ghetto Nuovo e il Museo Ebraico, oltre alle librerie e ai cimiteri ebraici.

Le belle passeggiate nell'isola di San Giorgio Maggiore, partendo da Piazza San Marco all'infinito del paradiso? Come testimonia un gondoliere nel Canal Grande? Quei giri romantici in gondola illuminati dalla luna?

La stessa Piazza San Marco, la Basilica, il campanile, e gli angeli che provano che tutto ciò è realtà? Il Palazzo Ducale lì accanto. Le cupole di San Marco salgono al cielo.

I miei nonni raccontavano. Ero nella coda di un aereo diretto all'infinito? Loro mi raccontavano che c'è una Venezia nelle mie vene. Li sento ancora gridare: Venezia, Venezia!

Le barche con frutta e verdura a Dorsoduro, dove dovevamo visitare la chiesa di Santa Maria della Salute, tutta in stile barocco. Lo sbarco a Murano, dove deliziarsi con bicchieri, ornamenti e tanti oggetti in vetro?

copos, luminárias, enfeites, e tantos objetos forjados em cristais?

O encanto das casas na ilha de Burano? Os lustres de Murano despencando de beleza e magia pelas janelas da vida? Aquela ilha encantada, localizada há dois quilômetros ao norte de Veneza, onde se desembarca do Vaporetto, e embarca num mundo fantástico, sendo que é conhecida pelos trabalhos artísticos em vidro?

Ah! Meus avós nunca se enganaram. Será que chegaram a ver a Laguna de Veneza? Com a Piazzeta e suas colunas de São Teodoro e São Marcos? O Palazzo Ducale? A perder de vista as ilhas de San Giorgio Maggiore e Giudecca? Por certo extasiados ficariam.

Registro aqui uma realidade, agora já não é somente nostalgia. Veneza é composta por cento e dezoito ilhotas e quatrocentas pontes. Surgiu por volta do século VI, durante as invasões bárbaras. Seus canais estreitos ficam repletos de gôndolas e barcos. Com praças e igrejas belíssimas. Dotada de uma arquitetura digna de ser uma das mais belas do planeta. Um fenomenal museu pela plástica, geografia e beleza.

Meus avós contavam da famosa Ponte dos Suspiros, uma passagem dos tribunais venezianos para a prisão, por ter os condenados a última visão da cidade, antes do cárcere!

Contavam também do Café Florian, desde 1720, na Piazza San Marco!

O carnaval vem de muito tempo atrás. Em seu auge no século XVIII. As fantasias eram pesadas, de veludo. Mas é irresistível não querer trazer uma, se for turista. Meus avós diziam. A charmosa cidade é feita sob medida para uma lua-de-mel para casais apaixonados para passarem de gôndolas ao pôr-do-sol.

Pode-se ter uma visão impressionante do alto da cidade, que é toda plana, através

Do skyline, bar no alto do hotel Hilton Molino Stucky. Isto meus avós não contaram.

O Vaporetto é uma das atrações do Grande Canal. Passear pelos labirintos das ruas é instigante.

L'incanto delle case nell'isola di Burano? I lampadari di Murano appesi di bellezza e magia nelle finestre della vita? Quell'isola incantata, che si trova a due chilometri a nord di Venezia, dove si sbarca dal Vaporetto e si entra in un mondo fantastico, visto che è conosciuta dai lavori artistici in vetro?

Ah! I miei nonni non si sono mai sbagliati. E se avessero visto la Laguna di Venezia? Con la Piazzeta e le sue colonne di San Teodoro e San Marco? Il Palazzo Ducale? A perdere di vista le isole di San Giorgio Maggiore e della Giudecca? Sicuramente sarebbero stati estasiati.

Registro qui una realtà che non è solo nostalgia. Venezia è composta da centodiciotto isolette e quattrocento ponti. È stata fondata intorno al secolo VI, durante le invasioni barbariche. I suoi stretti canali sono pieni di gondole e barche. Con piazze e chiese bellissime. Dotata di un'architettura degna di essere una delle più belle del pianeta. Un museo fenomenale per i materiali, la geografia e la bellezza.

I miei nonni raccontavano del famoso Ponte dei Sospiri, un passaggio dei tribunali veneziani verso la prigione, perché i condannati avessero un'ultima visione della città prima del carcere! Raccontavano anche del Caffè Florian, dal 1720 in Piazza San Marco!

Il carnevale nasce molto tempo addietro. Ha il suo apice nel secolo XVIII. Le stoffe erano pesanti, in velluto. È irresistibile non portarne una se sei un turista. I miei nonni lo dicevano. La città conturbante è stata fatta apposta perché le coppie in luna di miele vadano in gondola al tramonto.

Si può avere una vista impressionante dall'alto della città, che è tutta piatta, attraverso lo Skyline, bar nell'ultimo piano dell'hotel Hilton Molino Stucky. Questo non me l'hanno raccontato i miei nonni.

Il Vaporetto è una delle attrazioni del Canal Grande. Passeggiare nel labirinto di calli è intrigante.

Intorno al secolo X era già una forza commerciale che si è espansa nel Mediterraneo. La città si allaga dal secolo XIII, quasi

Por volta do século X já era uma força comercial que se espalhou pelo Mediterrâneo. A cidade alaga desde o século XIII, quase sempre em novembro e abril. Os fatores são: fortes chuvas, oscilação das marés, estrutura da cidade, aquecimento global, dentre outros.

A ilha mais próxima a Veneza é Lido, com mais de doze quilômetros de praia. Por apenas dez minutos, de Vaporetto, pode-se chegar lá. A temporada de alta é de julho a setembro.

Não me canso de misturar o sonho italiano da infância de meus avós com a realidade mágica de minha vida. Sempre digo que há uma Veneza em minhas veias. É plasmático! É mistura de vinho e sonho, realidade e ficção!

sempre in novembre e aprile. I fattori sono: forti piogge, marea del mare, struttura della città, riscaldamento globale, tra gli altri.

L'isola più vicina a Venezia è Lido, con più di dodici chilometri di spiaggia. In soli dieci minuti di Vaporetto ci si può arrivare. L'alta stagione è da luglio a settembre.

Non mi stanco di mischiare il sogno italiano dell'infanzia dei miei nonni con la magica realtà della mia vita. Dico sempre che c'è una Venezia nelle mie vene. È plasmatico! È il mix di vino e sogno, realtà e finzione!

O sapateiro que trouxe a Itália no coração

Eliana Ferrari Dutra

Dia 21 de junho de 1970 meu avô não conseguiu conter as lágrimas. O mundo assistia a mais uma final da Copa. Dois ex-campeões mundiais de futebol, Brasil e Itália, disputavam a Taça Jules Rimet, no Estádio Azteca, Cidade do México. Lembro que nossa família só tinha olhos para uma TV Telefunken colorida recém-instalada na sala do apartamento. Para meu avô, Pasqual Ferrari, parecia ser mais do que um jogo, mais do que uma disputa. Era “il suo paese” que seus olhos acompanhavam no aparelho em formato de tubo. Era a sua identidade nunca rompida e que mantinha viva desde 1908, quando deixou Morano Calabro, sua cidade natal. Com 15 anos, o ajudante de sapateiro embarcou no porto de Nápoles com destino a Porto Alegre, sul do Brasil.

Assim que o jogo terminou, meu avô, triste, levantou da cadeira com os olhos lacrimejantes. Sem dizer uma só palavra (pelo menos não que eu tivesse entendido) saiu da sala e caminhou até seu apartamento, que ficava ao lado do nosso, no mesmo edifício. Meu olhar de nove anos, naquele instante, tentou entender as lágrimas. Não sabia bem o que era, mas tinha a ver com algo que meu avô não podia tocar e nem ver, mas que estava vivo dentro dele; trazia saudade. Já adulta, compreendi o significado daquelas lágrimas de junho de 1970. Meu avô havia atravessado o Atlântico com seu passaporte de número 572 e com ordem expressa para desembarcar apenas em Porto Alegre, para onde já haviam migrado alguns parentes seus. Sua mãe, Giovina Gallo, tecelã, via a renda diminuir em função da concorrência dos tecidos industrializados. Seu pai, Rocco Ferrari,

Il calzolaio che portò l'Italia nel cuore

Eliana Ferrari Dutra

Il 21 giugno 1970 mio nonno non riuscì a trattenere le lacrime. Il mondo assisteva a un'altra finale di Coppa. Due ex campioni mondiali di calcio, Brasile e Italia, si disputavano la Coppa Jules Rimet, nello stadio Azteca, Città del Messico. Mi ricordo che la nostra famiglia aveva occhi solo per una TV Telefunken a colori, di recente installata nella sala dell'appartamento. Per mio nonno, Pasqual Ferrari, era più di una partita, più di una disputa. Era “il suo paese” che i suoi occhi accompagnavano nell'apparecchio a tubo catodico. Era la sua identità mai abbandonata e che manteneva in vita dal 1908, quando aveva lasciato Morano Calabro, la sua città natale. A quindici anni, l'aiutante del calzolaio si era imbarcato nel porto di Napoli per andare a Porto Alegre, nel sud del Brasile.

Appena la partita finì, mio nonno, triste, si alzò dalla sedia con gli occhi lucidi. Senza dire una parola (o perlomeno senza che io sentissi nulla) uscì dalla sala e camminò fino al suo appartamento, accanto al nostro, nello stesso edificio. Il mio sguardo di nove anni, in quell'istante, tentò di capirne le lacrime. Non sapevo bene cosa fosse, ma aveva a che fare con qualcosa che mio nonno non poteva toccare o vedere, che viveva dentro di lui; provava saudade. Da adulta, compresi il significato di quelle lacrime del giugno 1970. Mio nonno aveva attraversato l'Atlantico con il suo passaporto numero 572 e con l'ordine espresso di sbarcare solo a Porto Alegre, dove erano già emigrati alcuni suoi parenti. Sua mamma, Giovina Gallo, tessitrice, vide le entrate diminuire in funzione della concorrenza con i tessuti industriali. Suo papà, Rocco Ferrari, era partito prima verso l'Argen-

havia partido antes com destino à Argentina, mas perdeu o contato, cabendo ao filho mais velho, meu avô, o sustento da família. Deixou a Itália com a esperança de reencontrar o pai e de trabalhar para buscar, mais tarde, a mãe e as irmãs que haviam ficado em Morano. Sonho que realizou em 1936.

Falava o dialeto e o italiano gramatical e se comunicava em português com dificuldade. Com um saco de pano nas costas, recolhia calçados para serem consertados. O encontro com Porto Alegre não foi nada fácil. Desafiado, prosseguiu até abrir seu próprio negócio, a loja de sapatos “A Confiança”, localizada na Rua Demétrio Ribeiro, área central. A cidade que escolheu para fazer sua vida é, desde 1982, cidade-irmã de Morano Calabro. Participou da Italica Domus, conhecida como Sociedade Dante Alighieri, na década de 1930, e integrou a diretoria da Sociedade Moranesi Unitti. Casou-se, teve filhos e netos. Meu avô faleceu em 1972. Durante 79 anos de vida, manteve viva a Itália em seu coração.

Com a sensibilidade à flor da pele conheci, em 2016, “il paese di mio nonno”. Foi um presente para uma vida inteira. Essa Itália está no sangue, no coração, na memória afetiva e se revela no orgulho das raízes, na força dos antepassados, nas histórias de superação e de determinação. Quando piso em solo italiano as lágrimas são inevitáveis. O ano não é mais 1970, e tampouco tenho o olhar de uma criança. Mas o tempo me ensinou o significado daquelas lágrimas. É o mesmo das lágrimas de hoje. Cada gota é como se fosse um punhado de amor que nasce e mora para sempre no coração.

tina, ma si erano persi i contatti ed era responsabilità del figlio più vecchio, mio nonno, sostenere la famiglia. Lasciò l'Italia con la speranza di incontrare il papà e di lavorare per far arrivare, più avanti, la mamma e le sorelle che erano rimaste a Morano. Sogno che realizzò nel 1936.

Parlava dialetto e italiano corretto delle grammatiche e comunicava in portoghese con difficoltà. Con un sacco di panno sulle spalle, raccoglieva scarpe da aggiustare. L'incontro con Porto Alegre non fu per nulla semplice. Sfida dopo sfida, sfidato proseguì fino ad aprire un suo negozio, il negozio di scarpe “La fiducia”, in centro, Rua Demétrio Ribeiro. La città scelta per vivere è gemellata con Morano Calabro dal 1982. Partecipò all'Italica Domus, conosciuta come Società Dante Alighieri, negli anni '30, e fece parte della direzione della Società Moranesi Uniti. Si sposò, ebbe figli e nipoti. Mio nonno morì nel 1972. Nei suoi 79 anni di vita, ha sempre mantenuto viva l'Italia nel suo cuore.

Con i nervi a fior di pelle ho conosciuto, nel 2016, “il paese di mio nonno”. È stato il regalo di una vita intera. Questa Italia è nel sangue, nel cuore, nella memoria affettiva e si rivela nell'orgoglio delle radici, nella forza degli antenati, nelle storie di superamento e determinazione. Quando atterro in suolo italiano le lacrime sono inevitabili. Non è più il 1970 e non ho lo sguardo di una bambina. Ma il tempo mi ha insegnato il significato di quelle lacrime. È lo stesso delle lacrime di oggi. Ogni goccia è come se fosse una manciata di amore che nasce e abita per sempre nel cuore.

Furba...!

Everton Fernando Micheletti

“Furbo, esse aí é furbo!”, dizia minha mãe sobre o homem que aparecia de vez em quando para vender chapéus, antigo conhecido do meu falecido pai, daqueles que faziam negócios e frequentavam a mesma “zona puttana”. Quando passávamos pela estrada de Aricanduva, região no norte do Paraná onde vivia a italianada que veio de São Paulo, alguém apontava: “aquela casa de madeira era a zona onde seu pai ia”. Quando ele morreu, eu tinha um ano, então cresci com gente me parando na rua: “Você é filho do finado Jacinto Micheletti, o italiano do olho de vidro?”. Ele não tinha realmente um olho, contam que um galho bateu, foi num cafezal, minha mãe me mostrava o olho de vidro: “tá aí o olho que era do seu pai, aquele maledetto”, confesso que aquilo me dava um pouco de “paura”, como ela costuma dizer.

Após a morte do meu pai boêmio, minha mãe preferiu ficar só, quer dizer, não tão só com os seis filhos. Dia de torrar café, lá ia um de nós ajudar no fogo, a girar o torrador redondo e, depois, moer como se não tivesse fim porque, se não, a gente ouvia: “ma eu num vou criar filho vagabundo!”. Também tinha o dia do pão no forno à lenha, a gente tinha que ajudar com o cilindro, eram enrolados e depois assados. Minha mãe sabe fazer a massa de memória, aprendeu com “a nonna”, e faz outras coisas, como macarrão e o bolo de milho, único no mundo, apenas milho e açúcar. Aliás, todo fim de semana, desde que o mundo é mundo, ela faz uma fornada de pães ou bolo ou macarrão e chama a família toda, a comida é sua forma de fazer carinho, ficando ela feliz quando vê que não sobra nada.

Furba...!

Everton Fernando Micheletti

“Furbo, quello lì è furbo!”, diceva mia mamma dell’uomo che appariva di tanto in tanto per vendere cappelli, vecchio conoscente del mio defunto papà, di quelli che facevano affari e frequentavano la stessa “zona puttana”. Quando passavamo per la strada di Aricanduva, regione a nord del Paraná dove viveva la comunità italiana venuta da San Paolo, qualcuno puntando il dito diceva: “quella casa di legno era la zona dove andava tuo papà.” Quando morì avevo un anno, quindi crebbi con la gente che mi fermava per strada dicendo: “Tu sei il figlio del defunto Jacinto Micheletti, l’italiano con l’occhio di vetro?”. Lui non aveva davvero un occhio, raccontano che avesse battuto a un ramo nella piantagione di caffè, mia mamma mi mostrava l’occhio di vetro: “è lì l’occhio di tuo padre, quel maledetto”, confesso che mi faceva un po’ di “paura”, come è solita dire lei.

Dopo la morte di mio papà, un bohémien, mia mamma ha preferito rimanere da sola, o meglio, non tanto sola, con i suoi sei figli. Nel giorno della torrefazione del caffè, uno di noi andava ad aiutare al fuoco, a girare il torrefattore rotondo e, poi, macinare come non ci fosse un domani perché, se no, si sentiva: “ma io num voglio crescere un figlio nullafacente!”. C’era anche il giorno del pane nel forno a legna, noi dovevamo aiutare con il cilindro, prima arrotolato e poi cotto. Mia mamma sa la ricetta della pasta a memoria, ha imparato con “la nonna”, e fa altre cose, come i maccheroni e la torta di mais, unica al mondo, solo mais e zucchero. Da che mondo è mondo, tutti i fine settimana, lei fa un’infornata di panini o torta o maccheroni e chiama tutta la famiglia, il cibo è il suo modo di farci le coccole, ed è felice quando non avanza nulla.

“Dona Ortália, não, é Ordália!”, já avisa minha mãe, e reclama: “Onde já se viu? Ma num me bastava ser Strassacapa, meu pai me dá um nome desses! Ele disse que era homenagem, que nem sua tia Itália, ma que bella roba!”. Tem gente que a chama de Dália, pelo menos é nome de flor, como faz a tia Marieta, casada com o tio Biba, apelido do tio Ettore. “Furba, essa aí é furba!”, fala minha mãe sobre a tia Marieta, tudo porque nossa tia adora passear na casa dos outros, mas não convida muito para irmos na dela. Minha mãe conta sobre os bailes na adolescência que ia com a tia Marieta, quando conheceu meu pai e casou-se aos treze anos, a italianada toda ali tinha vindo de Itápolis para trabalhar na lavoura. Minha mãe não conseguia engravidar, ensinaram a ela várias simpatias, mas o problema devia ser a idade, muito nova, quem diria que, depois, seríamos seis! Quase vizinho da tia Marieta, contam que foi na casa do tio Tersiglio que a minha irmã mais velha, a Lete, me levou para desmamar, eu já tinha mais de dois anos, passando do peito para a sopa de pão com leite.

Minha mãe tem uma mania, adora um velório, não importa se é de conhecido ou desconhecido. Uma vez, telefonaram para avisar que o tio Bortolo, tio do meu pai, estava internado, minha mãe correu pintar o cabelo para ir ao velório, mas não foi daquela vez, ele melhorou e viveu mais alguns meses e novas tinturas. “Furbo, esse aí é furbo!”, dizia ela, “ma num me fez gastar tinta à toa!”, contava que ele era namorador, casado mas sempre de olho nas outras, “aquele pagliaccio!”. Nostálgica, ela sempre fala da parentela, além do tio Biba e do tio Tersiglio, do lado dos Strassacapa, tem o tio Cicci, o Toninho, a Geni, a Mariona e “o teu nonno Orlando Strassacapa”, pai dela. Vô Orlando nunca mais se casou depois da morte precoce da minha vó, ela morreu no parto, em casa, junto com os bebês que não nasciam – descobriram, depois, que eram gêmeos –, antes de morrer, ela pediu para ver os filhos, abraçou os “bambini” dela, minha mãe tinha oito anos.

Lembro quando minha mãe abria caixas de coisas velhas, mostrava o vestido da mamma dela, era quando mostrava

“Signora Ortália, no, è Ordália!”, avvisa la mamma, e dice “Dove si è visto? Ma num me bastava esser Strassacapa, mio padre mi ha messo questo nome! Ha detto che era un onore, come sua zia Italia, ma che bella roba!”. C’è gente che la chiama Dalia, perlomeno è il nome di un fiore, come fa la zia Marieta, sposata con lo zio Biba, soprannome dello zio Ettore. “Furba, quella lì è furba!”, dice mia mamma della zia Marieta, solo perché alla zia piace andare a casa degli altri ma non ci invita molto spesso ad andare da lei. Mia mamma racconta dei balli dell’adolescenza a cui andava con la zia Marieta, quando ha conosciuto papà e si è sposata a tredici anni, l’intera comunità italiana era venuta tutta da Itápolis per lavorare all’aratura. Mia mamma non riusciva a restare incinta, le hanno insegnato vari sortilegi ma il problema doveva essere l’età, troppo piccola, chi avrebbe detto che poi saremmo stati in sei! Raccontano che è stato a casa dello zio Tersiglio, quasi vicino della zia Marieta, che mia sorella più grande, Lete, mi ha portata a svezzare, avevo già più di due anni e passavo dalla tetta alla zuppa di pane e latte.

Mia mamma ha una mania, adora i funerali, non importa se di conosciuti o di sconosciuti. Una volta hanno telefonato per avvisarci che lo zio Bortolo, zio di mio padre, era ricoverato. Mia mamma è corsa a tingersi i capelli per andare al funerale, ma quella volta non è morto, è migliorato e ha vissuto alcuni altri mesi e nuove tinte. “Furbo! Quello lì è furbo!”, diceva lei “ma non è che mi ha fatto sprecare tutta la tinta!”, raccontava che era un donnaio, sposato ma con occhi sempre per altre, “quel pagliaccio!”. Nostalgica, lei parla sempre di parentela... oltre a zio Biba e zio Tersiglio, da parte dei Strassacapa, c’è lo zio Cicci, Toninho, la Geni, la Mariona e “tuo nonno, Orlando Strassacapa”, suo papà. Nonno Orlando non si è più sposato dopo la morte prematura di mia nonna, morta di parto, in casa, insieme ai bambini che non nascevano – hanno scoperto, poi, che erano gemelli – prima di morire, lei ha chiesto di vedere i figli, ha abbracciato i suoi “bambini”, mia mamma aveva otto anni.

Mi ricordo quando mia mamma apriva scatole di cose vec-

o olho de vidro do meu pai, os papéis com o fiado da venda, que ninguém mais pagou depois que ele morreu, e um álbum de fotografias que ele fez, “aquele brutto ma caprichoso!”. Ela mostrava o álbum, era em papel verde e todo costurado: “Esse é o Giovanni Bertassi Micheletti, nonno do teu pai, veio da Itália, chamavam de João aqui no Brasil, ele contava que um bebê morreu no navio que veio da Itália e tiveram que jogar no mar”, “essa é a Irene, a nonna do teu pai, também veio da Itália, ela era dos Pretti e Rossi”, “esse é o teu nonno, o Luiz Micheletti, morreu novo, o nome era homenagem ao nonno dele, Luigi na Itália”, “essa é a tua nonna, Maria Colevatti, casou de novo com um dos Favotto”, “essa é tua tia Ítala, irmã do teu pai, casou com um dos Bordini”, “essa é tua tia Irene, meia-irmã do teu pai, mora na Mooca, em São Paulo”... Com o tempo, o álbum foi se desfazendo, páginas e fotos sumindo, hoje sobraram poucas, como a história dos italianos no Brasil para as novas gerações.

Uma vez, ela olhava as fotos e olhava para mim, “esse teu nasone não engana, é italiano, ma é Strassacapa ou Micheletti...? Acho que misturou, ma é parecido mais comigo...”, pelo que ela diz, existe mesmo uma Itália em mim, e eu, às vezes, fico pensando: “furba, minha mãe é furba...!”.

chie, mostrava il vestito della sua mamma, era quando mostrava l'occhio di vetro di mio papà, le carte con il credito della vendita che nessuno aveva più pagato da quando era morto, e un album fotografico fatto da lui, “quel brutto ma brioso!”. Lei mostrava l'album, era in carta verde, tutto cucito: “Questo è Giovanni Bertassi Micheletti, nonno di tuo papà, era venuto dall'Italia, qui in Brasile lo chiamavano João, raccontava che un neonato era morto nella nave venuta dall'Italia e che avevano dovuto gettarlo in mare”, “questa è Irene, nonna di tuo papà, anche lei venuta dall'Italia, era dei Pretti e Rossi”, “questo è tuo nonno, Luiz Micheletti, è morto giovane, il nome era in onore di suo nonno, Luigi, in Italia”, “questa è tua nonna, Maria Colevatti, si è sposata di nuovo con uno dei Favotto”, “questa è tua zia Itala, sorella di tuo papà, si è sposata con uno dei Bordini”, “questa è tua zia Irene, sorellastra di tuo papà, abita alla Mooca a San Paolo”... con il passare del tempo, l'album si è disfatto, pagine e foto sono sparite, oggi ne restano poche, come la storia degli italiani in Brasile per le nuove generazioni.

Una volta, lei guardava le foto e mi guardava, “questo tuo nasone è decisamente italiano, ma è Strassacapa o Micheletti...? Credo che sia un mix, ma è più simile al mio...”, da quello che dice lei, esiste un'Italia anche in me e io, a volte, mi ritrovo a pensare: “furba, mia mamma è furba...!”.

Alterado

Giuseppina Burigo

Era uma pequena cidade.

Naquela pequena cidade não eram todos que conheciam as letras.

Naquela pequena cidade falavam-se duas línguas: uma com fluidez e outra em aprendizado.

Naquela pequena cidade nem todos conheciam as letras e menos eram os que conheciam as letras na língua que estava em aprendizado.

Naquela pequena cidade havia confiança, todos conheciam-se e chamavam-se pelo nome.

Mas, como sempre há um mas, aquela pequena cidade estava dentro de um grande País onde, com fluidez, falava-se a língua que naquela pequena cidade estava ainda sendo aprendida.

Naquele grande País conhecer as letras tornava qualquer um especial.

Naquele grande País ninguém se importava com o que acontecia naquela pequena cidade.

E naquela pequena cidade, num tempo em que duas línguas eram faladas e conviviam tranquilamente, nasceu Giuzzepina.

A menina cresceu bilíngue. Cresceu e logo aprendeu a trabalhar. Cresceu e pouco ou quase nada pode aprender das letras. Falava duas línguas, mas delas só conhecia os sons.

Naquela pequena cidade a menina, já mulher, casou-se. No casamento levou a certidão de nascimento e sua voz dizendo seu nome.

Naquele grande País havia uma nova regra. Ela não conhecia. Sem conhecimento das letras teve seu nome alterado.

Cambiato

Giuseppina Burigo

Era uma pequena cidade.

In quella piccola città, non tutti sapevano leggere e scrivere.

In quella piccola città si parlavano due lingue: una con fluidità e l'altra a scuola.

In quella piccola città non tutti sapevano leggere e scrivere e ancora meno erano quelli che sapevano scrivere nella lingua che si imparava.

In quella piccola città c'era fiducia, tutti si conoscevano e si chiamavano per nome.

Ma, perché come sempre c'è un ma, quella piccola città era all'interno di un grande paese dove, con fluidità, si parlava la lingua che in quella piccola città si stava ancora imparando.

In quel grande paese saper scrivere trasformava chiunque in qualcuno di speciale.

In quel grande paese a nessuno importava cosa succedesse in quella piccola città.

E in quella piccola città, in un periodo in cui due lingue venivano parlate e convivevano tranquillamente, nacque Giuzzepina.

La bambina crebbe bilingue. Crebbe e imparò subito a lavorare. Crebbe e non imparò quasi per nulla a scrivere. Parlava due lingue, ma ne conosceva solo i suoni.

In quella piccola città la ragazza, ormai donna, si sposò. Al matrimonio portò il certificato di nascita e la sua voce a dire il suo nome.

In quel grande paese c'era una nuova legge. Che lei non conosceva.

Senza saper scrivere, il suo nome venne cambiato.

Naquele grande país não mais era permitido o nome daquela menina. Não mais era permitida a sonoridade da língua que a menina ouvira nas canções de ninar.

A menina confiou em quem sabia das letras: É o mesmo nome, só que em português. Nada mudou.

Havia mudado. Ela nunca soube. Nasceram os filhos.

Naquela pequena cidade os filhos logo aprenderam a trabalhar. Aprenderam as duas línguas em casa, mas somente podiam falar uma ao caminhar pelas ruas.

Naquela pequena cidade ainda habitavam duas línguas, mas somente uma era permitida. O que não mudava era o conhecimento das letras, ainda para poucos.

Ela seguia sendo chamada por seu nome, na verdade pelo apelido carinhoso dado ao nascer “Pina”.

Seguia sendo chamada pelo som escolhido por seus pais.

Faleceu sem nunca saber o que a alteração das letras havia mudado em seu nome. Os filhos também não sabiam.

Faleceu com uma alteração em sua história.

Faleceu e, no mesmo ano, nasce uma neta. À neta, como costume e homenagem, dão-lhe o nome da avó.

A neta leva o nome escrito com sua alteração, alteração que marca um período duro, de proibições, de cerceamento. O pai desconhece o que o nome da homenageada havia sofrido.

A neta passou a ser chamada por um nome em casa e outro nos demais lugares. Passava o tempo tentando explicar algo que – ela não sabia, mas – não era possível explicar.

A menina passava o tempo a dizer que não era “JoseFina, era JosePina”. Todo tempo ouvia piadas pelo “Fina” do seu nome.

Diferente da avó, a neta cresceu numa grande cidade e num tempo em que teve contato com as letras.

A neta não era bilíngue como a avó. Ela aprendeu as letras e os sons de uma só língua, da língua daquele grande País.

Conhecendo as letras e sons, a neta compreendeu que havia algo errado. Que algo era mal explicado em seu nome.

Naquela família ninguém sabia explicar, pensavam que era

In quel grande paese non era più permesso il nome di quella ragazza. Non era più permessa la sonorità della lingua che la bambina sentiva durante le ninna-nanne.

La ragazza si fidò di chi sapeva scrivere: è lo stesso nome, solo che è in portoghese. Non è cambiato nulla.

Era cambiato. Lei non lo seppe mai. Nacquero i figli.

In quella piccola città i figli impararono presto a lavorare. Impararono due lingue in casa, ma ne potevano parlare solo una mentre camminavano per strada.

In quella piccola città abitavano ancora due lingue, ma solo una era permessa. Ciò che non cambiava era il saper scrivere, ancora per pochi.

Lei continuava ad essere chiamata con il suo nome, in realtà con il soprannome affettuoso dato alla nascita: “Pina”.

Continuava ad essere chiamata con il suono scelto dai suoi genitori.

Morì senza mai sapere che il cambiamento delle lettere aveva cambiato il suo nome.

Anche i figli non lo sapevano.

Morì con un cambiamento della sua storia.

Morì e, lo stesso anno, nacque una nipote. Alla nipote, com'è usanza e onore, venne dato il nome della nonna.

La nipote porta il nome scritto con il cambiamento, cambiamento che marca un periodo duro, di proibizioni, di incarcerazioni. Il padre non sa cosa avesse subito il nome dell'onorata.

La nipote iniziò a venire chiamata con un nome in casa e un altro nella maggior parte dei posti. Passava il tempo provando a spiegare qualcosa che – lei non lo sapeva, ma – non era possibile spiegare.

La ragazza passava il tempo a dire che non era “JoseFina, era JosePina”. Sentiva sempre battute per il “Fina” del suo nome.

Differentemente dalla nonna, la nipote crebbe in una grande città in un periodo in cui ebbe contatti con la scrittura.

La nipote non era bilingue come la nonna. Imparò a scrivere e a parlare in una sola lingua, la lingua di quel grande paese.

por ser um nome estrangeiro. A neta descobriu que o som seria o mesmo nas duas línguas.

Saiu então em busca da sua história, da história que se ligava diretamente à sua história, da história em que sua história se ligava.

Descobriu.

Descobriu a alteração da identidade, descobriu uma ditadura, descobriu cerceamento, descobriu enganação, descobriu que quem conhecia as letras havia mentido.

Questionou-se.

Qual sua identidade? Com o que se identificava?

Descobriu.

Mudou.

Ela conhecia as letras. Ela era apaixonada pelos sons.

Escolheu libertar. Alterou seu nome para o que lhe fazia sentido, para a direção da sua identidade.

Sabia que nada apagaria o borrão feito na história já escrita da avó.

Ela não era a avó, era a neta. Ela não era bilíngue, mas era encantada pelo som, pela sonoridade.

Mudou.

Em busca da sonoridade, em busca de algum respeito à sonoridade da própria memória, em busca de respeito a memória da avó tornou-se Giuseppina.

Conoscendo lettere e suoni la nipote capì che c'era qualcosa di sbagliato. Che qualcosa non era spiegato nel suo nome.

In quella famiglia, nessuno sapeva spiegare, pensavano che fosse perché era un nome straniero. La nipote scoprì che il suono sarebbe stato lo stesso in entrambe le lingue.

Uscì quindi in cerca della sua storia, della storia che si collegava direttamente alla sua storia, della storia in cui la sua storia rientrava.

Scoprì.

Scoprì il cambiamento dell'identità, scoprì la dittatura, scoprì l'incarcerazione, scoprì inganni, scoprì che colui che sapeva scrivere, aveva mentito.

Si chiese.

Qual era la sua identità? Con cui si identificava?

Scoprì.

Cambiò.

Lei sapeva scrivere. Lei era innamorata dei suoni.

Scelse la liberazione. Cambiò il suo nome con quello che per lei aveva senso, per la sua identità.

Sapeva che niente avrebbe tolto la macchia sulla storia già scritta della nonna.

Lei non era la nonna, era la nipote. Lei non era bilingue, ma era incantata dal suono, dalla sonorità.

Cambiò.

In cerca della sonorità, in cerca di un qualche rispetto alla sonorità della propria memoria, in cerca di rispetto alla memoria della nonna, cambiò il nome in Giuseppina.

Existe uma Itália em mim

Helena Domingos

Morando na Itália há um ano e com a cidadania reconhecida, deparei com um povo alegre de hábitos tradicionais como o cultivo de plantas e o uso de bicicletas, que me remetem à alegria de minha mãe, suas histórias de infância com seu avô italiano, suas bicicletas, e que compartilho a seguir.

Zenaide nasceu na pequena Guarantã e aos 2 anos foi para Bauru, ambas cidades no interior de São Paulo. Seu pai era filho de italianos, e sua mãe, de alemães. Moravam no sítio e para chegar ao centro da cidade usavam carroça ou bicicleta.

– Na Itália as pessoas usam bicicleta para se locomover e transportar o que precisam, dizia seu avô Domenico, que além de suas histórias, ensinava também palavras em italiano.

– A letra C tem som de T e a pronúncia de bicicleta é “biticleta”, dizia ele. Então, ela batizou a sua de Biti.

Seu pai era carroceiro e fazia transporte com a carroça puxada pelo cavalo Brioso, que, em italiano, significa Animado. Realmente ele era animado, apesar dos maus tratos praticados pelo seu dono quando era contrariado. Ele trabalhava no centro da cidade e Zenaide levava seu almoço enrolado nos panos de cozinha branquíssimos feitos com capricho pela sua mãe.

Não era uma tarefa fácil chegar até ele, porque ela tinha que se equilibrar sobre duas rodas e cuidar da marmita para não cair. Devia ficar atenta ao passar pela linha do trem e a estrada era longa e com areia ou lama quando chovia. Era um tremendo esforço para uma garota de apenas 8 anos. Porém, ciente de sua responsabilidade, sempre sorridente e conversando com sua companheira Biti, seguia em frente.

Esiste un'Italia in me

Helena Domingos

Abitando in Italia da un anno e con la cittadinanza riconosciuta, mi sono imbattuta in un popolo allegro dalle abitudini tradizionali come la coltivazione delle piante e l'uso delle biciclette, che mi ha riportato all'allegria di mia mamma, delle sue storie d'infanzia con il suo nonno italiano, le sue biciclette... le condivido qui.

Zenaide nacque nella piccola Guarantã e a due anni si trasferì a Bauru, entrambe città dell'entroterra di San Paolo. Suo padre era figlio di italiani e sua mamma di tedeschi. Abitavano in periferia e per raggiungere il centro della città usavano la carrozza o la bicicletta.

– In Italia, le persone si muovono in bicicletta e la usano per trasportare ciò che gli serve – diceva suo nonno Domenico, che oltre a raccontare storie insegnava anche alcune parole in italiano. La lettera C italiana ha il suono della T brasiliana e la pronuncia di “bicicleta” è “biticleta”, diceva lui. Quindi, lei chiamò la sua di Biti in italiano.

Suo padre faceva il cocchiere con una carrozza trainata dal cavallo Brioso, che in italiano significa vivace. Era davvero vivace, nonostante le botte del padrone quand'era contrariato. Lui lavorava nel centro della città e Zenaide gli portava il pranzo fatto con cura dalla mamma, avvolto nei canovacci da cucina bianchissimi.

Non era un compito facile arrivare fino a lui, perché doveva stare in equilibrio su due ruote e fare attenzione alla marmita per non cadere. Doveva stare attenta al passaggio sulla linea del treno e la strada era lunga e sterrata o, se pioveva, infangata.

Depois de entregar o almoço a seu pai pedalava em direção à escola. Seus avôs italianos moravam próximo dali, em frente à praça com um belo jardim e coreto onde a banda de música tocava aos domingos.

No final das quartas-feiras quando saía da escola, ela pedalava sua Biti até a praça onde seu avô a esperava, sempre impecável em seu terno de linho bege e camisa branca. Encontrá-lo era uma aventura!

– Minha cara bambina, dizia ele, ou seja, minha querida criança! Ela largava sua Biti e pulava em seu colo dando gargalhadas. Ele contava repetidamente sobre a viagem de navio e a chegada ao Brasil. Ela ouvia ansiosamente, mas de olho no bolso onde ele guardava uma moeda e ela sabia que o melhor estava por vir. Ao final da história ele fechava as mãos e ela tinha que encontrá-la. Quando acertava saía correndo para comprar caramelle, balas em italiano. Voltava e fazia o mesmo com ele.

– Nonno, em qual mão estão as caramelle? As pequeninas mãos quase não conseguiam esconder as balas, ele não as encontrava e, mais uma vez, era motivo de novas gargalhadas que ele adorava ouvir!

– Nonno, conta mais, sempre curiosa e interessada. Os anos se passaram e ela foi colecionando histórias. Apesar de chegar ao Brasil com apenas 7 anos, ele se recordava bem da viagem com seus pais e 5 irmãos em busca de dias melhores e longe da violência da guerra e da fome.

Os avôs de Zenaide trabalharam e tiveram suas próprias fazendas de café. Resolveram vender e ir para a cidade para que seus filhos pudessem estudar. Seu pai foi o único que manteve sua própria terra. O sítio era distante e ela sempre dependia de sua Biti, que foi mudando de tamanho conforme ela crescia, mas o nome de batismo para sua companheira era mantido. Depois ela passou a utilizar inclusive para trabalhar e para sua segurança no retorno à casa ao anoitecer, seu irmão colocou luzes que se acendiam com a precária tecnologia de dínamo.

Era uno sforzo tremendo per una bambina di appena otto anni. Tuttavia, cosciente della sua responsabilità, sempre sorridente e chiacchierando con la sua compagna BiTi, andava avanti.

Dopo aver consegnato il pranzo al papà, pedalava in direzione della scuola. I suoi nonni italiani abitavano vicini, di fronte alla piazza con un bel giardino e al palchetto su cui la banda del paese suonava di domenica.

Nel pomeriggio del mercoledì, quando usciva da scuola, pedalava la sua BiTi fino alla piazza dove l’aspettava il nonno, sempre impeccabile nel suo completo di lino beige e camicia bianca. Incontrarlo era un’avventura!

– Mia cara bambina – diceva! Lei poggiava la sua BiTi e gli saltava in braccio ridendo. Lui raccontava spesso del viaggio in nave e dell’arrivo in Brasile. Lei ascoltava con attenzione, ma con gli occhi alla tasca in cui lui nascondeva una moneta e lei sapeva che il meglio doveva ancora arrivare. Alla fine della storia, lui chiudeva le mani e lei doveva indovinare dove fosse la moneta. Quando la trovava, usciva correndo per comprare caramelle, diceva in italiano. Tornava e faceva la stessa cosa con lui. _ Nonno, in quale mano sono le caramelle? Le manine così piccole quasi non riuscivano a nasconderle, lui non le trovava ed era di nuovo motivo per altre risate, che lui adorava sentire!

– Nonno, racconta ancora – sempre curiosa e interessata. Gli anni passavano e lei collezionava storie. Nonostante fosse arrivato in Brasile a sette anni, lui si ricordava bene del viaggio con i genitori e i cinque fratelli in cerca di giorni migliori lontano dalla violenza della guerra e dalla fame.

I nonni di Zelaide avevano lavorato e avevano costruito le loro fazenda di caffè. Avevano deciso di vendere e di andare in città perché i loro figli potessero studiare. Suo padre fu l’unico che tenne la terra. La campagna era distante e lei dipendeva sempre dalla sua BiTi, che diventava più grande nello stesso modo in cui lei cresceva, ma il nome di battesimo della sua compagna è rimasto sempre lo stesso. Più avanti cominciò ad usarla anche per il lavoro e per la sua sicurezza quando rien-

Aos 18 anos e com suor de suas pedaladas e de seu trabalho, Zenaide teve a oportunidade de comprar sua própria Biti. Desfrutou de sua companhia durante 4 anos, e quando se casou, aos 22 anos, seu pai confiscou sua Biti alegando que ela deveria deixar para seus irmãos mais novos. No entanto, ele a vendeu e não lhe deu o dinheiro, contribuindo assim, para mais uma maldade de seu pai.

Triste com a atitude de seu pai não se abateu e logo vieram outras atividades e responsabilidades do casamento e filhos. Anos se passaram, os filhos cresceram e ficou viúva aos 54 anos. Aos 68 comprou uma bicicleta verde e aos 72 anos trocou pela roxa, mas sempre Biti!

Apesar de ter seu próprio carro, sua Biti a conduzia à padaria e à feira. Até recentemente, quando não mais podia pedalar devido aos desgastes naturais dos ossos, ela continuava ir à feira. Nas ruas em declive montava em sua Biti e deixava ser levada usando apenas os freios quando necessário. Para retornar, colocava as compras na cestinha e voltava empurrando e feliz.

Sinto gratidão à minha mãe e adoro quando ainda, aos 76 anos, reconta suas aventuras com suas bicicletas e, principalmente, quando a vejo cultivando sua videira e tantas outras plantas, sempre cantando e sorrindo, uma alegria que me contagia. Portanto, digo que Existe uma Itália em mim e especialmente em minha mãe, que é um exemplo a ser seguido, pois vive a cada dia como se fosse o último, aproveitando cada segundo com sua alegria de viver e com tudo de bom que a vida pode lhe proporcionar!

trava a casa la sera, suo fratello le mise luci che si accendevano grazie alla precaria tecnologia della dinamo.

A diciott'anni e con il sudore delle sue pedalate e del suo lavoro, Zenaide riuscì a comprare la sua Biti. Godette della sua compagnia per quattro anni e, quando si sposò a 22 anni, suo padre le confiscò Biti, dicendo che doveva lasciarla ai suoi fratelli più piccoli. Dopo però, lui la vendette e non le diede i soldi, contribuendo così ad un'altra cattiveria del padre.

Triste per il comportamento del padre non si abbatté e arrivarono subito altre attività e responsabilità del matrimonio e dei figli. Gli anni passarono, i figli crebbero e rimase vedova a 54 anni. A 68 comprò una bicicletta verde e a 72 la cambiò con una rosa, ma sempre Biti!

Tralasciando la sua macchina, la sua Biti la portava in pasticceria e al mercato. Fino ai tempi recenti, quando non poteva più pedalare a causa degli acciacchi naturali alle ossa, continuava ad andare al mercato. Nelle strade in discesa montava sulla sua Biti e lasciava che la trasportasse usando solo i freni quando necessario. Per tornare, metteva le borse con la spesa sul cestino e tornava spingendo felice.

Provo gratitudine per mia mamma e adoro quando ancora, a 76 anni, racconta delle sue avventure con le sue biciclette e, soprattutto, quando la vedo che coltiva la vite e tante altre piante sempre cantando e sorridendo, un'allegria che è contagiosa. Per cui, dico che Esiste un'Italia in me e specialmente in mia mamma, che è un esempio da seguire perché vive ogni giorno come fosse l'ultimo, approfittando di ogni secondo con la sua allegria di vivere e con tutto ciò che di buono la vita le ha donato!

O gesto fala

Laís de Barros

Desde pequena minha mãe me repreendia por falar com as mãos. Perdi a conta das coisas que eu derrubei, no entusiasmo de contar histórias, gesticulando; eu achava que elas ganhavam mais atenção acompanhadas pelo discurso silencioso das minhas mãos, esculpindo no ar cenários e personagens; preferia ficar muda a manter as mãos paradas.

– Filha, você precisa segurar as mãos! A boca é que fala!!

E ela repetia a mesma frase, toda vez. Ameaçava colocar as minhas mãos de castigo, o tempo todo.

Não adiantava nada! Eu começava um assunto e as mãos acompanhavam, automaticamente. Ninguém em casa tinha esse hábito. Todos tagarelavam bastante, mas sem usar as mãos.

Certa ocasião, recebemos a visita de Tereza, prima da minha mãe, que morava na Itália.

Tereza viveu no Brasil até os vinte anos, quando se casou com um rapaz da Calábria. Eu ainda não tinha nascido quando prima Tereza foi embora. Gostei dela no primeiro gesto:

– Parece uma maestrina regendo as palavras – elogiou Tereza, assim que me viu.

Finalmente alguém entendia a minha arte de falar com as mãos.

– Tem tanta Itália em você, bambina! Celebrava Tereza.

Eu não entendia direito o que ela queria dizer, mas guardava aquelas palavras como um elogio.

No período em que prima Tereza ficou em casa, minha mãe deu uma trégua para mim; e não é que estivesse muito ocupada acompanhando a prima; o fato é que Tereza gesticulava tanto ou mais do que eu.

Il gesto parla

Laís de Barros

Da quando ero piccola mia madre mi rimproverava del fatto di parlare con le mani. Ho perso il conto delle cose che ho lasciato cadere, nell'entusiasmo di raccontare le storie, gesticolando; pensavo che avrebbero ricevuto più attenzione se associate al discorso silenzioso delle mie mani, che le scolpivano nell'aria scene e personaggi, preferivo restare muta che tenere le mani ferme.

– Figlia mia, devi tenere le mani ferme! È la bocca che parla!

E lei mi ripeteva la stessa frase, ogni volta. Minacciando di mettere le mie mani in castigo, tutto il tempo.

Non serviva a nulla! Iniziavo un discorso e le mani lo seguivano, automaticamente. Nessuno a casa aveva questa abitudine. Tutti chiacchieravano abbastanza, ma senza usare le mani.

Una volta, abbiamo ricevuto la visita di Tereza, nipote di mia madre, che abitava in Italia.

Tereza era vissuta in Brasile fino ai vent'anni, quando si era sposata con un ragazzo originario della Calabria. Io ancora non ero nata quando la cugina Tereza se n'era andata. Mi è piaciuta dal primo gesto.

– Sembra una maestrina che dirige le parole – ha elogiato Tereza, non appena mi ha vista.

Finalmente, qualcuno capiva la mia arte di parlare con le mani.

– C'è tanta Italia in te, bambina! – Ribadiva Tereza.

Non capivo molto bene cosa voleva dire, ma prendevo quelle parole come un complimento.

Nel periodo in cui la cugina Tereza è rimasta a casa, mia ma-

A família combinou um grande almoço para reunir todo mundo; prima Tereza e minha mãe dividiram as tarefas:

– Eu quero a bambina na máquina de macarrão para me ajudar! anunciou prima Tereza, apontando para mim.

Tereza esbanjava alegria. Espontânea, carregava o adorável sotaque de quem pouco usou o português, combinado com as manobras espalhafatosas das mãos, para deixar tudo bem explicado.

Prima Tereza parecia comigo e eu parecia com ela. Alguma coisa nos ligava. Algo que a minha pouca idade não entendia o que era.

Foi uma surpresa e uma responsabilidade o convite para eu ajudar no prato principal do evento. Minha mãe nunca preparou a massa de macarrão em casa e pouco falava da nossa origem. Muito da história da família se perdeu com o desuso de costumes, novos interesses e compromissos que obrigavam minha mãe a trabalhar muito para ajudar meu pai. Esse assunto ficava reservado aos raríssimos encontros com parentes, como Tereza, que vinham nos visitar.

Tereza colocou minhas mãos na massa. A cada volta na máquina de macarrão, as tirinhas ganhavam vida e ficavam expostas como um troféu, na bancada improvisada para o espagete chegar ao ponto.

O ponto que eu experimentava tateando a textura, chacoalhando as tiras no ar, até levar para a boca e mastigar lentamente o gosto cru da minha origem. A maior herança que minha bisavó trouxe, na viagem da Itália para o Brasil.

Cada nova leva de macarrão alimentava um costume, um traço italiano que eu reconhecia em mim. Embalei na viagem pelo paladar das coisas que a gente não explica, não vê, apenas sente.

– Dai, dai, smetti di sognare! Ci sono molte persone da mangiare! ordenou minha prima, balançando as mãos e batendo palmas.

E eu entendi o que prima Tereza disse. Entendi o tesouro

dre mi ha lasciata stare; e non è che lei fosse molto impegnata a seguire mia cugina; il fatto è che Tereza gesticolava se non quanto me, più di me.

La famiglia ha organizzato un grande pranzo per riunire tutti quanti. La cugina Tereza e mia madre si sono divise i compiti:

– Vorrei che la bambina rimanesse alla macchina per fare la pasta! Ha detto zia Tereza puntando verso di me.

Tereza sprizzava allegria. Spontanea, portava con sé l'accento di chi aveva usato poco portoghese e ci abbinava le manovre esagerate delle mani, per spiegare bene tutto.

La cugina Tereza mi assomigliava e io assomigliavo a lei. Qualcosa ci univa. Qualcosa che la mia giovane età non era in grado di cogliere.

È stata una sorpresa e una responsabilità l'invito ad aiutarla con il piatto più importante dell'evento.

Mia madre non ha mai fatto l'impasto della pastasciutta e poco ci raccontava delle nostre origini. Molto della storia della famiglia si è perso con il disuso dei costumi, nuovi interessi e nuovi impegni che obbligavano mia madre a lavorare molto per aiutare mio padre. Questo discorso rimaneva riservato ai rarissimi incontri con i parenti, come Tereza, che venivano a trovarci.

Tereza ha messo le mie mani nell'impasto. Ad ogni giro nella macchina per la pasta, le piccole strisce prendevano vita e rimanevano esposte come un trofeo, nel piano improvvisato fino a che gli spaghetti arrivavano al punto.

Il punto in cui io assaggiavo toccando la tessitura, facendo dondolare le strisce all'aria, fino a portare in bocca e masticare lentamente il gusto crudo delle mie origini. La più importante eredità che ha portato la mia bisnonna, nel viaggio dall'Italia al Brasile.

Ogni nuovo arrivo di pastasciutta alimentava un costume, un'impronta italiana che io riconoscevo in me.

Mi sono avvolta nel viaggio attraverso il sapore delle cose che non sappiamo spiegare, che non vediamo, che sentiamo soltanto.

que o tempo e a distância não destroem. O gesto nobre que a ancestralidade impregna na nossa história e se revela, em algum momento mágico.

Descobri, aos dez anos, um ingrediente poderoso do meu DNA: falar com as mãos era uma pista da imensa Itália que existe em mim.

– Dai, dai, smetti di sognare! Ci sono molte persone che vengono a mangiare! Mi ha ordinato mia cugina, muovendo le mani e sbattendole.

E io ho capito cosa ha detto cugina Tereza. Ho capito la ricchezza che il tempo e la distanza non cancellano. Il gesto nobile che l'ancestralità impregna nella nostra storia e si rivela in qualche momento magico.

Ho scoperto, a dieci anni, un ingrediente portentoso del mio DNA: parlare con le mani era un segno dell'immensa Italia che esiste in me.

Maria, a Louca

Lorien Marta Zanini

Maria, a menina nascida em Peixes, signo de artistas e sensitivos, recebera o nome em homenagem à avó. Porque era domingo, Maria Domenica. Uma boca a mais no casebre de palha e chão batido onde pais, tios e avós habitavam.

Trouxe alegria. Miúda, de olhos azuis e sorriso doce, Marietta enfrentou incólume doenças endêmicas porque a mãe a tratava com zelo, dava o melhor de si para lhe proporcionar saúde e bem estar.

Fragil, esperta e inteligente, era primeira filha e única neta. Atraía o afeto de todos e o carinho do pai, um “bracciante” rude que teria preferido um menino a ela. Ensaia os primeiros passos, quando a mãe anunciou a chegada de um irmão.

Isabella amamentava a filha e não se sentia bem. Exausta, tonturas e desmaios dificultavam que bem se dedicasse à filha que, apreensiva, tornou-se arredia e calada.

A mãe tentava demonstrar segurança, mas Maria sentia que era grave. Aconteceu de forma brutal. Numa escura noite de inverno, Isabella, após longo sofrimento, deu seu último suspiro e levou consigo o filho que não nascera.

O pai casou-se pouco depois. Pragmático, buscou alguém para ajudá-lo. A madrastra não era simpática à menina tristonha que, depois, se alegrou com a chegada de um irmão, de quem passou a cuidar como se brincasse com boneca. Ao nascer o segundo irmão, já sabia como tratá-lo.

Cedo aprendera a obedecer. Sem escola nem amigos era “uma pequena escrava” que trabalhava sem reclamar, sem recompensa, sem afeto. Nasce outro irmão, aumentam as atribuições.

Maria, la pazza

Lorien Marta Zanini

Maria, la bambina nata sotto il segno dei Pesci, segno di artisti e sensitivi, aveva ricevuto il nome in onore della nonna. Poiché era domenica, Maria Domenica. Una bocca in più nel capanno di paglia e pavimento di terra battuta in cui genitori, zii e nonni vivevano.

Portò allegria. Piccolina, con occhi azzurri e il sorriso dolce, Marietta affrontò incolume malattie endemiche perché la mamma la curava con zelo, dava il meglio di sé per assicurarle salute e benessere.

Fragile, esperta e intelligente, era l'unica figlia e nipote. Attraversava l'affetto di tutti e le coccole del papà, un bracciante rude che avrebbe preferito un maschio a lei. Iniziava a fare i primi passi, quando la mamma annunciò l'arrivo di un fratello.

Isabella allattava la figlia e non si sentiva bene. Esausta, capogiri e svenimenti le rendevano difficile il dedicarsi alla figlia che, apprensiva, diventava elusiva e silenziosa.

Cercava di mostrare sicurezza, ma Maria sentiva che era grave. Successe brutalmente. In una notte oscura d'inverno. Isabella dopo lunghe sofferenze diede l'ultimo respiro e portò con sé il nascituro.

Il padre si sposò poco dopo. Pragmatico, cercò qualcuno che lo aiutasse. La matrigna non è molto simpatica alla bimba triste che, in seguito, si rallegra con l'arrivo del fratello. Inizia a prendersene cura come se giocasse con una bambola e alla nascita del secondogenito, sapeva già come comportarsi.

Impara presto ad ubbidire. Senza scuola né amici diventa una piccola schiava che lavora senza lamentarsi, senza ricom-

Depois, mais outro. Habituada, toma conta dos quatro, da casa, e ajuda na roça.

Uma vida de exploração e pobreza lhe cabe. Sonha com um rapaz bondoso e trabalhador para se casar, mas o destino a surpreende novamente com a doença e a morte da madrastra pela tuberculose.

Além dos irmãos, agora apoia o pai carente que, desgostoso, é seduzido pela expectativa de vida melhor na América. Ter suas próprias terras era um atrativo que o estimulava a não temer o desconhecido.

Maria é tomada por uma tristeza profunda. Sabia que sofreria, que suas responsabilidades aumentariam. Chorava escondida, reprimia a dor e, apreensiva, ajudou a preparar a viagem, não esquecendo de colocar Santo Antonio na bagagem.

A despedida foi dolorosa. O adeus a Montebello e aos Dolomitas foi indescritível. O brilho do reflexo do sol nas montanhas, a neve macia, o deslizar das águas azuis do rio Piave eram imagens de que se lembraria sempre.

A viagem até Gênova foi tranquila. Solícita, Maria atendia a todos, o que fez nos 36 dias embarcados no Colombo. Era a irmã mais velha e, no papel de mãe, tentava amenizar o sofrimento naquela travessia de terceira classe, de fome e privações.

Desembarcar no Rio foi um alívio logo interrompido pela sequência da viagem ao sul. O pior fora o percurso em carroças e lombos de burros até a serra gaúcha. De sofrimento, fome, perigo e cansaço. Embrenhados na mata de animais e árvores desconhecidos, Marietta os tranquilizava e escondia sua dor.

Instalaram-se num barraco até construir uma casa rústica. As terras montanhosas eram cultivadas com dedicação. Todos se empenhavam. Maria cuidava da casa, cozinhava, lavava, costurava, atendia pai e irmãos, ajudava na roça e no trato dos animais.

Cansada e deprimida, sentia falta de sua terra natal, trabalhava, não reclamava. A natureza correspondia. O parreiral fornece uvas para o vinho; o milho garante a polenta; as galinhas,

pense, sem afeto. Nasce um outro fratello, aumentano i compiti. Poi, un altro. Abituata, si prende cura dei quattro, della casa e aiuta in campagna.

Le tocca una vita di sfruttamento e povertà. Sogna un ragazzo generoso e lavoratore da sposare, ma il destino la sorprende di nuovo con la malattia e la morte della matrigna di tubercolosi.

Oltre ai fratelli, ora sostiene il papà bisognoso che, col cuore spezzato, viene sedotto dall'aspettativa di una vita migliore in America. Avere le proprie terre è un'attrazione che lo stimola a non temere l'ignoto.

Maria è presa da una profonda tristezza. Sa che soffrirà perché le sue responsabilità aumenteranno. Piange di nascosto, reprime il dolore e, apprensiva, aiuta a preparare il viaggio, non dimenticando di mettere Sant'Antonio nella valigia.

La partenza è dolorosa. L'addio a Montebello e alle Dolomiti è ineffabile. Il brillo riflesso dal sole sulle montagne, la neve morbida, lo scorrere delle acque azzurre del fiume Piave, sono immagini che si ricorderà per sempre.

Il viaggio fino a Genova è tranquillo.

Attenta, Maria si prende cura di tutti, cosa che fa anche per i 36 giorni a bordo del Colombo. È la sorella più grande e, nel ruolo di mamma, cerca di alleviare la sofferenza di quella traversata di terza classe, di fame e privazioni.

Sbarcare a Rio è un sollievo subito interrotto dal viaggio verso il Sud. Il peggio è il percorso in carrozze e sul dorso degli asinelli sino alla Serra Gaúcha. Di sofferenza, fame, pericoli e stanchezze. Immersi nella foresta di animali e alberi sconosciuti, Marietta li tranquillizza e nasconde il suo dolore.

Si sistemano in un capanno finché non costruiscono una casa rustica. I terreni di montagna sono coltivati con dedizione. Tutti si impegnano. Maria si prende cura della casa, cucina, lava, cuce, si occupa del padre e dei fratelli, aiuta nella campagna e nell'allevamento degli animali.

Stanca e depressa, le manca la terra natia, lavora senza la-

os ovos; e as vacas, leite, queijo e manteiga. Sem riqueza, vivia-se dignamente.

O pai resolveu se casar. Maria percebeu que também devia. Já passara da idade, era quase “una zitella”. O casamento foi arranjado entre seu pai e o homem que viria a ser seu marido. Mais velho, rude e grosseiro, buscava mulher pra cuidar da propriedade que adquirira em outro local. E queria filhos, logicamente.

Casou-se, sem comemoração alguma, com o homem com quem tinha conversado apenas duas vezes. Despediu-se da família e seguiu com o marido, a cavalo, até seu novo lar. Montanhas e penhascos a assustam. As imagens que gostaria de ver eram as das montanhas douradas e do rio azul de sua terra natal.

Procurou se adaptar, ser boa esposa. O trabalho não a intimidava. Sentia-se só, fragilizada e descontente. Logo engravidou mas não se sentia feliz. A família distante, o marido insensível, o local desconhecido, a falta de amigos contribuíam. Sentia-se cada vez mais deprimida.

Numa tarde fria e chuvosa de inverno, Maria deu à luz uma saudável menina. Loura, de olhos azuis como ela. O marido lamentou, queria um menino. À noite, enquanto ele dorme, a garota choraminga, quer mamar.

A mãe, meio entorpecida, vê a si mesma naquela criança, e, como num filme, revive em sua mente todo sofrimento que passou. Num ímpeto desvairado, coloca as mãos no delicado pescoço da criança e, suavemente, o comprime até ela desfalecer arroxeadas.

– Não, minha filha, você não vai sofrer como eu sofri!

No hospício onde viveria pelo resto da vida, contava da filha Itália, que morava à beira de um rio de águas calmas, onde a neve caía suavemente e as montanhas reluziam ao sol.

mentarsi. La natura risponde. Il vigneto le fornisce uve per il vino, il mais per la polenta, le galline le uova e le mucche il latte, formaggio e burro. Pur senza ricchezze si vive decorosamente.

Il padre decide di sposarsi. Maria sente che deve farlo anche lei. Ha già passato l'età, è quasi una zitella. Il matrimonio viene organizzato da suo padre e l'uomo che sarebbe diventato suo marito; più grande, rude e senza modi, cerca una moglie solo per prendersi cura della proprietà acquisita in un altro luogo. E vuole, figli ovviamente.

Si sposa senza nessun festeggiamento con l'uomo con cui ha parlato solo due volte. Saluta la famiglia e segue suo marito a cavallo fino alla nuova dimora.

Montagne e dirupi la spaventano. Le uniche immagini che vorrebbe vedere sono quelle delle montagne dorate e del fiume azzurro della sua terra natia.

Cerca di abituarsi, di essere una buona sposa. Il lavoro non la intimidisce. Si sente sola, fragile e triste.

Presto rimane incinta, ma non è felice. La famiglia distante, il marito insensibile, il luogo sconosciuto, la mancanza di amici contribuiscono. Si sente sempre più depressa.

In una sera fredda e uggiosa d'inverno, Maria dà alla luce una bambina in salute. Bionda e con gli occhi azzurri come lei. Il marito si lamenta, voleva un maschio. La notte, mentre lui dorme, la bambina piagnucola, vuole il latte.

La madre, mezza addormentata, si rivede in quella bambina e, come in un film, rivive nella sua mente tutta la sofferenza passata. In un impeto violento, poggia le mani sul collo delicato della bambina lentamente e lo stringe finché, violacea, sviene.

No, amore, non soffrirai come ho sofferto io!

In ospedale dove avrebbe vissuto per il resto della sua vita, racconta della figlia Italia, che viveva sulla riva di un fiume di acque limpide, dove la neve fioccava delicatamente e le montagne risplendevano al sole.

Um nome italiano e uma menina brasileira

Luciana de Souza Mazur

Sempre gostei de ouvir histórias, principalmente sobre as origens da minha família. A chamada “hora do conto”, na biblioteca da escola, era um dos momentos mais esperados por mim, a cada semana. Certa vez, quando eu tinha uns oito anos, alguém me perguntou por qual razão meus pais haviam escolhido o meu nome. Chegando em casa, descobri que meu prenome possui origem italiana, e que possuía ascendência italiana, por parte da família de meu pai. Desde criança sempre gostei de polenta, massa, galetto e, claro, de grôstolis.

Quando ia visitar meus avós paternos, que viviam na colônia, eu, menina da cidade, já pensava nas brincadeiras ao ar livre, mexendo na terra, o contato com os animais... Tomar banho de rio com o restante da criançada, sem os perigos da cidade grande, que já naquela época fazia com que toda a vizinhança se recolhesse cedo para seus apartamentos. Lembro-me da beleza do entardecer, que podíamos ver da varanda, e ao mesmo tempo, indicava que o dia repleto de brincadeiras estava chegando ao fim.

Lembro-me, ainda, das palavras “estranhas” que minha avó utilizava para chamar a nossa atenção, minha e de meus primos, quando estávamos fazendo alguma arte, com forte sotaque, próprio dos imigrantes italianos, que eu não entendia direito o que significava, mas tinha certeza de que estávamos sendo repreendidos por algo.

Un nome italiano e una bambina brasiliana

Luciana de Souza Mazur

Mi è sempre piaciuto ascoltare racconti, soprattutto quelli relativi alle origini della mia famiglia. La cosiddetta “ora del racconto” nella biblioteca della scuola, era uno dei momenti più attesi di ogni settimana. Una volta, quando avevo otto anni, qualcuno mi ha domandato per quale motivo i miei genitori avessero scelto il mio nome. Arrivando a casa ho scoperto che il mio cognome aveva origini italiane ed ero discendente di italiani dalla parte di mio padre. Fin da bambina mi è sempre piaciuta la polenta, la pasta, il galletto e senz’altro i crostoli.

Quando andavo in visita dai miei nonni paterni, che vivevano nella colonia, io, bambina di città, già sognavo i giochi all’aria aperta, a contatto con la terra, con gli animali...Fare il bagno nel fiume con gli altri ragazzi, senza i pericoli della grande città, che già a quei tempi faceva sì che tutto il vicinato rientrasse presto negli appartamenti.

Mi ricordo la bellezza dell’imbrunire che vedevamo dalla veranda e che allo stesso tempo indicava come il giorno, colmo di divertimenti, volgesse al termine.

Mi ricordo ancora delle parole “strane” che mia nonna utilizzava per richiamare la nostra attenzione, mia e dei miei cugini, quando stavamo combinando qualcosa, con quel forte accento, tipico degli immigranti italiani. Non capivo molto bene cosa dicesse, ma avevo la certezza che eravamo stati rimproverati per qualcosa.

Na adolescência, passei a gostar de música italiana e me tornei fã de Andrea Bocelli. Já durante a faculdade de Direito, uma amiga, também descendente de italianos, perguntou se eu não tinha interesse em me inscrever em um curso de italiano para iniciantes, em uma associação conhecida em minha cidade. Primeiramente achei estranho, pois tinha em mente fazer um curso de inglês. Pedi alguns dias para pensar e, por curiosidade, decidi aceitar o convite, pois morava perto do local. Com o passar do tempo, percebi que foi uma ótima escolha; o curso incluía aspectos da cultura e da língua italianas, e possuía em comum com os colegas o fato de que também eram descendentes de italianos. Gostei tanto que cursei mais três semestres.

Agora sim, compreendia, ainda que com alguma dificuldade, as letras das músicas de que gostava e, assim, podia sentir a Itália mais pertinho de mim.

Mas, voltando às histórias, confesso que, já adulta, não imaginava que, a partir das aulas de Direito Internacional, em busca dos documentos para obter a cidadania italiana, eu faria uma viagem ao passado e conheceria alguns personagens interessantes de minha família, nascidos nos séculos passado e retrasado. Como minha bisavó Adelaide Paris, que acredito tê-la encontrado uma única vez, já bastante debilitada, no lar de idosos onde morava; meu bisavô Augusto Pezzente - e não Petzen, como foi registrado no Brasil o sobrenome de seu genitor, Francisco - ou Francesco de nascimento -, de quem sequer tenho uma fotografia, mas até hoje fico curiosa em saber como era sua fisionomia.

Minha bisavó Adelaide, pouco sabia sobre ela: apenas que era descendente de imigrantes italianos; que teve nove filhos, e qual não foi minha surpresa ao descobrir que ela havia se casado com um homem mais novo do que ela. A família não aceitava essa situação, por isso decidiram fugir juntos para iniciar a vida em outro estado e ela e Augusto formalizaram a união após o nascimento dos filhos. Tempos depois, localizei uma foto dela, ainda menina, acompanhada de uma violinha - numa época em que as meninas aprendiam a tocar piano! Concluí que, conside-

Durante l'adolescenza, è iniziata a piacermi la musica italiana e sono diventata fan di Andrea Bocelli. Nel periodo in cui frequentavo l'università di diritto, un'amica, anche lei discendente di italiani, mi ha chiesto se non fossi interessata ad iscrivermi a un corso di italiano per principianti in una nota associazione nella mia città. Inizialmente ho pensato fosse strano, poiché avevo in mente di fare un corso di inglese. Le ho chiesto alcuni giorni per riflettere e, per pura curiosità, ho deciso di accettare l'invito, dato che abitavo vicino alla sede. Col tempo, ho capito che è stata un'ottima scelta; il corso includeva aspetti della cultura e della lingua italiana e io dividevo con i colleghi il fatto di essere discendente di italiani. Mi è piaciuto tanto da frequentare altri tre semestri.

Ora sì capivo, anche se con certa difficoltà, le parole delle canzoni che mi piacevano e, così, potevo sentire l'Italia più vicina a me. Ma, tornando ai racconti, confesso che, già in età adulta, non immaginavo che dopo le lezioni di Diritto Internazionale, cercando dei documenti per riconoscere la cittadinanza italiana, avrei fatto un viaggio verso il passato e avrei conosciuto alcuni membri interessanti della mia famiglia, nati nel secolo scorso e in quello precedente. Come la mia bisnonna Adelaide Paris, che penso di aver visto soltanto una volta, già abbastanza debilitata, nella casa di cura in cui abitava; mio bisnonno Pezzente e non Petzen, com'è stato registrato in Brasile il cognome del suo genitore, Francisco - o Francesco di nascita - di cui neppure ho una fotografia ma, ancora oggi, sarei curiosa di sapere com'era la sua fisionomia.

Della mia bisnonna Adelaide, sapevo pochissimo: soltanto che era discendente di immigrati italiani e che ha avuto nove figli e che sorpresa è stata quando ho scoperto che si era sposata con un uomo più giovane! La famiglia non accettava questa situazione, per questo hanno deciso di fuggire insieme per iniziare una nuova vita in un altro Stato e lei e Augusto hanno formalizzato la loro unione dopo la nascita dei loro figli. Qualche tempo dopo, ho trovato una sua foto, ancora bambina, insieme

rando os costumes da época – por volta do ano de 1917, pelos meus cálculos –, minha bisavó Adelaide, que não teve acesso aos estudos, assim como suas filhas – uma delas vem a ser minha avó paterna – devia ser uma mulher muito corajosa e decidida, assim como seu marido Augusto.

Já meu trisavô Francisco – ou Francesco –, genitor de Augusto, veio para o Brasil com seus pais Pasquale e Carolina, e deveria ter muitas aventuras para contar, desde a vinda da Itália, passando pelo período de adaptação ao novo país e à nova cultura, e pela conquista de um pedaço de terra para se estabelecer com a família...

Com certeza, se hoje eu tenho uma profissão e tive a oportunidade de estudar o que fosse do meu interesse, foram as atitudes de homens e mulheres como minha bisavó, há mais de um século, que contribuíram para tanto.

E espero que tudo por que lutamos hoje auxilie as futuras gerações de brasileiros e brasileiras, italianos e italianas e demais nacionalidades a buscarem o seu caminho, sempre levando consigo os valores de nossos antepassados. E que aqueles que viverem aqui no Brasil sempre tenham consigo um pedacinho da Itália trazida por nossos bisavós, trisavós etc.

Agora poderia contar a quem gostar de histórias: mais do que o sangue italiano que corre em minhas veias, literalmente tenho a Itália em meu prenome, como o famoso tenor Pavarotti. E sem sombra de dúvida, ao longo de meus trinta e oito anos, venho descobrindo, a cada dia, um pouquinho da Itália em mim.

a una piccola chitarra – in un'epoca in cui le bambine imparavano a suonare il piano! Ho concluso che, considerando i costumi dell'epoca – intorno al 1917, secondo i miei calcoli – mia bisnonna Adelaide, che non ha avuto possibilità di studiare, così come le sue figlie – una di loro è la mia nonna paterna – doveva essere una donna molto coraggiosa e decisa, così come suo marito Augusto.

Mio trisnonno Francisco -oppure Francesco-, padre di Augusto, è venuto in Brasile con i genitori Pasquale e Carolina, e dovrebbe aver avuto molte storie da raccontare dal suo arrivo in Italia, passando la fase di adattamento al nuovo paese e alla nuova cultura, e dalla conquista di un pezzo di terra in cui sistemarsi con la famiglia...

Sicuramente se oggi ho una professione e ho avuto la possibilità di studiare ciò che mi interessava, è grazie ai comportamenti di uomini e donne come la mia bisnonna, più di un secolo fa, che hanno contribuito a far sì che succedesse.

E spero che tutto ciò per cui lottiamo oggi aiuti le future generazioni di brasiliani e brasiliane, italiani e italiane e di altre nazionalità a trovare la strada, portando con sé i valori dei nostri antenati. E per quelli che vivranno qui in Brasile, che portino sempre con sé un pezzetto dell'Italia portata dai nostri bisnonni, trisnonni, ecc...

Ora, potrò raccontare a chi piacciono le storie: più del sangue italiano che scorre tra le mie vene, letteralmente ho l'Italia nel mio cognome, come il famoso Pavarotti.

E senza ombra di dubbio, nell'arco dei miei trentotto anni, scopro ogni giorno un po' dell'Italia in me.

A moça de cinza

Márcia Etelli Coelho

Pelas ruas tranquilas do Ipiranga, nos anos 60, uma moça vivia cantarolando a música italiana “Santa Lucia”. De cabelos louros lisos e compridos, pele branca e pálida, quase sempre trajava um vestido cinza cobrindo os joelhos.

– Ela é louca – dizia minha mãe. Fiquem longe dela. Pode ser perigoso.

A jovem praticamente não saía de casa, mas ia comprar pão pela manhã bem cedo e ao findar da tarde. E, de vez em quando, rondava o quarteirão.

Tão grande era o medo, que minha mãe só deixava que eu fosse para a escola depois que a jovem regressasse da padaria. Com frequência eu ficava pronta com o uniforme azul marinho impecável, lancheira a tiracolo, sapatos lustrosos e permanecia sentada no banco do jardim da frente, aguardando a liberação da rua. Tudo para evitar que nos cruzássemos pelo caminho.

Acontece que aos nove anos de idade eu ainda não entendia o perigo que ela pudesse representar. Seria contagioso? Ninguém me explicava. Apenas sabia que ela era assim devido a uma complicação do sarampo. Mas, assim como? Não exatamente louca como tantos casos psiquiátricos que muitos anos depois presenciei na Faculdade de Medicina com delírios, exageradas desinibições e gritos agressivos. Na verdade, ela era simplesmente esquisita e solitária em sua ininterrupta cantoria napolitana.

Decerto deveria provocar irritabilidade para quem ouvisse o tempo todo a mesma música. Porém, como ela se isolava em sua casa, quem mais sofria provavelmente era sua mãe que, por sinal, também pouco aparecia. Apesar de ser simpática e edu-

La Ragazza In Grigio

Márcia Etelli Coelho

Per le vie tranquille dell'Ipiranga degli anni 60, una ragazza canticchiava la canzone italiana “Santa Lucia”. Con i capelli lunghi, biondi e lisci, la carnagione bianca e pallida, quasi sempre indossava un abito grigio che copriva le ginocchia.

– È pazza – diceva mia madre. State lontani da lei. Può essere pericoloso.

La giovane praticamente non usciva da casa, andava a comprare il pane di primo mattino e in serata. E, ogni tanto girava per il quartiere.

Era così grande la paura, che mia madre mi lasciava andare a scuola soltanto quando la giovane ritornava dal panificio. Di solito rimanevo pronta nella mia impeccabile divisa blu, cestino della merenda a tracolla, scarpe luccicanti, e rimanevo seduta sulla panchina del giardino di fronte, aspettando che la via si liberasse. Tutto per evitare che ci incrociassimo lungo la strada.

A nove anni non capivo ancora il pericolo che poteva rappresentare. Era forse contagiosa? Nessuno mi spiegava. Sapevo soltanto che era così a causa di una complicazione del morbillo. Ma così come? Non proprio pazza come tanti casi psichiatrici che molti anni più tardi ho studiato all'Università di Medicina, con deliri, freni inibitori allentati e gridi aggressivi. In realtà lei era semplicemente strana e solitaria nel suo ininterrotto canto napoletano. Di sicuro potrebbe causare irritabilità a chi avessi sentito per tutto il tempo la stessa canzone. Però, siccome si chiudeva in casa, chi più ne soffriva era probabilmente sua madre che, tra l'altro, si faceva vedere poco. Nonostante fosse simpatica ed educata, la matriarca non parlava molto e si limitava

cada, a matriarca não conversava muito e limitava suas saídas a compras de sobrevivência. Ambas não trabalhavam e... O que será que elas faziam o dia inteiro sozinhas dentro de casa?

Não me lembro do nome da jovem. Aliás, pensando bem, eu nunca soube. Sempre a tratávamos como a louca da rua de baixo, que saía pela manhã e à tarde para comprar pão cantando “Santa Lucia”. E só. O restante do tempo era como se ela não existisse.

Vez ou outra os meninos zombavam dela, se bem que às escondidas.

Acho que ela é uma bruxa, supôs um dos garotos. E essa leve hipótese fez com que todos se afastassem com receio de que seus olhos lançassem algum feitiço.

Da minha parte, na época, eu só desejava brincar e estudar. Ainda me lembro das tardes em que eu fazia a lição de casa ao lado do meu avô que sempre ficava ouvindo LPs de grandes tenores italianos como Gino Bechi e Tito Schipa. Só mais tarde compreendi que, ao ouvir as músicas “La Strada del Bosco” e “Non ti Scordar di me”, meu avô aliviava a saudade da terra natal, e eu começava desenvolver a sensibilidade que iria aplicar nos meus textos poéticos.

Ora, aquela jovem gostava da música italiana... Teria ela aprendido “Santa Lucia” ao ouvir os discos que o meu avô colocava com som bem alto? Então eu comecei a pensar que, se tínhamos pelo menos uma coisa em comum, ela não devia ser realmente perigosa. Mesmo assim, só por precaução, continuei me esquivando dela.

Eis que em uma tarde, ao escolher um doce na padaria, meu coração acelerou ao ouvir uma voz cantando “Santa Lucia”. Sim, era a louca que se aproximava, antecipando seu horário de compra, talvez para fugir de uma chuva que prenunciava desabar a qualquer instante.

Pela primeira vez não tive como fugir do encontro. O curioso foi que ela entrou na padaria exalando um perfume suave de jasmim. Ora, na minha concepção, eu sinceramente a imagina-

a uscire soltanto per fare gli acquisti dei beni di prima necessità. Entrambe non lavoravano e... Chissà cosa facevano tutto il giorno da sole dentro casa!

Non mi ricordo il nome della ragazza, anzi, ripensandoci, in realtà non l’ho mai saputo. L’abbiamo sempre trattata come la pazza della via di sotto che usciva alla mattina e alla sera per comprare il pane cantando “Santa Lucia”. E basta. Il resto del tempo era come se lei non fosse esistita.

Di tanto in tanto i ragazzi la prendevano in giro, sebbene lo facessero di nascosto.

“Credo sia una strega”, ha supposto uno dei ragazzi. Questa discreta ipotesi ha fatto in modo che tutti si allontanassero dalla paura che i suoi occhi lanciassero qualche incantesimo.

Da parte mia, in quei tempi, desideravo soltanto giocare e studiare. Ricordo ancora i pomeriggi nei quali facevo i compiti di casa affianco a mio nonno che ascoltava i vinili dei grandi tenori italiani come Gino Bechi e Tito Schipa. Soltanto più tardi ho compreso che, ascoltando le canzoni “La Strada del bosco” e “Non ti Scordar di me”, mio nonno placava la nostalgia della terra natia e io iniziavo a sviluppare la sensibilità che avrei utilizzato nelle mie composizioni poetiche.

Ora, a quella giovane piaceva la musica italiana... avrà forse imparato “Santa Lucia” quando ascoltava i dischi che mio nonno metteva alzando il volume al massimo? Allora ho iniziato a pensare che, se in qualcosa ci assomigliavamo, allora non poteva essere così pericolosa. Tuttavia, per precauzione ho continuato a evitarla.

Ecco che un pomeriggio, scegliendo un dolce in pasticceria il mio cuore ha accelerato il battito mentre ho sentito la sua voce che cantava “Santa Lucia”. Sì, era lei, la pazza si avvicinava, anticipando l’ora degli acquisti, forse per scappare dalla pioggia che preannunciava di cadere a momenti.

Per la prima volta non ho avuto modo di sfuggire all’incontro. La cosa curiosa è che Lei è entrata in pasticceria esalando un profumo di gelsomino. E, nella mia mente la immaginavo

va fedida... Se ela usava quase sempre o mesmo vestido cinza, deveria não tomar banho, não é mesmo? Qual o quê. Seu cabelo estava limpo, bem penteado, usava um discreto batom rosa e pela aparência eu julguei que ela devia ter menos que 30 anos de idade.

Com calma ela entregou para o seu Teixeira, o dono da padaria, um caderninho em que se anotavam as compras para pagar tudo no final do mês. Não disse uma palavra, preferindo continuar com sua canção. Num relance olhou para mim e eu pude perceber seus grandes olhos verdes que pareciam bolas de gude...

Bem que eu tentei puxar alguma conversa para satisfazer minha curiosidade infantil. Mas minha voz travou e não foi por hipnotismo ou maldição e, sim, por pura timidez. Apenas consegui sorrir, mas ela permaneceu alheia e saiu com uma bengala de pão debaixo do braço.

Raios e trovões alertavam sobre a chuva, e eu resolvi não esperar e também fui para casa. Fiquei atrás da moça que andava devagar, arrastando os pés pela rua deserta, marcando o ritmo da velha canção.

Assim que se iniciaram as férias de julho eu e minha família viajamos para o litoral e, ao retornar, soubemos que a jovem havia se mudado com a mãe. Depois de um ano de vizinhança saíram sem despedidas e sem ter conquistado nenhuma amizade. Nunca mais tivemos notícias.

Até hoje quando lá em casa colocamos um CD e ouvimos Pavarotti ou Andrea Bocelli cantar “Santa Lucia”, minha mãe se inquieta:

– Não gosto dessa música. Ela me lembra da louca.

Interessante como passados quase cinquenta anos, grande parte morando em outro bairro e com tantos acontecimentos já vivenciados, não conseguimos nos esquecer dela. Uma moça que se isolou da vida, e o mundo reforçou esse isolamento, mas que, sem saber, guardava em seu coração um pouco da Itália. A mesma Itália que eu carreguei dentro de mim cada vez que me

puzzolente... poiché indossava sempre lo stesso vestito grigio, probabilmente non si lavava, non è vero? Come temevo. I suoi capelli erano puliti, ben acconciati, usava un discreto rossetto rosa e a giudicare dall’aspetto, lei doveva avere meno di 30 anni di età.

Con calma ha consegnato al Sig. Teixeira, il proprietario della pasticceria, un taccuino nel quale si segnavano le spese da pagare alla fine del mese. Non ha pronunciato parole, scegliendo di continuare la canzone. Mi ha lanciato uno sguardo e ho potuto percepire i suoi grandi occhi verdi che sembravano biglie di vetro...

Ho provato a parlarle per soddisfare la mia curiosità puerile, ma la mia voce si è bloccata e non è stata a causa di un ipnotismo o maledizione ma per pura timidezza. Sono riuscita soltanto a sorridere, ma lei è rimasta assente ed è uscita con una baguette sottobraccio.

Lampi e tuoni avvisavano della pioggia e ho deciso di non aspettare, tornando anch’io a casa. Sono rimasta dietro la ragazza che camminava piano, trascinando i piedi attraverso la strada deserta, scandendo il ritmo della vecchia canzone.

Quando sono iniziate le vacanze di luglio, io e la mia famiglia siamo andati sulla costa e, al nostro ritorno, abbiamo saputo che la giovane e sua madre si erano trasferite. Dopo un anno di vicinato, sono andate via senza salutarci e senza fare nessuna amicizia.

Non abbiamo mai più avuto notizie.

Ancora oggi, quando a casa mettiamo un CD e sentiamo Pavarotti oppure Andrea Bocelli che cantano “Santa Lucia”, mia madre diventa inquieta:

– Non mi piace questa canzone. Mi ricorda la pazza.

Incredibile come dopo quasi cinquant’anni, vissuti in gran parte in un altro rione e avendo passato tante vicissitudini, non siamo riusciti a dimenticarla. Una giovane che nella vita si è isolata e il mondo ha rafforzato questo isolamento, ma che senza saperlo aveva custodito nel suo cuore un pezzetto dell’Italia. La

lembro das muitas horas em que eu fiquei estudando, ouvindo as canções que o meu avô tanto amava.

Ao contrário da minha mãe, eu me sinto bem ao escutar “Santa Lucia”. Sem dúvida, pela beleza da melodia. No fundo, talvez por querer acreditar que aquela jovem tenha conseguido, a sua maneira, encontrar um jeito de ser feliz.

stessa Italia che porto dentro me ogni volta che mi ricordo le ore passate a studiare, ascoltando le canzoni che mio nonno tanto amava.

Diversamente da mia madre, io mi sento bene ascoltando “Santa Lucia”. Senza dubbio, per la bellezza della melodia. In realtà, probabilmente voglio credere che quella giovane sia riuscita, a modo suo, a trovare una maniera d'essere felice.

Arezzo

Maria Helena Figueiredo Vieira

Pendurada num varal mais alto, a blusa balançava provocante ao sabor do ventinho frio do outono. No provador improvisado com lençóis bordados, ela conferiu o quanto era linda a sua estampa e fino o seu corte. Vestiu perfeito, o marido aprovou. Como o preço era surpreendentemente baixo, quis saber se a blusa era usada, ela detestava roupas de brechó. O vendedor informou que era nova. Resolveu já sair vestida com ela. O dono da barraca olhou encantado e disse:

– Os brincos, vai encontrá-los logo na esquina.

Na barraca das joias, um senhor olhou bem para ela e falou:

– Com esses brincos vai ficar perfeita! e entregou-lhe o par de argolas grandes, de ouro. Ela experimentou e gostou do resultado, na verdade estava linda! Pagou e o homem ainda disse:

– O perfume você encontrará na loja do Sr. Moretti, próximo quarteirão.

Divertida com as surpresas, chegou à banca dos perfumes. Admirada com os frascos de cristal tão antigos, recebeu das mãos da senhora simpática o vidro quase cheio de um líquido rosado.

– Seu perfume preferido é este, querida, um regalo meu para você.

O aroma levemente conhecido lhe trouxe pensamentos desconhecidos.

Bem, agora podia olhar tudo com calma, usando sua linda blusa, com os brincos de ouro e perfumada.

A Feira dos Antiquários acontecia no primeiro sábado de cada mês. Foi o concierge quem lhes deu a dica quando pediram o mapa de Arezzo, – vale a pena, vão encontrar coisas maravilhosas!

Arezzo

Maria Helena Figueiredo Vieira

Appesa ad un appendiabiti più alto, la camicetta svolazzava provocante al sapore del venticello fresco d'autunno. Nel camerino improvvisato con lenzuola ricamate, lei fece notare quanto fosse bella la stampa e fine il taglio. Vestiva perfettamente, e il marito approvò. Poiché il prezzo era sorprendentemente basso, volle sapere se la camicetta fosse usata, lei non sopportava i vestiti di seconda mano. Il venditore la informò che era nuova. Decise di uscire già con quella addosso. Il proprietario della bancarella guardò incantato e disse:

– Gli orecchini, li trova qui all'angolo.

Nella bancarella dei gioielli, un signore la guardò bene e disse:

– Con questi orecchini sarà perfetta! – e le consegnò il paio di anelli grandi, in oro. Lei li provò e il risultato le piacque, era proprio bella! Pagò e l'uomo le disse ancora:

Il profumo lo troverà nel negozio del Sig. Moretti, nel prossimo quartiere.

Divertita dalle sorprese, arrivò alla bancarella dei profumi. Guardava ammirata i flaconcini di cristallo tanto antichi, quando ricevette dalle mani della signora simpatica il vetro quasi pieno di un liquido rosato.

– Il suo profumo preferito è questo, cara, un mio regalo per Lei.

L'aroma lievemente conosciuto le portò pensieri sconosciuti.

Bene, ora poteva guardare tutto con calma, usando la sua bella camicetta, con gli orecchini d'oro e profumata.

Il Mercato dell'Antiquariato cadeva il primo sabato di ogni mese. Era stato il concierge che glielo aveva suggerito quando

Parecia que todos na cidade para lá se dirigiam, foi só seguir o fluxo. Pensou em aproveitar para comprar os últimos presentes. Entraram primeiro na Igreja de São Francisco para admirar as obras de Piero della Francesca. Mais uma subidinha, e em seguida encontraram as primeiras barracas, onde ela viu a blusa.

Caminhavam juntos, – ela, o marido e o casal de amigos. Preciosidades todas ali, toalhas bordadas, talheres rebuscados, golas de pele, cortinas de crochê, pratos antigos, colares de turquesa e coral, chapéus, e eles param para admirar tudo. Numa banca de cartazes antigos ela teve a impressão de se ver, assim mesmo como estava vestida. Por onde passava, olhares simpáticos e risonhos a saudavam, parecendo conhecê-la.

Atraída pela loja dos lustres, no meio dos pingentes preciosos encontrou o espelho raro. Admirando o espelho, viu bem de perto sua imagem – bonita, alegre na blusa exótica com os grandes brincos de ouro. Os olhos sombreados de um verde desconhecido. Chegou-se mais ao cristal e num lapso do tempo passou para o outro lado.

Estava agora numa Arezzo triste e silenciosa. Mulheres vestidas de preto caminhavam soturnas levando flores para algum Campo Santo. Sinos dobravam a Finados. Tirando os sinos, o resto era silêncio. Com determinação caminhou duas quadras, virou à esquerda para logo virar à direita, subiu meio quarteirão estreito e chegou.

Continuava tudo igual. Sabia que a chave ficava em baixo da ânfora de mármore que compunha a entrada, mas não achou justo, depois de tanto tempo, usá-la para entrar. Da casa próxima saiu um casal, e ela reconheceu os vizinhos de muitos anos. A mulher esboçou o gesto amistoso de vir até ela, mas foi impedida pelo marido. No olhar do homem, puro desdém. Olhou para o andar de cima e viu pela janela aberta a cortina de crochê. Lembrou-se das grandes peças de crochê que fazia, – cortinas, toalhas, colchas, e, enquanto contava os pontos para compor anjos, pássaros e flores, domava seus pensamentos perigosos.

A mão na aldrava de repente foi tomada de surpresa pelo

avavano chiesto la mappa di Arezzo, – ne vale la pena, troverete cose meravigliose!

Sembrava che tutti nella città si dirigessero lì, bastava seguire il flusso. Pensò di approfittarne per comprare gli ultimi regali. Per prima cosa entrarono nella Chiesa di San Francesco per ammirare le opere di Piero della Francesca. Ancora una salitina e subito trovarono le prime bancarelle, dove lei vide la camicetta.

Camminavano insieme – lei, il marito e la coppia di amici. Preziose tutte le cose lì, tovaglie ricamate, posate d'argento, colletti di pelliccia, tende all'uncinetto, piatti antichi, collane di turchesi e corallo, cappelli, e loro si fermavano ad ammirare ogni cosa. In una bancarella di cartelli antichi ebbe l'impressione di vedersi, proprio vestita come in quel momento. Ovunque passasse, sguardi simpatici e sorridenti la salutavano, sembrava la conoscessero.

Attratta dal negozio di lampadari, in mezzo a ciondoli preziosi trovò lo specchio raro. Ammirando lo specchio, vide ben da vicino la sua immagine – bella, allegra nella camicetta esotica con i grandi orecchini in oro. Gli occhi di un verde sconosciuto. Si avvicinò di più al cristallo e in un lapsus temporale passò dall'altra parte.

Si trovò in una Arezzo triste e silenziosa. Donne vestite di nero camminavano cupe portando fiori a qualche Campo Santo. Campanone suonavano funerali. Aldilà delle campane, il resto era silenzio. Con determinazione camminò per due isolati, girò a sinistra per girare subito a destra, salì mezzo quartiere stretto e arrivò.

Era tutto uguale. Sapeva che la chiave si trovava sotto l'ancora di marmo all'entrata, ma non trovava giusto, dopo tanto tempo, usarla per entrare. Dalla casa vicina uscì una coppia, e lei riconobbe i vicini anziani. La donna fece il gesto amichevole di raggiungerla, ma venne fermata dal marito. Nello sguardo dell'uomo, disdegno puro. Guardò il piano di sopra e vide dalla finestra aperta la tenda fatta all'uncinetto. Si ricordò dei grandi pezzi all'uncinetto che faceva, – tende, tovaglie, coperte, e, mentre contava i punti per comporre angeli, uccelli e fiori, domava i suoi pensieri pericolosi.

rufar das asas de uma pomba, que, saindo do telhado, postou-se à sua frente com olhar inquisidor.

E ela pensou em outras pombas em revoada, numa certa manhã de vestidos brancos e crianças correndo. Lembrou-se com tanta força, que o sol daquela outra manhã ofuscou seus olhos e ela chorou.

Quando decidiu encerrar os pensamentos e entrar de vez na casa, a pomba bicou-lhe o pé. Ao ver o sangue, ela acabou por se lembrar das coisas todas. Soube então que se entrasse seria tarde, definitivamente tarde.

Pensamentos novos de gentileza e afeto chegaram inteiros e ela bateu em retirada, seguida pela pomba, andando à sua frente nas pedras escuras. Caminhavam bem rápido, as duas. Fugiam. Deixaram para trás as mulheres tristes com suas flores nas mãos, a casa com a cortina esvoaçante, a ânfora, o vizinho raivoso. Para trás ficou também o silêncio opressivo do dia de finados, e, fazendo o caminho contrário, chegaram a uma pequena feira.

Na banca simples de móveis usados de uma feira de legumes, prestes a terminar, dois homens embalavam um espelho. Um espelho modesto, que em nada lembrava o da barraca dos lustres. Mas talvez por ele ainda fosse possível voltar. Com a pomba agora empoleirada no seu ombro, ela conseguiu, depois de três tentativas, encontrar a brecha que alguns espelhos têm, e que a havia trazido tão longe. Na fenda do tempo, passou. Com ela, a pomba tão antiga.

A Feira dos Antiquários estava lotada de pessoas, comprando animadas. O mundo era um burburinho colorido e alegre, enquanto os sinos repicavam com alegria. Uma festa. Procurando com o olhar, localizou entre a multidão o marido e o casal amigo tomando vinho num terraço.

Ele a viu de imediato. Veio ao seu encontro. Olhou-a com carinho e disse: – Desta vez você foi longe, desisti de alcançá-la.

Ela respondeu só assim,

– Fui mesmo muito longe. E voltei.

La mano sul battente fu presa all'improvviso dal battito delle ali di una colomba che, uscendo dal tetto, si mise di fronte a lei con sguardo inquisitore.

E lei pensò ad altre colombe in stormo, in una certa mattina di vestiti bianchi e bambini che correvano. Si ricordò con tanta intensità che il sole di quell'altra mattina offuscò i suoi occhi e pianse.

Quando decise di spegnere i pensieri ed entrare in casa, la colomba le beccò il piede. Nel vedere il sangue finì per ricordare tutto. Sapeva quindi che se fosse entrata sarebbe stato tardi, troppo tardi.

Nuovi pensieri di gentilezza e affetto le arrivarono e lei batté in ritirata, seguida dalla colomba, procedendo sulle pietre scure. Camminavano veloci, entrambe. Fuggivano. Lasciarono indietro le donne tristi con i fiori tra le mani, la casa con la tenda svolazzante, l'anfora, il vicino irato. Rimase indietro anche il silenzio opprimente del giorno della celebrazione dei morti e, facendo il cammino all'indietro, arrivarono ad un piccolo mercato.

Nella bancarella semplice di mobili usati di un mercato di legumi, che stavano per terminare, due uomini imballavano uno specchio. Uno specchio modesto, che in nulla ricordava lo specchio della bancarella di lampadari. Ma forse era ancora possibile tornare. Con la colomba appollaiata sulla spalla, lei riuscì, dopo tre tentativi, a trovare la breccia che hanno alcuni specchi e che l'aveva portata tanto lontano. Nella ferita del tempo, passò. Con lei, la colomba tanto antica.

Il Mercato dell'Antiquariato era pieno di persone che compravano allegre. Il mondo era un brusio colorato e allegro, mentre le campane suonavano con allegria. Una festa. Cercando con lo sguardo, trovò nella moltitudine di persone il marito e la coppia di amici che bevevano del vino su una terrazza.

Lui la vide subito. Le andò incontro. La guardò con amore e disse: – Stavolta sei andata lontano, ho rinunciato a raggiungerli.

Lei gli rispose semplicemente,

– Sì, sono stata molto lontano. E sono tornata.

Um sonho realizado

Maria Ignez Manelli Giorgi

Silêncio total.

Fiz uma pausa em meu sono.

Acordei pensando nele.

Que saudades sinto agora.

Meu pai.

Homem simples, humilde e feliz.

Posso vê-lo em minha mente e passar um tempo da minha infância ao lado dele.

Sempre contava, para nós, sobre a vinda de seus pais de lá, assobiava as músicas, e foi assim que aprendi amar minhas raízes.

Era muito trabalhador, madrugava para trazer nosso sustento. Um dos filhos mais novos de uma família numerosa, nascido aqui no Brasil e descendente da língua e costumes de um povo que veio “tentar a vida”.

Pouco estudo, mas adorava ler jornais, ouvir as notícias e o jogos, principalmente do Palmeiras, pelo rádio, seu maior prazer aos domingos. Discutia política e economia como poucos da época. Quando havia comício na época de eleições, nos levava sempre.

As minhas lembranças são de um tempo que tinha um açougue e com ele aprendi a conhecer a carne, limpar, cortar e até vender. Na época do Natal, a carne preferida era a da leitão e macarronada, com a massa feita em casa pela minha mãe, que também era filha de pais italianos.

Um dia me chamou:

– Filha, vamos fazer linguça.

Uma receita trazida por seus pais e que se tornara famosa na cidade pelo sabor incomparável, com pouco a mais de pimenta,

Un sogno realizzato

Maria Ignez Manelli Giorgi

Silenzio assoluto.

Ho messo in pausa il mio sonno. Mi sono svegliata pensando a lui.

Quanta saudade sento adesso.

Mio padre.

Uomo modesto, umile e felice.

Posso vederlo nella mia mente e trascorrere un po' di tempo della mia infanzia al suo fianco.

Ci raccontava spesso dell'arrivo dei suoi genitori da lì, fischiava le canzoni ed è stato così che ho imparato ad amare le mie radici.

Era un gran lavoratore, si svegliava all'alba per provvedere al nostro pane quotidiano. Uno dei figli più giovani di una famiglia numerosa, nato qui in Brasile e discendente della lingua e dei costumi di un popolo che è venuto a “provare a vivere”.

Non aveva studiato molto, però gli piaceva leggere i quotidiani, ascoltare le notizie e le partite dalla radio, soprattutto quelle del Palmeiras, sua gioia più grande alle domeniche.

Discuteva di politica ed economia come pochi della sua epoca. Quando c'era un comizio nel periodo delle elezioni, ci portava sempre.

I miei ricordi sono del periodo in cui aveva una macelleria e con lui ho imparato a conoscere la carne, a pulirla, tagliarla e perfino venderla. Nel periodo natalizio, la carne preferita era quella di maiale e la pastasciutta il cui impasto era fatto in casa da mia madre, che era anch'essa figlia di genitori italiani.

Un giorno mi ha chiamata:

de lombo de porco ou carne de vaca, fazia todos pedirem mais.

Sr. Totino tinha uma mercearia, perto de casa, e, lá, eu ia buscar a noz moscada que fazia parte da receita.

Em um cômodo separado da casa, feita a higiene do lugar, meu pai picava os temperos, preparava a carne e começava a fazer o que tinha que ser feito.

Muitas vezes passava na máquina de moer, e lembro das minhas mãozinhas amassando e fazendo bolas e cada uma, e uma a uma, ia virando a linguiça, cheirosa e gostosa que era vendida nos bares da cidade.

Eu o acompanhava e via com olhos marcantes a alegria da entrega do trabalho feito com prazer e o reconhecimento.

Com sua fala bem firme, dizia: quero conhecer Nápoles, depois posso morrer – “Vedere Napoli dopo morire”.

Não foi bem assim.

Um dia resolvi realizar seu sonho e fui conhecer o lugar de que tanto falava.

A ansiedade era tão grande que parecia que o tempo estava parado.

Fomos com um grupo de pessoas daqui e um guia de lá. Passamos nos lugares mais lindos que já tinha visto em minha vida. Fiz uma viagem por ele, mas estava no lugar certo. Meu coração batia mais forte ali. A inquietude fazia-me viver mais intensamente.

Era como se os doces fossem mais doces. A comida preenchia minha alma e os dias mais longos, traduzia uma história de amores por um lugar que era sonhado e virara realidade.

Passei pelas ruas como se vivesse no lugar, entendia seus costumes e me sentia em casa.

Tudo estava perfeito. Passei por várias cidades até chegar à terra natal de meus avós – Torre Del Greco; estavam comemorando, no dia, a festa de Nossa Senhora. O povo estava nas ruas, as igrejas lotadas, e me misturei a ele.

Rezei com eles e por meus antepassados. O dia estava acabando e voltei para o hotel para dormir e descansar. Chegava a

– Figlia mia, facciamo le salsicce?

Una ricetta portata dai suoi genitori e che era diventata nota nella città a causa del suo sapore ineguagliabile, con un po' più di pepe, di lonza di maiale o di carne di manzo, faceva in modo che tutti chiedessero il bis.

Il Sig. Totino aveva un alimentari vicino casa e io andavo lì a prendere la noce moscata che faceva parte della ricetta.

In una stanza appartata della casa, puliva bene il luogo, tagliava le spezie, preparava la carne e iniziava a fare ciò che andava fatto.

La passava tante volte nel tritacarne e mi ricordo le mie manine che impastavano e facevano palline e ognuna, a poco a poco diventava salsiccia profumata e gustosa che veniva venduta nei bar della città.

Io lo accompagnavo e vedevo con gli occhi penetranti l'allegria del lavoro fatto con piacere e riconoscenza.

Con la voce decisa diceva: voglio conoscere Napoli, dopo posso morire: “Vide Napule e po' muore”.

Non è stato proprio così. Un giorno ho deciso di realizzare il suo sogno e sono andata a conoscere il luogo di cui ha sempre parlato.

L'ansia era così grande che sembrava che il tempo si fosse fermato.

Sono andata con un gruppo di persone di qui e una guida di lì. Siamo passati nei luoghi più belli della mia vita. Ho fatto un viaggio per lui, ma mi trovavo nel luogo giusto. Lì, il mio cuore batteva più forte. L'inquietudine mi faceva vivere più intensamente.

Era come se i dolci fossero più dolci. Le pietanze colmavano la mia anima e i giorni diventavano più lunghi, traducevano una storia d'amore verso un luogo che era stato sognato ed era diventato realtà.

Ho camminato per le strade come se vivessi nel posto, comprendevo le sue usanze e mi sentivo a casa. Tutto era perfetto. Sono passata per varie città fino ad arrivare alla terra natale dei

hora de partir, voltar, mas não imaginava que havia uma emoção a ser vivida que marcaria para sempre minha vida.

Ceguei na estação de trem, e as pessoas transitavam de lá pra cá, rapidamente. Eram muitas, e sentei-me em um banco com as malas ao lado. Estava preocupada com o horário do trem.

Uma música, aquela gravada há tempos no meu coração, eu ouvi. Virei e vi. Um senhor tocava piano e outros cantavam.

Tudo era mágico. Transporte-me no tempo e com eles vi-brei e senti ali um momento único.

Levantei, olhei para eles e vi um deles olhar pra mim, e foi como se estendesse a mão e dissesse “Vem filha mia, filha da terra, cante conosco e eu cantei como se fosse com ele e por ele. Lá, Lara Lara, Lara Lara... Levantei meus braços e o corpo balançou e tudo me fazia pensar que a Itália que existe em mim será para sempre um lugar, mas sempre será nas lembranças, uma pausa no tempo, um momento. Descobri e disse: sou também napolitana. Vou-me embora, e me despedia do meu pai, que ali ficaria cantando.

suoi genitori. Torre Del Greco celebrava in quel giorno la festa della Madonna. La gente era per le strade, le chiese colme e mi sono mescolata a loro.

Ho pregato assieme a loro e per i miei ascendenti. Il giorno se ne stava andando e sono tornata in albergo per dormire e riposare. Si avvicinava l'ora di partire, di ritornare e non immaginavo che c'era un'emozione da essere vissuta che avrebbe segnato per sempre la mia vita.

Arrivata in stazione del treno le persone andavano e venivano, velocemente. Erano tantissime e mi sono seduta su una panchina poggiando le valigie a fianco. Ero preoccupata per l'orario del treno.

Ho sentito una musica, quella incisa da molto tempo nel mio cuore. Mi sono girata e ho visto un signore che suonava un pianoforte e altri che cantavano.

Tutto era magico. Mi sono trasportata nel tempo e assieme a loro, ho vibrato e ho percepito quel momento come unico.

Mi sono alzata, li ho guardati e ho visto uno di loro che mi osservava. È stato come se mi prendesse la mano dicendomi “vieni figlia mia, figlia della terra, canta assieme a noi” e io ho cantato come se fosse con lui e per lui. La, Lara, Lara, Lara, Lara... Ho alzato le braccia e il mio corpo è oscillato facendomi pensare che l'Italia che esiste in me sarà per sempre un luogo, ma nei ricordi rimarrà sempre, una pausa nel tempo, un momento. Ho scoperto e ho detto: sono anche napoletana. Me ne vado, ma adesso salutavo mio padre che sarebbe rimasto lì a cantare.

“Entre-lugares”

Maria Rosa Fontebasso

O livro de leitura na nova escola me encantou. Ele me apresentou com imagens de palmeiras e com a letra de uma canção, cujas palavras principais – ou seria título? – eram “princesinha do mar”. Eu trazia na memória paisagens de neve, de pinheiros e de árvores completamente desfolhadas que se assemelhavam aos pesadelos de Branca de Neve na floresta. Aquelas palmeiras eu só as conheceria “dal vivo” anos mais tarde, estávamos em zona interiorana do sul do Brasil. Até hoje, quando algo cutuca minha memória, costuma surgir uma sensação de luminosidade primeiramente vaga e depois potente e inconfundível como a que acompanhava aquele livro. Uma luminosidade ligada ao gosto de aprender outra língua e de entrar nos mistérios que suas palavras carregavam. Palavras que, no início, eu pronunciava como havia aprendido em italiano, e causavam riso. Eu começava a viver através dos livros o mundo desconhecido para onde meu pai havia levado nossa família. Mergulhei nele e me aculturei.

Na escola fui substituindo sentidos e pronúncias. Em casa, os hábitos foram sendo contaminados com o novo modo de viver, embora os antepassados da mesma região italiana tenham dado origem àquele local. Não entendíamos o “dialetto veneto” com o qual fomos recebidos, ele se havia vestido de outros tons durante os três quartos de século antes de nós. Uma mistura de “veneto” e de português foi substituindo o nosso falar cotidiano. Nas cartas em que trocávamos notícias e saudades, a língua mãe resistia. A mesma que nos trazia os sucessos que hoje seriam chamados “tormentoni” como Volare, dançando nos braços de-

“Tra-luoghi”

Maria Rosa Fontebasso

Il libro di lettura nella nuova scuola m’incantò. Mi regalò delle immagini di palme e il testo di una canzone, in cui le parole principali – o forse il titolo? – erano “principessina del mare”. Io portavo nella memoria i paesaggi innevati, dei pini e degli alberi completamente spogli che assomigliavano agli incubi di Biancaneve nella foresta. Quelle palme le avrei conosciute “dal vivo” a distanza di anni, eravamo in una zona all’interno del sud del Brasile. Ancora oggi, quando qualcosa stuzzica la mia memoria, succede che sorge una sensazione di luminosità inizialmente vaga e poi potente e inconfondibile come quella che accompagnava quel libro. Una luminosità collegata al piacere d’imparare un’altra lingua e di entrare nei misteri che le sue parole trasportavano. Parole che, all’inizio, io pronunciavo come avevo imparato in italiano, e scatenavano le risate. Io iniziavo a vivere attraverso i libri il mondo sconosciuto dove mio padre aveva portato la nostra famiglia. Mi tuffai in esso e mi acculturei.

A scuola iniziai a sostituire sensi e pronunce. A casa, le abitudini incominciarono ad essere contaminate dai nuovi modi di vivere, nonostante gli antenati della stessa regione italiana abbiano dato origine a quel luogo. Non comprendevamo il “dialetto veneto” con il quale siamo stati accolti, aveva indossato altre sfumature durante i tre o quattro secoli prima che arrivassimo. Una combinazione di “veneto” e di portoghese iniziò a sostituire il nostro parlare quotidiano. Nelle lettere dove scambiavamo notizie e saudade, la lingua madre resisteva. La stessa che ci portava i successi, che al giorno d’oggi sarebbero stati chiamati “tormentoni” come “Volare”, danzando tra le deside-

sejados. Ou Dio come ti amo, dando voz às palavras envergonhadas que ficavam no peito. Ou, ainda, Champagne, companhia das tristezas de amor que toda jovem passa. Uma época ainda muito enraizada na terra deixada para trás.

No trabalho, novos rostos foram tomando o lugar dos que ficaram longe, outros mundos foram sendo criados ao meu redor, misturando-se e remodelando gostos e desejos. E a terra que me acolheu passou a exigir compromissos. Como numa festa se é chamada a dançar, acabei vivendo os anseios de um país melhor, aquele onde eu estava crescendo e adentrando com meus próprios passos. A música italiana deu espaço ao rock, ao blue e jazz americanos. Entre danças nas matinés de domingo e, depois, aos sábados à noite, os acordes das músicas de protesto saíram de nossas gargantas com paixão. Geraldo Vandré e Chico Buarque marcariam um período tumultuado. Paixão é um sentimento do ser italiano e encontrou aqui lugar para se nutrir. Nós éramos estrangeiros, não deveríamos nos imiscuir na política, dizia meu pai. Impossível. Eu já plantara raízes nesta terra para a qual fora trazida. Eu não a havia escolhido então, mas a estava adotando agora. Não era uma escolha por exclusão, era a retribuição por estar vivendo e me reconhecendo como parte deste povo e deste meio tão diversos e tão contraditórios. Vivi com coração e alma um tempo longo e sombrio da história deste país. Também seu fim e a volta da esperança. A Itália também vivia tempos difíceis, o conagraçamento do pós-guerra era sacudido.

A vida reservou duros tempos também em família. O retorno ao lugar guardado na memória com carinho era sempre adiado. Esta demora deu tempo para produzir novas questões. A minha identificação com os problemas sociais daqui acabou por comparar os dois mundos. Teve impulso com uma voz que veio de lá. Um dia, um primo ligou e me atualizou nas notícias do país. Era a primeira vez, ainda não existiam as redes sociais. Algumas de suas palavras voltariam de forma recorrente. Eu as afastava e elas teimavam em reaparecer, como um corpo devolvido à superfície pelo mar. “Se teu pai não tivesse emigrado, te-

rose braccia. Oppure “Dio come ti amo” dando voce alle parole timide che si soffocavano nel petto. O, ancora, “Champagne”, compagnia delle pene d’amore che tutte le giovincelle patiscono. Un’epoca ancora molto radicata nella terra lasciata indietro.

Al lavoro, nuovi volti iniziarono a prendere il posto di quelli che sono rimasti lontani, altri mondi incominciarono ad essere creati attorno a me, mescolandosi e rimodellando gusti e desideri. E la terra che mi è accolta, iniziò a imporre compromessi. Così come in una festa ti chiamano a ballare, finii per vivere speranze di un paese migliore, quello dove stavo crescendo e dove mi stavo addentrando con i miei propri passi. La musica italiana diede spazio al rock, al blues e al jazz americano. Tra le danze nelle matinée di ogni domenica e, poi, ogni sabato sera, gli accordi delle canzoni di protesta uscivano con passione delle nostre gole. Geraldo Vandré e Chico Buarque avrebbero segnato un periodo tumultuoso. La passione è il sentimento dell’essere italiano e in quell’occasione trovò spazio per nutrirsi. Noi eravamo stranieri, non dovevamo immischiarci nella politica, diceva mio padre. Impossibile. Io mi ero già radicata in questa terra alla quale mi avevano portata. Allora non l’avevo scelta. L’ha stavo adottando in quel momento. Non era una scelta per esclusione, era il contributo per vivere e riconoscermi come parte di questo popolo e di questo luogo così diverso e così contraddittorio. Vissi con il cuore e l’anima un tempo lungo e oscuro della storia di questo paese. Anche la sua fine e il ritorno della speranza. Anche l’Italia viveva tempi difficili, la riconciliazione nel dopoguerra era tumultuosa.

La vita ci destinò tempi duri anche in famiglia. Il ritorno al luogo custodito nella memoria con affetto veniva sempre rimandato. Questo rallentamento procurò nuovi problemi. La mia identificazione con i problemi sociali di qui, finì per paragonare i due mondi. Sentii l’impulso con una voce che venne di lì. Un giorno, un cugino mi chiamò e mi aggiornò sulle notizie del paese. Era la prima volta, ancora non esistevano i social. Alcune delle sue parole sarebbero tornate in modo ricorrente. Io le al-

ria enriquecido por aqui”, disse ele. “O país se reconstruiu em pouco tempo, começou logo depois que vocês saíram”, acrescentou. Meu pai se fora prematuramente. Um desejo de voltar foi crescendo como pé de feijão. Passei a me informar com mais interesse sobre o que acontecia por lá. Um dia comecei a acessar o canal da TV italiana com programas para os emigrados no mundo. Deliciei-me ao ouvir as pronúncias das diferentes regiões e soube encontrar a minha. Encantei-me com os tesouros artísticos espalhados de norte a sul do país e imaginei mãos mágicas a distribuí-los como um reconhecimento à multiplicidade de povos que por ali passaram. Um emaranhado de histórias longínquas. Eu tinha saído de lá. Minha terra. Meu acultramento não fora monolítico. Talvez nenhum o seja. Voltou-me o conceito de “entre-lugares” e eu refletida aqui e ali num balé ininterrupto de visões.

Uma manhã muito quente de fevereiro, enquanto reescrevo um pedaço de mim, ouço a música /Manhã tão bonita manhã / De um dia feliz que chegou /O sol no céu surgiu /E em cada cor brilhou /Voltou o sonho, então, ao coração. Pavarotti e Caetano celebrando a harmonia “entre-lugares”. As últimas notícias mostram Veneza sob a neve onde, desta vez, irei festejar o carnaval.

lontanavo e loro si ripresentavano. Come un corpo restituito dal mare. “Se tuo padre non fosse emigrato, si sarebbe arricchito qui”, disse. “Il paese si è ricostruito in poco tempo, tutto è iniziato non appena siete andati via”, aggiunse. Mio padre se n’è andato prematuramente. Il desiderio di ritornare si è fatto strada come una pianta di fagioli. Iniziai a informarmi su quanto succedeva da quelle parti. Un giorno iniziai ad accedere al canale della TV italiana con i programmi per gli immigrati nel mondo. Mi allietai sentendo le inflessioni delle diverse regioni e seppi riconoscere la mia. M’incantai con i tesori artistici sparsi da nord a sud del paese e immaginai mani magiche che li distribuivano, come un riconoscimento verso la molteplicità di popoli che da lì passarono. Un intreccio di storie lontane. Io ero uscita di lì. La mia terra. La mia educazione non era stata monolitica. Forse nessuna lo è. Mi ritornò il concetto di “tra-luoghi” ed io riflessa qui e lì in un balletto ininterrotto di visioni.

In una mattina molto calda di febbraio, mentre scrivo una parte di me, ascolto la musica/ Manhã tão bonita manhã / De um dia feliz que chegou /O sol no céu surgiu /E em cada cor brilhou /Voltou o sonho, então, ao coração. Pavarotti e Caetano che celebrano l’armonia “tra-luoghi”. Le ultime notizie mostrano Venezia, sotto la neve dove, questa volta, andrò a festeggiare il carnevale.

A Olivia e a Oliveira

Maria Teresa Sponchiado

Conheci meu marido faz uns bons anos.

Desde o começo da nossa amizade sempre divergíamos nas opiniões e escolhas, o que provocava muitos risos e, também, muitas brigas.

Apesar disso, a amizade virou romance.

Quando namorados, nos primeiros encontros, ele sempre me convidava para comer Hot Dog, e eu sempre queria pizza.

Para as artes, era o mesmo dilema. Ele gostava de ir ao cinema, ver aquele lançamento, e eu gostava de ir aos museus, ver aquelas peças com pelo menos um século de idade.

E apesar disso também, o romance virou casamento.

Depois de casados, para os almoços de domingo era sempre a mesma celeuma. Ele pedia churrasco e eu queria nhoque.

No projeto do nosso jardim, ele me enlouquecia. Queria palmeiras e plantas tropicais, e eu sonhando com jardins renascentistas.

E lá se foram 10 anos de casamento.

Decidimos então fazer uma viagem para comemorar.

Ele? Queria Nova York.

Eu? Claro! Queria ir para a Itália.

Não sei por que ele concordou e então... Itália!

Nos muitos passeios que fizemos juntos, pudemos admirar os jardins com sua simetria e imponência, pudemos observar nos museus toda a antiguidade da humanidade, e, nas refeições, provar dos aromas e sabores tão inesquecíveis.

De certa forma, depois dessa viagem, ele compreendeu tudo aquilo que transbordava em mim.

A Olivia e a Oliveira

Maria Teresa Sponchiado

Conobbi mio marito tanti anni fa.

Sin dall'inizio della nostra amicizia avevamo opinioni e facevamo scelte divergenti, il che causava delle risate e anche, molti litigi.

Nonostante ciò, l'amicizia si trasformò in una storia d'amore.

Quando eravamo fidanzati, ai primi appuntamenti, lui m'invitava sempre a mangiare hot dog e io volevo sempre la pizza.

Per le arti era lo stesso dilemma. A lui piaceva andare al cinema, assistere all'ultima uscita e a me piaceva andare ai musei, guardare quelle opere con almeno un secolo d'età.

E nonostante ciò, la storia d'amore sfociò in matrimonio.

Dopo sposati, ai pranzi della domenica c'era sempre lo stesso problema. Lui chiedeva churrasco e io volevo gli gnocchi.

Con il progetto del nostro giardino, mi faceva impazzire. Voleva palme e piante tropicali e io sognavo giardini rinascimentali.

E così si susseguirono i 10 anni di matrimonio.

Per celebrarli abbiamo deciso, quindi, di fare un viaggio.

Lui? Voleva New York.

Io? Certo! Volevo andare in Italia. Non so per quale motivo lui ha detto sì e così..... Italia!

Nelle diverse passeggiate che abbiamo fatto assieme, abbiamo potuto ammirare i giardini con le loro simmetrie e imponente, osservare nei musei tutta l'antichità dell'umanità e, durante le colazioni, provare aromi e sapori indimenticabili.

Ad ogni modo, dopo questo viaggio, lui ha compreso tutto quello che trasbordava in me.

E também entendeu aquela minha celebre frase, que nas divergências sempre aparecia:

– Não é culpa minha.... deve ser meu D N A !

– Nasci Italiana em outro lugar!

E ele sempre ria.

Na viagem nos apaixonamos pelas oliveiras, e decidimos que um dia teríamos uma em casa.

Passaram-se os anos, e eu engravidei.

Ele me acompanhava em todos os exames, para tentar descobrir logo se era menino ou menina, porque queria pensar em um nome.

Lá pelo quarto mês, o médico então declarou: menina!

Olhou para mim, e no mesmo instante disse:

– Já que tem tanta Itália dentro de você, que tal carregar a Olívia aí?

Hoje, tenho um jardim onde reina uma oliveira, cercada de plantas de todas as espécies.

Nos almoços de domingo tem até pizza na churrasqueira.

E tem a Olívia, que aposto, vai carregar a Itália dentro dela, assim como eu.

Afinal, é um problema de D N A...

E ha capito anche quella mia celebre frase, che nelle divergenze saltava sempre fuori:

Non è colpa mia... sarà il mio DNA!

Sono nata italiana in un altro luogo!

E lui rideva sempre.

Nel viaggio ci siamo innamorati degli ulivi e abbiamo deciso che un giorno ne avremmo avuto uno a casa.

Gli anni sono passati e io sono rimasta incinta.

Lui mi accompagnava a fare le analisi per cercare subito di scoprire se era un bambino oppure una bambina, perché voleva pensare a un nome.

Verso il quarto mese, il dottore allora ci ha detto:

Bambina!

Mi ha guardata e in quello stesso instante mi ha detto:

-Visto che c'è così tanta Italia dentro te, che ne dici di portare Olivia lì?

Adesso ho un giardino in cui regna un ulivo, circondato da piante di tutte le specie.

Ai pranzi della domenica c'è perfino la pizza sulla griglia.

E c'è Olivia, che scommetto porterà l'Italia dentro di sé, proprio come me,

Alla fine, è un problema di DNA...

A caixinha do vovô

Marília Ferreira Emmi

Cantarolando O SOLE MIO, Cecilia separava documentos, fotos, cartões, livros, sapatos, roupas; passava o dia arrumando o material que julgava indispensável levar à Itália. Ah! Não poderia esquecer a caixinha cuidadosamente embrulhada em papel verde, razão maior de sua viagem.

Lembranças felizes povoavam sua mente. As visitas ao vovô Fidelis, na cidade de Faro, tinham um lugar especial nessas lembranças. Era para lá que se deslocava de Parintins, onde morava com sua família, nos períodos de férias escolares. A imagem da Itália, terra de seu avô, ganhava contornos que ela foi construindo a partir das histórias que ele contava sobre a pequenina San Costantino di Rivello, de onde emigrou para o Brasil. Em meio às lembranças ela prometia:

– Vovô, vou fazer o caminho de volta que o senhor tanto queria e não consegui. De algum modo o senhor vai voltar à sua amada terra.

Fidelis chegou ao Pará no início do século XX, junto com uma leva de imigrantes da Basilicata que vinham em busca de novas oportunidades de trabalho, tão difíceis em sua terra. Em Faro, já havia muitos patrícios, o que de certa maneira ajudava a se situar no novo lugar. Cecilia lembrava dos amigos de seu avô, achava que eles tinham sobrenomes estranhos: Mileo, Magaldi, Filizzola, Balbi. Eles frequentavam a mercearia de Fidelis, a Nova Itália, onde vendia gêneros alimentícios, miudezas e principalmente tabaco junto com um papelzinho especial com o qual fabricavam os próprios cigarros. Ouviam no rádio notícias da Itália e conversavam numa língua que ela não entendia, aguçando sua curiosidade de menina.

La scatolina del nonno

Marília Ferreira Emmi

Canticchiando O SOLE MIO, Cecilia separava documenti, fotografie, cartoline, libri, scarpe, vestiti; passava la giornata mettendo in ordine il materiale che credeva indispensabile da portare in Italia. Ah! Non poteva dimenticare la scatolina, accuratamente avvolta in un foglio di carta verde, ragione principale del suo viaggio.

Ricordi felici popolavano la sua mente. Le visite al nonno Fidelis, nella città di Faro, occupavano un luogo speciale in questi ricordi. Era in quella direzione che andava partendo da Parintins dove abitava con la sua famiglia, durante le vacanze scolastiche. L'immagine dell'Italia, terra del nonno, prendeva sembianze che lei aveva costruito in base alle storie che lui raccontava sulla piccola San Costantino di Rivello, da dove era emigrato verso il Brasile. In mezzo ai ricordi lei prometteva:

– Nonno, farò la strada di ritorno che tanto volevi fare senza mai riuscirci. Ad ogni modo, tornerai alla sua amata terra.

Fidelis arrivò a Pará all'inizio del XX secolo, assieme a un gruppo di immigrati della Basilicata che arrivavano in cerca di nuove opportunità di lavoro, così difficili nella loro terra. A Faro, c'erano già molti compatrioti che, per certi versi, aiutavano a stabilirsi nel nuovo luogo. Cecilia ricordava degli amici di suo nonno, riteneva che avessero dei cognomi strani: Mileo, Magaldi, Filizzola, Balbi. Frequentavano la bottega di Fidelis a Nova Italia, dove vendeva prodotti alimentari, piccoli arnesi e principalmente tabacco assieme a delle cartine speciali con le quali fabbricavano le proprie sigarette. Ascoltavano le notizie dell'Italia alla radio e conversavano in una lingua che lei non capiva, stimolando la sua curiosità di bambina.

Cecília prosseguia na preparação para a viagem. Ao olhar mais uma vez a caixinha verde, para colocá-la na mala, lembranças tristes fizeram seus lindos olhos castanhos se encherem de lágrimas. Como uma pintura esmaecida, desenhou-se em sua mente a última visita a seu avô, já bastante debilitado por complicações do diabetes. Como se previsse que seria o último encontro, Fidelis entregou à neta seu tesouro cuidadosamente arrumado numa caixinha verde e recomendou que ela não revelasse a ninguém o conteúdo e o destino que deveria dar à caixinha. Prometeu guardar segredo até que a missão fosse cumprida.

Em meados da década de 1970, após o falecimento de Fidelis, Cecília, que se tornara professora, resolveu que havia chegado o momento de conhecer a Itália e realizar o último desejo de seu avô. Aproveitou a companhia do senhor Calderaro, um amigo de seu pai, que ia àquele país visitar familiares. Não eram as cidades mais importantes do norte da Itália o foco de sua atenção. Seu interesse era uma região do Sul, a Basilicata, mais precisamente a localidade de San Costantino di Rivello. Lembrava muito bem das recomendações do avô e como deveria proceder para lá chegar. No trajeto pela região montanhosa, tudo lhe parecia familiar.

No domingo, foi assistir à missa na igreja de San Giuseppe. Queria ter certeza de que o pároco havia encontrado a caixinha que no dia anterior ela havia deixado perto do altar. Após a missa e os habituais avisos, o padre Paolo disse que tinha um importante comunicado a fazer aos paroquianos:

– Uma pessoa muito querida na comunidade, que emigrou para o Brasil, de certo modo, voltou. Esse nosso irmão deixou a pátria em 1920, foi para a Amazônia em busca de melhores condições de vida. Trabalhou arduamente, constituiu família e lá viveu durante 50 anos sem nunca esquecer sua terra natal.

Padre Paolo então abre a caixinha e exhibe o passaporte de Fidelis, com a foto da época, o folheto que recebeu no momento da emigração, recortes de jornais italianos, uma foto em fren-

Cecília continuava com la preparazione del viaggio. Quando guardò un'altra volta la scatolina verde per metterla in valigia, dei tristi ricordi riempiono di lacrime i suoi bellissimi occhi castani. Come un dipinto sbiadito, prese forma nella sua mente l'ultima visita di suo nonno, già abbastanza debilitato dalle complicità del diabete. Come se avesse previsto che sarebbe stato l'ultimo incontro, Fidelis affidò alla nipote il suo tesoro accuratamente impacchettato in una scatolina verde e raccomandò che lei non rivelasse a nessuno l'oggetto e il destino che lei doveva dare alla scatolina. Promise di mantenere il segreto fino a che la missione non fosse stata compiuta.

A metà degli anni Settanta, dopo il decesso di Fidelis, Cecília, che era diventata insegnante, decise che era giunto il momento di conoscere l'Italia e di realizzare l'ultimo desiderio di suo nonno. Approfittò della compagnia del Sig. Calderaro, un amico di suo padre, che andava a visitare dei parenti. L'oggetto della sua attenzione non erano le città più importanti del Nord d'Italia, il suo interesse era una regione del Sud, la Basilicata, più precisamente la località di San Costantino di Rivello. Si ricordava perfettamente delle raccomandazioni del nonno e come avrebbe dovuto procedere per arrivare fin lì. La strada attraverso la regione montagnosa le sembrava familiare.

La domenica andò a messa nella chiesa di San Giuseppe. Voleva essere sicura che il parroco avesse trovato la scatolina che il giorno precedente aveva lasciato vicino all'altare. Dopo la messa e gli avvisi consueti, Padre Paolo disse che aveva un importante comunicato da riferire ai parrocchiani:

– Una persona molto cara alla comunità che emigrò in Brasile, in qualche modo è ritornata. Questo nostro fratello ha lasciato la sua patria nel 1920 ed è andato in Amazonia in cerca di migliori condizioni di vita. Ha lavorato intensamente, ha costruito una famiglia e ha vissuto lì per 50 anni senza mai dimenticare la sua terra natia.

Padre Paolo allora aprì la scatolina e mostrò il passaporto di Fidelis, con la sua foto d'epoca, il volantino che ricevette nel

te ao seu estabelecimento comercial e, o mais importante, um caderno de anotações cujas folhas amareladas pelo tempo registravam momentos importantes de sua trajetória e vida de imigrante. Muito mais de que um registro de partida, chegada, casamento e nascimento dos filhos, as páginas revelavam a angústia pela impossibilidade de realização de seu maior desejo: o retorno à terra natal. O vigário fora amigo de infância de Fidelis e na adolescência tomaram caminhos diferentes, Paulo foi para o seminário e Fidelis emigrou. Por esta razão emocionou-se tanto ao ver o conteúdo da caixa e prometeu ao amigo que sua volta seria especial.

Foi uma comoção geral. Todos queriam saber onde estava Fidelis. Cada um tinha uma lembrança do amigo, e não faltou o registro de Gina, a namoradinha da adolescência, uma respeitável senhora de quase 80 anos. Ainda sob o peso da emoção, o padre falou:

– Há cinco anos, Fidelis partiu para um plano superior. Mas, essa caixinha com fotos e documentos que ele guardou com carinho, chegou a nossa terra como alguém que voltou para reencontrar os amigos.

Cecília ouviu comovida as palavras do pároco e murmurou:

– Vovô querido, cumpri seu desejo. O senhor voltou para o meio dos que nunca o esqueceram.

Emocionada, pareceu ver o largo sorriso de Fidelis a lhe dizer: *grazie, mia bambina!*

momento dell'emigrazione, ritagli di giornali italiani, una foto innanzi ad un ufficio commerciale e, il più importante, un taccuino, le cui pagine ingiallite dal tempo segnavano momenti importanti del suo percorso e della sua vita di immigrato. Molto più significativo che un registro di partenza, di arrivo, di matrimonio e delle nascite dei figli, le pagine rivelavano l'angoscia per l'impossibilità di realizzare il suo più grande desiderio: il ritorno alla terra natia. Il vicario era stato un amico di infanzia di Fidelis e nell'adolescenza avevano preso strade diverse. Paulo era andato in seminario e Fidelis era emigrato. Per tale ragione si era emozionato così tanto nel vedere il contenuto della scatola e aveva promesso all'amico che il suo ritorno sarebbe stato speciale.

Tutti si commossero. Volevano sapere dov'era Fidelis. Ciascuno di loro aveva un ricordo dell'amico e non mancò il ricordo di Gina, la fidanzatina dell'adolescenza, una rispettabile signora di quasi 80 anni. Ancora sotto il peso delle sue emozioni, il parroco disse:

– Sono cinque anni che Fidelis se n'è andato lassù. Ma questa scatolina con le fotografie che lui ha conservato con tanto affetto, è arrivata alla nostra terra come qualcuno che è ritornato per ritrovare gli amici.

Cecilia ascoltò commossa le parole del parroco e mormorò:

– Nonno carissimo, ho esaudito il tuo desiderio. Sei tornato in mezzo a coloro che non ti hanno mai dimenticato.

Emozionata, le sembrò di vedere il sorriso smagliante di Fidelis che le diceva: *grazie, bambina mia!*

Itália Maravilhosa

Martha Tavares Pezzini

Parte I

A Itália sempre esteve presente em minha vida. Na doce vida da rua onde cresci havia uma numerosa e respeitada família de italianos que conviviam e participavam da vida daquela rua. Despertavam curiosidade sobre o que deixaram para traz e sempre havia as comparações e interrogações, principalmente em nós, crianças, em relação ao tipo físico, alguns hábitos, costumes e linguagem.

De enorme importância histórica, desde a Roma dos Césares, aos filmes italianos e mais do que os filmes, sua música de todos os tempos e estilos, a Itália sempre fez parte do imaginário e do sentimental. Seus magníficos autores e intérpretes marcaram minha vida. Na minha infância me encantei com a canção napolitana, Santa Lucia, não me lembro se a gravação era a que ouvi agora com o cantor Tino Rossi. Na minha adolescência as românticas estavam no auge, por aqui. O Festival de San Remo era aguardado. Suas músicas e intérpretes eram sucesso certo. E para coroar todo esse encantamento, casei-me com um neto de italianos.

A primeira vez em que fui à Itália e pisei seu solo foi difícil me convencer de que não estava sonhando. Se fosse possível, permaneceria insone para que meus olhos e meus demais sentidos não perdessem nenhuma cena e vivessem todas as emoções. Tudo foi perfeito, belo, inesquecível como esse passeio que passo a narrar.

Acordo feliz, como sempre se sente quem está visitando a bela Itália. Destino do dia: Capri, passando por Napoli, onde

Italia Meravigliosa

Martha Tavares Pezzini

Parte I

L'Italia è sempre stata presente nella mia vita. Nella dolce vita della via dove sono cresciuta c'era una numerosa e rispettosa famiglia di italiani che convivevano e partecipavano alla vita di quella via. Destava curiosità ciò che avevano lasciato addietro e c'erano sempre confronti e interrogativi, principalmente in noi bambini, in relazione al tipo di fisico, ad alcune abitudini, costumi e linguaggio.

Di enorme importanza storica, dalla Roma dei Cesari ai film italiani e anzi, più che i film, alla sua musica di ogni periodo e stile, l'Italia ha sempre fatto parte dell'immaginario e del sentimentale. I suoi magnifici autori e interpreti hanno segnato la mia vita. Durante la mia infanzia mi sono innamorata delle canzoni napoletane, Santa Lucia, non mi ricordo se la registrazione era quella che ho sentito ora, quella del cantante Tino Rossi. Durante la mia adolescenza, da queste parti, le romantiche erano all'apice. Il Festival di Sanremo era atteso. Le sue canzoni e interpreti riscuotevano successo di sicuro. E per coronare tutto questo incanto mi sono sposata con un nipote di italiani.

La prima volta che andai in Italia e calpestai il suolo italiano, fu difficile convincermi che non stavo sognando. Se fosse stato possibile sarei rimasta sveglia insonne per far sì che i miei occhi e tutti gli altri sensi non perdessero nessuna scena e vivessero tutte le emozioni.

Fu tutto perfetto, bello, indimenticabile come questa gita che ora racconto.

Mi svegliai felice, come si sente sempre chi sta visitando

queria conferir as roupas penduradas nos varais atravessando a rua, que havia visto num filme estrelado por Sophia Loren, vivendo uma napolitana e mostrando todo o inusitado e irreverente modo de se viver por lá.

A travessia de barca de Napoli para Capri descortinava à nossa vista todos os tons de azul do Tirreno. A cidade ia ficando para trás, diminuindo, tendo o mar entre nós, num efeito magnífico. Ao fundo a icônica silhueta do Vesúvio. Estar em um cenário desses é ter a cabeça estalando de sonhos e expectativa, nunca podendo imaginar tudo que nos aguardava. Tanto beleza como intrepidez.

Já em Capri e em terra, rumamos para o píer onde fomos apresentados ao guia local e uma pequena barca que estava à nossa espera. Nela não havia espaço suficiente para todo o grupo, mas o barqueiro parecia ter pressa e nada foi explicado a não ser que deveríamos entrar e nos acomodar. Logo que todos se espremeram, sem mesmo saber onde se segurar, a Nau partiu em grande velocidade em direção à famosa atração local: a Gruta Azul! Este curto trajeto marítimo é um tanto difícil de ser descrito. Tentarei. A velocidade seria normal, se o tráfego de barcas, na área, não estivesse totalmente congestionado. Ainda seria razoável, se a maioria das barcas não possuísse o mesmo estilo peculiar e audacioso de navegação. Para completar as surpresas daquele passeio inesquecível, que apenas se iniciava, não havia visibilidade nem rota livre, num trânsito lotado pelas pequenas embarcações. Com tais circunstâncias adversas, nosso intrépido condutor precisava se deslocar da proa à popa para ver se havia passagem, voltando rapidamente para manobrar seu leme, baseado no que fora capaz de visualizar.

Ousadia, coragem e surpresas são ingredientes marcantes se você está na bela Itália. Como resistir se estávamos desfrutando um cenário perfeito, com a adrenalina em alto nível, ziguezagando no mar para desviar de embarcações, conduzidos por um barqueiro, sem visão da sua rota, sob o deslumbrante sol daquele país?

l'Italia. Destinazione del giorno: Capri, passando per Napoli, dove volevo vedere se ci fossero davvero i panni appesi dalla finestra da una parte all'altra delle vie, cosa che avevo visto in un film con protagonista Sophia Loren che viveva da napoletana e faceva vedere l'inusuale e irreverente modo di vivere da quelle parti.

La traversata in barca da Napoli a Capri faceva confluire ai nostri occhi tutte le tonalità di azzurro del Tirreno. La città rimaneva indietro, rimpicciolendosi con il mare tra noi, in un effetto magnifico. Sullo sfondo, l'iconica immagine del Vesuvio. Essere in uno scenario del genere significa avere la testa colma di sogni e aspettative, non avendo mai potuto immaginare tutto quello che ci aspettava. Tanta bellezza e intrepidezza.

A Capri, sulla terraferma, ci dirigemmo verso il pontile dove ci presentarono la guida locale e dove ci attendeva una piccola imbarcazione. In essa non c'era spazio sufficiente per tutto il gruppo, ma il barcaiolo sembrava avere fretta e non fu spiegato nulla, soltanto che dovevamo entrare e prendere posto. Non appena tutti si strinsero, senza sapere dove aggrapparsi, la barca partì a gran velocità verso la famosa attrazione locale: la Grotta Azzurra! Questo piccolo percorso marittimo è un po' complicato da descrivere. Ci proverò lo stesso. La velocità sarebbe stata normale se il traffico di barche in quell'area non fosse stato congestionato. Sarebbe stato normale anche se la maggior parte delle imbarcazioni non avessero avuto uno stile peculiare e audace di navigazione. Per aggiungere sorprese indimenticabili a quella gita iniziata da poco, non c'era visibilità, neanche rotte libere, in un traffico affollato da piccole imbarcazioni. Con tali circostanze avverse, il nostro intrepido condottiero aveva bisogno di spostarsi dalla prua alla poppa per vedere se avesse modo di passare, tornando velocemente a manovrare il timone, a seconda di ciò che era riuscito a vedere.

L'audacia, il coraggio e le sorprese sono ingredienti salienti se ti trovi nella bell'Italia. Come resistere visto che stavamo godendo di una scenografia perfetta, con un alto livello di adrena-

Até a entrada da gruta chegamos ilesos. Embora outro píccolo teste de destreza ainda nos aguardasse: as barcas que chegavam iam parando e sobre o balanço das águas, se aproximavam e afastavam umas das outras. Nós, os valentes argonautas teríamos de passar para uma segunda barca, no momento exato em que as duas se aproximassem. A segunda barca entraria por uma abertura em arco que se abria para um espaçoso cenário interior, inundado pelo mar. A operação balouçante ia acontecendo até que alguém pulou na hora errada mergulhando nas águas. O grito de “Homem ao mar!” – ficou no pensamento e na garganta.

Fácil imaginar que depois disso várias pessoas desistiram de conhecer aquela maravilha da natureza. Nem me perguntem se entrei. Meu marido alegou claustrofobia e seguimos para a etapa seguinte do passeio que seria na belíssima Anacapri.

Parte II

O espírito de aventura não foi suficientemente forte para nos permitir entrar na Gruta Azul e a deixamos para trás. A opção para os claustrofóbicos era subir a escada cavada na rocha, estreita e com um corrimão. Como muitos já haviam iniciado a subida, lá fomos nós sem cogitarmos do perigo de desmoronamento. Não me lembro quanto tempo de subida. Mas, como não tínhamos preparo físico e conseguimos, não deve ter sido tão longa. A escada terminava numa entrada para uma grande feira onde se encontrava uma variedade de produtos artesanais, artísticos, vestuário, tanto locais como de outros lugares do país. Esses locais ficam sempre em alerta para abocanhar os turistas. E assim foi. Não sabíamos o quanto de beleza nos aguardava, já que as paisagens estonteantes se sucediam o tempo todo. Surge então Anacapri, florida e linda com suas hortênsias exuberantes explodindo nas touças com tons incríveis de azul e lilás. O almoço em restaurante panorâmico com uma fantástica visão do mar faiscante do Tirreno, batendo nas rochas a inimagináveis metros, lá em baixo. Cenário escolhido para despertar paixão ou para um grande filme.

lina, zigzagando nel mare per deviare dalle altre imbarcazioni, condotti da un barcaiolo, senza visuale della rotta, sotto l’abbagliante sole di quel paese?

Arrivammo illesi fino all’entrata della grotta, nonostante un altro piccolo test di destrezza ci attendesse: le barche che lì arrivavano si fermavano e con l’ondeggiare delle acque si avvicinavano e si allontanavano le una dalle altre.

Noi, gli intrepidi argonauti, dovevamo passare su una seconda barca, nell’esatto istante del loro avvicinamento. La seconda barca sarebbe entrata da un’apertura ad arco che si affacciava a uno spazioso scenario interno, inondato dal mare. L’operazione oscillante proseguiva quando qualcuno saltò nel momento sbagliato tuffandosi nelle acque. Il grido “Uomo al mare!” – rimase nel pensiero e nella gola.

Dopodiché è facile immaginare che varie persone rinunciarono a conoscere quella meraviglia della natura. Non mi domandate se sono entrata. Mio marito ha sostenuto di soffrire di claustrofobia e ci siamo diretti alla tappa successiva della gita: la bellissima Anacapri.

Parte II

Lo spirito d’avventura non era stato sufficientemente forte da permetterci di entrare alla Grotta Azzurra e l’abbiamo lasciata indietro. L’opzione per i claustrofobici era salire la scalinata scavata nella roccia, stretta e con un corrimano. Siccome molti avevano iniziato a salire, li seguimmo senza considerare il pericolo di frane. Non mi ricordo quant’era la durata della salita, però siccome siamo riusciti pur non avendo una preparazione fisica, suppongo che non sia stata molto lunga. La scalinata finiva in un’entrata ad una grande fiera dove c’erano una varietà di prodotti artigianali, artistici, abiti e molti locali come in altre parti del paese. Questi locali erano sempre attenti ad acchiappare i turisti. E così è andata. Non eravamo a conoscenza di quanta bellezza ci attendesse, giacché i paesaggi inebrianti si susseguivano per tutto il tempo. Sorse, all’improvviso, Anacapri,

Hora de descer. Entramos em um ônibus, pequeno, requisito para a descida e estrada que percorreríamos. Estávamos tão inocentes como quando entramos nas barcas. Logo pegamos a estrada entre a parede de pedras e o precipício. Tão estreita que não permitia a passagem de dois carros. Nas curvas grandes, espelhos retrovisores para sinalizar a presença de outro carro. Não se iludam pensando que a velocidade era proporcional à situação. Com o trânsito em mão dupla, era necessário manobrar em ré até que houvesse um espaço quando outro veículo cruzava com o nosso. Curvas e riscos se sucediam. Chegávamos a gritar como numa Montanha Russa. E lançando a vista para o precipício nos sentíamos como numa nave prestes a se chocar com o mar!

Não pude deixar de pensar que o refrão da famosa música *Capri c'est fini*, foi inspirado naquela descida! E assim como toda a Itália, Capri está em minhas lembranças para sempre.

fiorita e stupenda, con le sue ortensie esuberanti, dirompendo nelle boscaglie con le magnifiche tonalità di azzurro e lilla. Il pranzo al ristorante panoramico con una fantastica vista sullo scintillante mar Tirreno, che si infrangeva sugli scogli a inimmaginabili metri, più giù. Uno scenario adatto a svegliare passioni o per un grande film.

L'ora della discesa. Entrammo in un piccolo autobus, requisito per la discesa e per la strada che dovevamo percorrere. Eravamo innocenti così come quando siamo entrati nelle barcche. Immediatamente abbiamo iniziato la discesa, tra la parete di pietra e il precipizio. Così stretta che due macchine non ci sarebbero passate.

Alle curve, grandi specchi retrovisori per segnalare la presenza di un'altra macchina. Non illudetevi pensando che la velocità fosse proporzionale alla situazione. Con il traffico a doppio senso fu necessario far manovre in retromarcia fino ad uno spazio ogni volta in cui un altro veicolo avesse incrociato il nostro. Curve e rischi si succedevano. Gridavamo come fossimo in una montagna russa e, buttando lo sguardo sul baratro ci sentivamo in una nave pronta a sbattere contro il mare!

Non potei far a meno di pensare al ritornello di quella famosa canzone "*Capri, C'est finis*", ispirata a quella discesa! Così come tutta Italia, Capri resta nei miei ricordi, per sempre.

L'anno venturo

Mônica de Faria Franco

Certa noite meu pai chegou em casa e eu fui correndo recebê-lo como muitas crianças fazem com seus pais. Feliz da vida eu lhe disse: - Oi, pai! E ele, mais feliz ainda, me falou: - *Ciao*, Mônica!

- Tchau? - eu lhe perguntei. Fiquei intrigada com as possibilidades que esse "Ciao" poderia ter: meu pai era brincalhão, mas será que ele precisaria sair logo e não poderíamos ficar juntos nem um pouquinho naquela noite? Será que ele não queria ser incomodado? Será que ele estava ficando maluco?

Antes de me responder, meu pai deu uma risada gostosa e disse: - Filha, eu estava falando em italiano com você, "ciao" significa "oi"!

Meu pai começou estudar italiano porque ele queria fazer pós-graduação em Direito Processual Penal e entendia que os italianos eram fenomenais nesse campo.

Assim, ele começou a utilizar o que ia aprendendo no curso de italiano conosco em casa.

No café da manhã, ele dizia:

- *Per favore, passami il burro* - e depois: - *Grazie!*

Nós éramos crianças e nos divertíamos com as palavras em português e em italiano que tinham o mesmo som, porém com significados completamente diferentes!

Na hora do almoço, a mesma coisa:

- *Per favore, passami il riso* e em seguida: - *Grazie!*

Quando queríamos lhe pedir para que ele nos passasse o feijão e falávamos com ele em português: - Pai, o senhor pode passar o feijão? Ele dizia em italiano: - *Non capisco!* Então um

L'anno venturo

Mônica de Faria Franco

Una notte mio padre arrivò a casa e io gli andai incontro correndo come fanno molti bambini con il loro papà. Felice della vita gli dissi:

- *Ciao papà!*

E lui, ancora più felice, mi disse:

- *Ciao Monica!*

- Tchau? - gli chiesi. Ero intrigata dalle possibilità che quel "Ciao" poteva avere: mio padre era un giocherellone, ma magari doveva uscire presto e non saremmo potuti stare un po' insieme quella notte? O stava male? O stava diventando matto?

Prima di rispondermi, mio padre rise di gusto e disse:

- Tesoro, stavo parlando in italiano con te, "ciao" si dice anche quando ci si incontra!

Mio padre cominciò a studiare italiano perché voleva prendere una laurea magistrale in Diritto Processuale Penale e sapeva che gli italiani fossero fenomenali in quel campo. Così, iniziò ad utilizzare ciò che imparava nel corso di italiano con noi, a casa. A colazione diceva:

- *Per favore, passami il burro* - e poi: - *Grazie!*

Noi eravamo bambini e ci divertivamo con le parole che avevano lo stesso suono in portoghese e italiano ma che avevano significati completamente differenti!

Ad ora di pranzo, stessa cosa:

- *Per favore, passami il riso* - e poi: - *Grazie!*

Quando volevamo chiedergli che ci passasse i fagioli e parlavamo con lui in portoghese:

- *Papà, ci passeresti i fagioli?*

irmão tentava ajudar o outro e quando não conseguíamos o meu pai dizia: – *Fagioli!* E, evidentemente, só nos passava o prato quando falávamos em italiano.

A cultura italiana foi chegando pouco a pouco em nossa casa – primeiro algumas palavras em italiano no meio de frases em português, depois veio a música – sabíamos cantá-las de cor, de tanto que as ouvíamos.

Conhecimentos da escola relacionados à cultura italiana também eram compartilhados com todos – certa vez minha irmã caçula chegou em casa toda faceira e disse: – Sabiam que o sorvete de massa foi “inventado” pelos italianos?

Com o passar dos anos fomos falando cada vez melhor o idioma e já podíamos assistir a alguns filmes italianos. Quando passava algum filme falado em italiano na cidade, sempre íamos assistir.

Eu, e todos em casa, começamos a imaginar como seria sensacional falar italiano na Itália! Será que nosso pai nos levaria à Itália? Ele era o único que trabalhava fora e, por isso, coisas que envolvessem dinheiro só poderíamos pedir para ele.

Todos nós sabíamos como era difícil conseguir que meu pai gastasse muito dinheiro, mas ele também estava apaixonado pela Itália e assim resolvemos arriscar e lhe perguntar: – Pai, será que nós poderíamos ir à Itália? Silêncio eloquente! Meu pai ficou pensando por alguns segundos, que nos pareceram anos, e, por fim, nos deu resposta: Sim! – *Sì!*

Siiiiimmm! Sìii! Que fantástico! – E quando iremos? Meu pai prontamente respondeu:

– *L'anno venturo!*

Todos ficamos atônitos. *L'anno venturo* – mal podíamos esperar! Éramos pré-adolescentes e um ano para nós, naquela época, era muito tempo – mas chegaria!

Um ano se passou com muita música italiana e comida italiana e com algumas idas ao cinema para ver filmes italianos.

E a viagem? Não estávamos vendo nenhuma movimentação nesse sentido!

Lui diceva in italiano:

– Non capisco!

Allora un fratello provava ad aiutare l'altro e quando non riuscivamo mio papà diceva:

– Fagioli!

E, ovviamente, ci passava il piatto solo quando parlavamo in italiano. La cultura italiana entrò a poco a poco in casa nostra – prima alcune parole in italiano in mezzo a frasi in portoghese, poi arrivò la musica – sapevamo cantare le canzoni a memoria, da quanto spesso le ascoltavamo.

Conoscenze scolastiche sulla cultura italiana erano condivise con tutti – una volta mia sorella più piccola arrivò a casa tutta fiera e disse:

– Sapevate che il gelato è stato “inventato” dagli italiani?

Con il passare degli anni iniziammo a parlare sempre meglio la lingua e potevamo guardare film in italiano. Quando usciva qualche film in italiano in città, andavamo sempre a vederlo.

Io, e tutti a casa, cominciavamo ad immaginare a come sarebbe stato sensazionale parlare italiano in Italia! Forse papà ci avrebbe portati in Italia? Lui era l'unico che lavorava fuori casa, quindi le cose riguardanti il denaro potevano essere chieste solo a lui.

Tutti sapevamo quanto fosse difficile che mio papà guadagnasse tanti soldi, ma anche lui era innamorato dell'Italia e quindi decidemmo di rischiare e chiedergli:

Papà, un giorno andiamo in Italia?

Silenzio eloquente! Mio papà stette a pensare qualche secondo, che a noi sembrarono anni, e alla fine ci diede la risposta:

– *Sì! Sì!*

– Sìiiii! Sìiiii! Fantastico! E quando andiamo?

Mio padre prontamente rispose:

– *L'anno venturo!*

Tutti rimanemmo attoniti. *L'anno venturo* – non potevamo aspettare tanto! Eravamo preadolescenti e un anno, per noi a quel tempo, era molto tempo – ma sarebbe arrivato!

Resolvemos perguntar: – Pai, nós não vamos para a Itália? Meu pai respondeu: – Vamos!

E nós: – Mas quando? Meu pai respondeu mais uma vez: – *L'anno venturo!*

Meus irmãos e minha mãe ficaram muito desapontados e um pouco irritados.

Eu fiquei só desapontada e pensei comigo mesma: – Não deve ser fácil arranjar dinheiro para seis pessoas viajarem para a Itália! Daria para esperar mais um ano.

Mais um ano se passou! Meus irmãos e eu fomos perguntar ao nosso pai se iríamos à Itália naquele ano.

Meu pai nos disse: – *Dovremo andare in Italia l'anno venturo!*

Depois dessa resposta, reconhecemos que com o dinheiro do meu pai não iríamos à Itália. Ele pensava em formar um patrimônio considerável primeiro (meu avô paterno tinha perdido tudo na crise de 29 e meu pai queria guardar dinheiro e ser um homem rico).

Na verdade, o meu pai não nos levou até a Itália, mas ele trouxe a Itália até nós!

Eu e meus irmãos fizemos cursos de italiano, tivemos vários amigos italianos que moravam em São Paulo e depois, quando adultos, fomos algumas vezes para a Itália.

Em tempo: “*Dovremo andare in Italia l'anno venturo*” finalmente aconteceu para mim e meu pai porque, décadas mais tarde, ele me convidou para viajarmos juntos para a Itália. Meus irmãos não acreditaram naquele convite e minha irmã do meio brincou que só iria crer quando visse o avião levantando voo. – Ela nos levou ao aeroporto e esperou o avião decolar! E lá fomos nós (eu e meu pai) para a bela Itália!

Un anno passò con molta musica e cibo italiani e con qualche andata al cinema per vedere film italiani.

E il viaggio? Non vedevamo alcun movimento in quel senso! Decidemmo di chiedere:

– Papà, non andiamo in Italia? – mio padre rispose:

– Certo! – e noi:

Ma quando? – mio padre rispose di nuovo:

– L'anno venturo!

I miei fratelli e mia madre erano molto delusi. Il mio disappunto si vedeva, ma pensai tra me e me:

Non deve essere facile mettere da parte soldi perché sei persone vadano in Italia!

Si poteva aspettare un altro anno.

Ma un anno passò! I miei fratelli e io andammo a chiedere a nostro padre se saremmo andati in Italia quell'anno. Mio padre ci disse:

– Dovremmo andare in Italia l'anno venturo!

Dopo questa risposta, capimmo che con i soldi di mio papà non saremmo andati in Italia. Lui pensava di creare un gruzzolo considerevole prima (mio nonno paterno aveva perso tutto nella crisi del '29 e mio padre voleva guadagnare per diventare ricco). In realtà, mio padre non ci portò in Italia, ma portò l'Italia da noi!

Io e i miei fratelli facemmo corsi di italiano, incontrammo vari amici italiani che abitavano a San Paolo e poi, da adulti, andammo qualche volta in Italia.

In tempo: “*Dovremmo andare in Italia l'anno venturo*” finalmente arrivò per me e papà perché, decine di anni dopo, mi invitò ad andare insieme in Italia. I miei fratelli non ci credevano e mia sorella di mezzo scherzava dicendo che ci avrebbe creduto solo quando avrebbe visto l'aereo alzarsi in volo. Lei ci portò all'aeroporto e aspettò che l'aereo decollasse! E fummo lì (io e mio papà), nella bella Italia.

Existe uma Itália em mim

Romano Dazzi

Nasci na Itália, em uma data remota. Ainda havia o rei e Mussolini, imagina!

Sofri com a guerra, os racionamentos, as invasões, os bombardeamentos; e em seguida as greves, as desordens, o caos do pós-guerra quando todos nos tornamos pobres coitados.

Então, decidi vir para cá, para o Brasil, em busca de paz, de trabalho, e daquela dignidade que pensei que tinha perdido; estou aqui desde tempos imemoriais e até teve um momento que pensei ter esquecido a Itália, ter perdido as minhas raízes.

Como todos os latinos, nunca somos muito generosos em relação às nossas pátrias, tanto com aquelas de nascimento como com aquelas de adoção.

Quero dizer: nunca estamos satisfeitos, torcemos o nariz, nos queixamos de que tudo vai mal, que deveria ser melhor; que alguém poderia fazer isso ou aquilo; que ninguém faz nada bom... e que, em poucas palavras, parece que tudo está indo por água abaixo, está desmoronando.

Até mesmo o tempo nos deixa impaciente: lá, demasiada neve, demasiado vento; aqui, demasiada água – ou demasiada seca o demasiado calor... por fim, nunca estamos contentes.

As pontes caem da mesma maneira, lá e aqui; as avalanches, sejam de neve ou de lama, provocam os mesmos transtornos, lá e aqui. e nem sequer percebemos, que é a mesma coisa. Mas nos queixamos.

Este modo de viver e criticar as dificuldades é uma maravilha: nos faz analisar mais de perto os problemas, estudar com perspicácia uma resposta, propor algumas soluções; também e

C'è un'Italia in me

Romano Dazzi

Sono nato in Italia, in data antichissima. C'erano ancora il re e Mussolini, immagina!

Ho sofferto i tempi di guerra, i razionamenti, le occupazioni, i bombardamenti; e poi gli scioperi, i disordini, la confusione del dopoguerra, quando eravamo diventati tutti dei poveri sbandati.

Quindi, ho deciso di venir qui, in Brasile, in cerca di pace, di lavoro, e di quella dignità che pensavo perduta; sono qui da tempo immemorabile e ci fu pure un momento in cui credevo di aver dimenticato l'Italia, di aver perduto le mie radici.

Come tutti i latini, non siamo mai troppo generosi nei riguardi delle nostre patrie, sia quelle di nascita che quelle di adozione.

Mi spiego: Non ci va mai bene niente, storciamo il naso, ci lamentiamo che tutto va male, che dovrebbe andar meglio; che qualcuno potrebbe fare questo o quello; che nessuno fa mai niente di buono... e che, in parole povere, sembra che tutto stia andando a rotoli, allo scatafascio.

Persino il tempo, ci rende impazienti: là, troppa neve, troppo vento; qui, troppa acqua – o troppa siccità o troppo caldo... Alla fine non siamo mai contenti.

I ponti cadono allo stesso modo, là e qui; le valanghe, siano di ghiaccio o di fango, provocano gli stessi disagi, là e qui. E non ci accorgiamo nemmeno, che è la stessa cosa. Ma ci lamentiamo.

Questo modo di vedere e criticare le difficoltà è un toccasana: ci fa esaminare più da vicino i problemi, studiare con

sobretudo – a todas as situações que, à primeira vista, parecem-nos insolúvel.

Adoramos – sejamos sinceros- aceitar um desafio e seguir em frente, não em busca de uma vitória, mas de uma resposta, de uma saída, às vezes difícil, inesperada e peculiar, que só nós poderíamos adivinhar, com aquela ideia genial que às vezes nos distingue.

Vivi imerso nesta nacionalidade adquirida, distante daquela que o País em que nasci me presenteara; aceitei-a conscientemente e a amo e tenho orgulho disso, a pesar do modo grosseiro, com o qual às vezes me maltrata.

Mas eis que, em agosto de 2016, a Amatrice chega o terremoto; senti um aperto no coração e acompanhei com angústia as imagens, os comentários, a agonia que a TV nos contava.

Não tenho parentes naquela zona, nunca estive ali, nem sequer sei como chegar a Amatrice.

Eram as minhas paredes que desmoronavam; minhas igrejas que desapareciam, com os seus tesouros, que são também meus. E, sobretudo eram meus irmãos, aqueles que rondavam perdidos e desesperados pelas ruas intransitáveis, eram meus irmãos aqueles que a polícia e os voluntários procuravam sem cessar, sob os escombros, em uma luta contra o tempo. E sem perceber tive vontade de chorar.

Pronto: finalmente falei. Chorei como uma criança. De desespero, de raiva, de impotência, de humilhação, diante de algo maior do que eu, do que todos nós.

Foi assim que descobri que ainda hoje, depois de uma longa existência vivida longe, ficou de verdade uma inteira Itália que pulsa e vive e luta e si comove, dentro de mim. E apesar de tudo isso, ou talvez por causa de tudo isso, tenho orgulho disso. Sou ainda, com orgulho, um italiano.

perspicacia qualche risposta, proporre delle soluzioni; anche – e soprattutto – a tutte quelle situazioni che, a prima vista, ci sembravano insolubili.

Ci piace – diciamolo pure – accettare una sfida e andare avanti, alla ricerca non di una vittoria, ma di una risposta, di una strada, a volte difficile, inattesa e particolare, che potremmo indovinare solo noi, con quel lampo di genio che a volte ci distingue.

Io ho vissuto immerso in questa nazionalità acquisita, lontana da quella che il Paese in cui sono nato mi aveva regalato; l'ho accettata coscientemente e la amo e ne sono orgoglioso, nonostante il modo burbero con cui a volte mi maltratta.

Ma ecco che, ad agosto del 2016, ad Amatrice arriva il terremoto; mi son sentito stringere il cuore ed ho seguito con angoscia le scene, i commenti, lo strazio che la TV ci raccontava.

Non ho parenti da quelle parti; non ci sono mai stato, non so nemmeno come ci si arriva, ad Amatrice. Ma ho capito che era a casa mia, che era avvenuta quella tragedia.

Erano mie, le pareti che crollavano; mie, le chiese che sparivano, con i loro tesori, che sono miei, pure essi. E soprattutto, erano i miei fratelli, quelli che si aggiravano sperduti e disperati per le vie intransitabili, erano i miei fratelli quelli che i vigili e i volontari cercavano senza sosta di riscattare da sotto le macerie, in una terribile lotta contro il tempo. E senza accorgermene, mi è venuto da piangere.

Ecco: finalmente l'ho detto. Ho pianto come un bambino. Di disperazione, di rabbia, di impotenza, di umiliazione, davanti a qualcosa più grande di me, di tutti noi.

Ho così scoperto che ancora oggi, dopo una lunga esistenza vissuta lontano, mi è rimasta per davvero un'Italia intera, che palpita e vive e lotta e si agita, dentro di me. E nonostante tutto ciò, o forse proprio a causa di tutto ciò, ne vado immensamente fiero. Sono ancora, con orgoglio, un italiano.

A primeira vez

Rosalba Facchinetti

Na primeira vez de volta à Itália ela foi assaltada. E da maneira mais prosaica: “bateram sua carteira”! Em Roma! E na estação de trem!

Nascida lá. No sul, na cultura cilentana, na Campania, acrescida de genética do norte. Felice, o avô paterno, descera de Milão para montar teleféricos, Itália abaixo. Parou na avó, literalmente. Casou com aquela Rosa “terrona”, como a chamava a cunhada milanese, que explicava aquela união como se fora um sequestro, uma mandinga à qual o irmão não resistira. Mas Felice nunca largou Rosa e foi tendo filhos loiros de olhos azuis, incomuns na região, incluindo aí Giuseppe, pai dela, que além dessas características ainda tinha uma altura acima da média local. Fato que facilitou o encontro com a mãe Giovanna, que o localizava facilmente.

Então, a guerra nem tinha acabado ainda e Giuseppe, o Pino, (o milanese) e Giovanna, a Janina se encontraram numa festa do padroeiro do Vallo della Lucania. Casaram-se, ele que tinha ficado órfão aos treze anos, com duas irmãs menores, e ela filha da viúva Elvira, que vinha de Camerota, o paese mágico de duendes, flores e muitos artesãos.

Tudo ia bem, com Janina e Pino, tendo filhos e produzindo vinho e azeite, quando uma das irmãs dela, por uma desilusão amorosa, partiu para o Brasil.

Mas como toda mamma do sul, quando a prole não lhe está em torno como filhotes, Elvira entrou em parafuso pensando nos perigos que a desiludida poderia correr. Convocou, então, as duas filhas caçulas, dos sete filhos que sobraram (dos onze

La prima volta

Rosalba Facchinetti

La prima volta in Italia era stata rapinata. E nel modo peggiore: “le hanno rubato il portafogli!” A Roma! Nella stazione dei treni!

Nata lì. Nel sud, nella cultura cilentana, in Campania, cresciuta dalla genetica del nord. Felice, il nonno paterno, aveva lasciato Milano per montare funivie in bassa Italia. Si era scontrato con la nonna, letteralmente. Si era sposato con quella Rosa “terrona”, come la chiamava la cognata milanese, che parlava di quell’unione come fosse stata un sequestro, una stregoneria a cui il fratello non aveva resistito. Ma Felice non aveva mai abbandonato Rosa e avevano avuto figli biondi dagli occhi azzurri, rari nella regione, incluso Giuseppe, suo padre, che oltre a queste caratteristiche aveva anche un’altezza maggiore rispetto alla media locale. Fatto che facilitò l’incontro con la mamma Giovanna, che lo trovava facilmente.

La guerra non era ancora finita quando Giuseppe, Pino (o milanese), e Giovanna (Janina) si incontrarono ad una festa del patrono di Vallo della Lucania. Si sposarono, lui che era rimasto orfano a tredici anni, con due sorelle piccole, e lei figlia della vedova Elvira, che veniva da Camerota, il paese magico di folletti, fiori e molti artigiani.

Andava tutto bene, a Janina e Pino. Avevano avuto figli e producevano vino e olio, quando una delle sorelle di lei, per una delusione amorosa, partì per il Brasile.

Ma come tutte le mamme del sud, quando la prole non le sta attorno come cuccioli, Elvira impazzì pensando ai pericoli che l’illusa poteva correre. Convocò, quindi, le due figlie più gio-

que teve), e com elas se pôs na estrada e emigrou também. Não demorou e os outros foram atrás, menos um, que, por ter sido mandado para a África durante a segunda guerra, dizia não gostar do clima. Mas de onde tirara que o clima da Abissínia era o mesmo de São Paulo do Brasil? Ele não foi e pronto! Mas seus pais, ela e os irmãos sim.

Outro mundo, outra língua, outra cultura? Solidão, isolamento?

Nada disso! Compravam pão em italiano, cereais e macarrão em italiano e nas feiras os vendedores gritavam as qualidades da pumarola e do macarone num sotaque meio estranho.

Para qualquer lado que fossem encontravam um paesano e também por todo o lado ouviam não só o italiano, mas o seu delicioso dialeto.

A sua naturalidade italiana era ressaltada como uma qualidade. E incentivada na escola a contar sobre a sua terra ela passou a prestar muita atenção a tudo que diziam à sua volta, a mãe, as tias... à mesa, nas refeições e principalmente aos conselhos e orientações que a sua avó dava àquela multidão de pessoas, que nas tardes de domingo, apareciam para pedir sua benção, como se estivessem beijando a mão de suas próprias mães.

Pediam conselhos. E a avó respondia colocando as coisas na perspectiva da honra, da moral, da justiça... do paese. Um paese parado no tempo e na sua memória!

Somente agora se dava conta, ainda em choque pela violência que sofrera, com lembranças rodeando sua mente, como ela fora “construída”. As bases eram duas. A escola – matriculada assim que chegou ao novo mundo e frequentada até o ultimo grau. E a família. Aquela família estendida que agregava qualquer um que fosse “re parte noste” (do nosso pedaço).

Sua identidade fora formada assim, em dois mundos distintos. O de fora, da rua, que exigia decifrar códigos e conhecimentos científicos, que lhe dizia - como era - o mundo. Em português, aquela língua doce e forte, de palavras muito compridas. E o de dentro, o de casa, muito claro, muito preciso e

vani dei sette figli che rimanevano (degli undici avuti) e con loro decise di emigrare. Non ci volle molto perché le seguissero anche gli altri, eccetto uno che, poiché era stato mandato in Africa durante la seconda guerra, diceva di non amare il clima. Ma da dove aveva pensato che il clima dell'Abissinia fosse lo stesso di San Paolo del Brasile? Non andò e basta! Ma i suoi genitori, lei e i fratelli sì.

Un altro mondo, un'altra lingua, un'altra cultura? Solitudine, isolamento?

Nulla di tutto ciò! Compravano il pane in italiano, i cereali e la pasta in italiano e nelle fiere i venditori gridavano le qualità della pumarola e del macarone con un accento mezzo strano.

Da qualunque parte andassero incontravano un paesano e anche da tutte le altre parti sentivano non solo l'italiano, ma anche il loro delizioso dialetto.

L'essere italiani era visto come una qualità. Ed era incentivata, a scuola, a parlare del suo paese e a prestare molta attenzione a tutto ciò che dicevano a riguardo la mamma, le zie... a tavola, ai pasti e principalmente nei consigli e orientamenti che la nonna dava a quella moltitudine di persone, che nei pomeriggi della domenica apparivano per chiedere la sua benedizione come se stessero baciando la mano delle proprie mamme.

Chiedevano consigli. E la nonna rispondeva mettendo le cose nella prospettiva dell'onore, della morale, della giustizia... del paese. Un paese fermo nel tempo e nei suoi ricordi!

Solo allora si rendeva conto, ancora scioccata per la violenza sofferta, con i ricordi che fluivano nella sua mente, di come era stata “costruita”. Le basi erano due. La scuola – iscritta appena arrivata nel nuovo mondo e frequentata fino all'ultimo anno. E la famiglia. Quella famiglia estesa che comprendeva chiunque fosse “re parte noste” (del nostro paese).

La sua identità era stata forgiata così, in due mondi distinti. Quello di fuori, della strada, che esigeva di decifrare codici e conoscenze scientifiche che le dicevano – com'era – il mondo. In portoghese, quella lingua dolce e forte, dalle parole molto

cheio de frases que estabeleciam - como deveria ser - o mundo. Em italiano, em dialeto. E sempre com aquele final de contos de fadas - “moral da história é...”

Percebeu, naquele momento, o quanto esta última - a Itália que havia dentro de si - era forte, muito forte, mais forte que a outra. Uma frase em especial, ouvida muitas vezes durante toda vida, dançava-lhe agora na mente: “a da nui ‘ste cose nun suce-rono” (entre nós essas coisas não acontecem). A lógica deveria lhe dizer que naqueles paesi minúsculos, onde todos se conhe-ciam, realmente essas coisas de cidade grande não aconteciam. Porém, ao contrário, fixou-se na certeza de que não acontecia lá, porque era lá!

Então, estando “lá” não deveria acontecer! E esse era o gran-de motivo de seu choro destemperado. Acontecera!

O policial chamado não se comovera minimamente. Embo-ra ela apontasse os ladrões, não os prendeu. Explicou-lhe que ela deveria abrir um processo que lhe daria permissão para agir. Mas, se eles não estivessem com a sua carteira, ela é que seria processada por calúnia. Não estavam! Ela vira a carteira, de um vermelho vivo, passar para outras mãos.

Afastou-se com mil pensamentos contraditórios.

Mas assim que saiu da estação a surpresa! Alguém, numa mão forte, segurou-lhe o braço por trás impedindo que ela se voltasse. Abriu sua bolsa, de onde fora tirada a carteira, recolocando-a no mesmo lugar. E uma voz emocionada explicou - Te-nho uma irmã lá, no Brasil!

Sim havia muita Itália na sua memória. Mas talvez houvesse muito mais Brasil no coração daquele homem!

lunghe. E quello di dentro, di casa, molto chiaro, molto preciso e pieno di frasi che stabilivano - come dovesse essere - il mon-do. In italiano, in dialetto. E sempre con quel finale da fiaba - “il morale della storia è...”

Capì, in quel momento, quanto quest’ultima - l’Italia che aveva dentro sé - fosse forte, più forte dell’altra. Una frase spe-cialmente, sentita molte volte nella sua vita, le danzava nella testa: “a da nui ‘ste cose nun sucirono” (queste cose da noi non succedono). La logica avrebbe dovuto dirle che in quei paesini minuscoli, dove tutti si conoscevano, le cose delle grandi città non succedono realmente. Tuttavia, al contrario, si convinse che quelle cose non succedevano perché era lì!

Quindi, essendo “lì” non sarebbero dovute succedere! E questo era il motivo del suo pianto disperato. Era successo!

Il poliziotto chiamato non si commosse minimamente. Seb-bene lei indicasse i ladri, non li arrestò. Le spiegò che avrebbe dovuto sporgere denuncia in modo che lui potesse agire. Ma, se non avessero avuto il suo portafogli, sarebbe stata lei ad es-sere processata per calunnia. Non ce l’avevano! Lei aveva visto il portafogli, rosso acceso, passare in altre mani.

Si allontanò con mille pensieri contraddittori.

Ma appena uscita dalla stazione, la sorpresa! Qualcuno, con una forte presa, le prese il braccio da dietro impedendole di voltarsi. Aprì la borsa, da cui era stato rubato il portafogli, e lo rimise a posto. E una voce emozionata spiegò - Ho una sorella lì, in Brasile!

Sì, aveva molta Italia nei suoi ricordi. Ma forse c’era molto più Brasile nel cuore di quell’uomo!

Há uma Itália a te esperar

Rosangela Aparecida Marquezi

Enquanto dirigia por aquela estrada que contornava belas paisagens, um único e doce pensamento lhe ocorria: “Há uma Itália em mim...”. E isso a confortava. O passado já não a perseguia. Deixara-o junto com a tristeza, a culpa e a solidão.

Itália... Desde pequena, acostumara-se a ouvir as histórias da família. Sempre com finais felizes. Seus bisavós, que a deixaram por motivos de verdadeira necessidade, continuaram amando o país que, no mapa, parecia uma bota, como diziam. Eles eram da região Norte, de uma cidade tão pequenina, que não aparecia no mapa, mas que lhes deixara alegrias e paisagens impressas n’alma.

E era nessa Itália, que crescera com ela e dentro dela, que agora estava. Parou o carro à beira do belo Lago Di Garda e, abrindo os braços, inspirou profundamente aquele outono que sabia ser o primeiro de uma nova vida. Inspirou e expirou tranquilamente até sentir seus pulmões arderem com o ar que já se fazia gelado. Deixou-se ficar nesse momento por um longo tempo, e sua mente caminhou rumo àquele triste momento da separação...

Já não se amavam, era certo, mas mesmo assim fora triste. Pietro havia sido seu amigo de infância. Só aos vinte anos é que se descobriram apaixonados. Casaram como manda a tradição e, logo nos primeiros anos, perceberam que não poderiam ser felizes para sempre... Ainda tentaram um bom tempo: 15 anos, dois filhos... Como amigos, decidiram pelo fim. Talvez se tivesse sido mais amável, talvez se tivesse tido mais paciência, talvez... Nós, mulheres, sempre nos culpamos... Fomos condicionadas a

C’è un’Italia che ti aspetta

Rosangela Aparecida Marquezi

Mentre guidava lungo quella strada che incorniciava bei paesaggi, aveva un unico e dolce pensiero nella mente: “C’è un’Italia in me...”. Le dava conforto. Il passato non la perseguitava più. Lo aveva lasciato indietro, insieme alla tristezza, la colpa e la solitudine.

Italia... fin da piccola era abituata a sentire le storie della famiglia. Sempre con finali felici. I suoi bisnonni, che l’avevano lasciata per motivi di vera necessità, avevano continuato ad amare il paese che, nella mappa, somigliava ad uno stivale, come dicevano. Loro erano del Nord, venivano da una città così piccina che non appariva nella mappa, ma che gli aveva lasciato allegria e paesaggi impressi nell’anima.

Ed era quella l’Italia che c’era adesso, quella cresciuta con lei e dentro di lei, in cui ora lei si trovava. Fermò la macchina sulla riva del bel Lago di Garda e, aprendo le braccia, ispirò profondamente il profumo di quell’autunno che sapeva essere il primo di una nuova vita. Inspirò ed espirò tranquillamente fino a sentire i suoi polmoni ardere insieme all’aria che diventava gelata. Si permise di restare in quel momento per un lungo tempo, e la sua mente si incamminò verso quel triste momento della separazione...

Non si amavano più, era vero, ma era ugualmente triste. Pietro era stato suo amico dall’infanzia. Solo a vent’anni si erano scoperti innamorati. Si erano sposati come da tradizione e, fin dai primi anni, avevano capito che non avrebbero potuto essere felici per sempre... provarono lo stesso per un po’ di tempo: quindici anni, due figli... da amici, decisero la fine della loro storia. Forse se fosse stata più amabile, forse se ci fosse stata più

isso... Quando os familiares ficaram sabendo, foi uma choradeira só, bem ao estilo italiano, e um culpabilizar a sua pessoa... “Seu marido é um anjo. O que você fez?”. Era a pergunta que mais ouvia. Menos de uma pessoa, sua avó materna, que parecia alimentada de flores, pois só palavras bonitas e floridas saíam de sua boca.

A avó a chamara para conversar e fora a responsável por agora estar neste lugar. Dissera-lhe: “Viaje. Vá à Itália e passe um tempo por lá. Ela curará suas feridas, suas tristezas. Quando voltar, esse momento já será passado. Vá. Hoje, se puder.” E ela viajou. Organizara tudo rapidamente. Conversara longamente com os filhos, ainda adolescentes, que entenderam a sua necessidade e a apoiaram. Até Pietro a apoiara. Ele a entendia, pois também passava por pressões, embora menores, por ser homem...

Iniciou sua viagem por Roma, a cidade eterna! Seguiria depois o que seu coração determinasse. Conheceu todas as suas ruazinhas, vielas, pontos turísticos famosos e não famosos, cidades vizinhas. Passou as tardes de verão à beira das fontes, ou nos cafés, sempre com um livro de poemas na mão. Sempre acreditou que a poesia salvaria o mundo. E por isso lia. Lia, refletia, sonhava, curava-se.

De lá, depois de um tempo que lhe pareceu eterno, pôs-se novamente a caminho. Uma única certeza: embora não tivesse data certa para acabar, sua viagem passaria pelo outono, sua estação preferida, e terminaria no Norte. Seu próximo destino: a região da Úmbria. Era o momento de se reconciliar com o seu lado espiritual, e Assis, uma de suas principais cidades, era perfeita para isso. Lá vivera Francisco – que sempre havia sido seu santo favorito. O santo da paz, que falava com os animais e as plantas chamando-os de irmão. Depois, Perugia, Cassia, Spoleto, Orvieto... Colinas verdes, lugares acolhedores que lhe permitiram um estar mais perto do Divino.

Quis ver e sentir o sol mais fortemente. Dirigiu-se à Costa Amalfitana. Jamais esqueceria os dias que por lá passara. Os doces mais gostosos do mundo só podem estar em Amalfi. Sorren-

pazienza, forse... Noi, le donne, ci incolpiamo sempre... siamo state condizionate a farlo... Quando i familiari lo seppero, fu una scenata in pieno stile italiano, e un colpevolizzarla... “Tuo marito è un angelo. Cos’hai combinato?”. Era la domanda che le porgevano più spesso. Tranne una persona, sua nonna materna, che sembrava alimentata dai fiori, perché dalla sua bocca uscivano solo parole buone e fiorite.

La nonna l’aveva chiamata per chiacchierare ed era stata la responsabile per il suo essere lì in quel momento. Le aveva detto: “Viaggia. Vai in Italia e passa un po’ di tempo lì. Curerà le tue ferite, le tue tristezze. Quando tornerai, questo momento sarà passato. Vai. Oggi, se puoi.” E lei aveva viaggiato. Aveva organizzato tutto velocemente. Aveva parlato a lungo con i figli, ancora adolescenti, che avevano capito questa sua necessità e l’avevano appoggiata. Perfino Pietro l’aveva appoggiata. Lui la capiva, perché anche lui sopportava pressioni, anche se in misura minore perché era uomo...

Aveva iniziato il suo viaggio da Roma, la città eterna! Sarebbe seguito poi quello che il cuore le avrebbe suggerito. Aveva conosciuto tutte le stradine, viette, punti turistici e famosi e non famosi, città vicine. Passava i pomeriggi estivi sulla riva dei fiumi, o nei bar, sempre con un libro di poesie in mano. Aveva sempre creduto che la poesia avrebbe salvato il mondo. E per questo leggeva. Leggeva, rifletteva, sognava, si curava.

Da lì, dopo un tempo che le era sembrato eterno, si mise nuovamente in cammino. Un’unica certezza: sebbene non avesse una data certa per fermarsi, il suo viaggio sarebbe durato fino all’autunno, sua stagione preferita, e sarebbe terminato nel Nord. La prossima meta: la regione Umbria. Era il momento di riconciliarsi con il suo spirito e Assisi, una delle principali città umbre, era perfetta per questo. Lì aveva vissuto Francesco – che era sempre stato il suo santo preferito. Il santo della pace, che parlava con animali e piante chiamandoli fratelli. Poi, Perugia, Cassia, Spoleto, Orvieto... colline verdi, luoghi accoglienti che le permettevano di essere più vicina al Divino.

to... Dormir olhando, ao longe, além-mar, o Vesúvio... Positano... Lugar de sonho... Foi ficando... Misturou-se ao povo local. Sentia sua pele mais bronzeada... Sentia que poderia morar ali... Mas o Norte lhe chamava para o outono – que já estava se aproximando, para conhecer a região de seus antepassados. Sabia que lá se encontraria definitivamente.

Com os pés leves, foi indo... Passara por lugares lindos, que a chamavam sempre a, no mínimo, um ou dois dias por lá permanecer... Nápoles com suas ruelas coloridas e lotadas, com a pizza mais famosa do mundo; Siena, com suas tradições e festas medievais; Florença e seu David, de Michelangelo; Pisa e sua torre inclinada; Milão e sua catedral; Veneza e seus encantadores canais; Verona, de Romeu e Julieta... Ia de lá para cá... Não lhe importavam rotas pré-determinadas... Importava-lhe viver.

Fez longos caminhos... E lá estava: de frente para o Lago Di Garda, à procura da cidadezinha de seus antepassados... Ainda não chegara lá. Agitando a cabeça como a espantar sonhos, voltou ao carro, entrou, girou a chave e partiu... Sabia que a vida a encontrara e a encontraria em cada lugar dessa Itália que habitava nela e, mais, sabia que quando chegasse em casa – na terra de seus antepassados – finalmente entender-se-ia plena. Havia um outono pela frente.

Volle vedere e sentire di più il sole. Si diresse verso la Costiera Amalfitana. Non avrebbe mai dimenticato i giorni passati lì. I dolci più gustosi del mondo possono essere gustati solo ad Amalfi, Sorrento... dormire guardando, lontano, al di là del mare, il Vesuvio... Positano... Luogo da sogno... Rimase... Si mescolò con la popolazione locale. Sentiva la sua pelle più abbronzata... sentiva che avrebbe potuto vivere lì. Ma il Nord la chiamava per l'autunno – che si stava già avvicinando, per conoscere la regione dei suoi antenati. Sapeva che avrebbe definitivamente incontrato se stessa lì.

Con i piedi leggeri, camminava... Era passata attraverso luoghi bellissimi, che le chiedevano sempre di restare, almeno, un paio di giorni... Napoli con le sue stradine colorate e affollate, con la pizza più famosa del mondo; Siena, con le sue tradizioni e feste medievali; Firenze e il suo David di Michelangelo; Pisa e la torre che pende; Milano e la sua cattedrale; Venezia e i suoi canali incantevoli; Verona di Romeo e Giulietta... di qua e di là... non le interessavano rotte predeterminate... le importava vivere.

Fece lunghe camminate... e arrivò lì: di fronte al Lago di Garda, in cerca della cittadina dei suoi antenati... ancora non ci era arrivata. Agitando la testa come per allontanare i sogni, aggirò la macchina, entrò, girò la chiave e partì... sapeva che la vita l'aveva incontrata e che l'avrebbe incontrata in ogni luogo di questa Italia che abitava in lei e, di più, sapeva che quando fosse arrivata a casa – nella terra dei suoi antenati – finalmente si sarebbe compresa appieno. C'era un autunno ad aspettarla.

Existe uma Itália em mim!

Vera Mussi Hage

Há dois anos, visitei a pequena cidade de Inzago, na província de Milão. Os vilarejos da Itália sempre me atraíram mais; pela natureza bucólica, reflexo do meu interior, vividas na serenidade dos rios, lagos, na delicadeza das flores e, junto, o romantismo que trazem consigo. Um poema. Fui de corpo e alma. Porque italiano sem alma, sem sentimento, sem gestos, sem fala... não existe! Mergulhei nessa vibração, resolvi hospedar-me numa casa, onde pudesse vivenciar os costumes, sentimentos; tudo mais próximo de mim. Queria, por outro lado, servir. Ser servida e servir. Demonstrar, sobretudo, meus dotes na culinária. Sei que a cozinha é o *habitat* natural da família italiana. Tudo acontece e começa em volta de uma mesa! Farta. Um lugar de altas conversas...; um cenário gastronômico ímpar! A lasanha, os espaguetes, a pizza! Mais do que viver por uns dias, queria compartilhar da alegria da vizinhança.

Quando cheguei à procura de um lugar para ficar nessa temporada, percebi uma certa desconfiança e um certo zum zum na cidade... Talvez porque eles são um tanto conservadores e interessados em saber quem é quem. Um murmurinho...

Na medida dos dias, dos fatos e apresentações, tudo ficaria mais claro e transparente. Sabia que ia passar.

A presença nos detalhes me fascinava, desde o primeiro momento. Sentia... aqui é o meu lugar!

Os gestos não se detinham nas mãos, nos abraços apertados, nos beijos mais demorados; iam além. Muito além!

Comecei bem. Marquei um belo almoço e, como primeiros convidados, um casal de nonos.

Esiste un'Italia in me

Vera Mussi Hage

Due anni fa ho visitato la piccola cittadina di Inzago, in provincia di Milano. I paesini italiani mi hanno sempre attratta molto; per la natura bucolica, riflesso della mia interiorità, vivide nella serenità dei fiumi, laghi, nella delicatezza dei fiori e nel romanticismo che portano con sé. Una poesia. Ci sono stata con corpo e anima. Mi sono immersa in questa vibrazione, ho deciso di stare in una casa in cui potessi avere esperienza dei costumi, sentimenti; tutto più vicino a me. Volevo, d'altra parte, servire. Essere servita e servire. Dimostrare, soprattutto, le mie doti culinarie. So che la cucina è l'*habitat* naturale della famiglia italiana. Tutto accade e comincia attorno ad un tavolo! Abbastanza. Un luogo di conversazioni elevate...; uno scenario gastronomico ineguagliabile! Le lasagne, gli spaghetti, la pizza!

Più che vivere per qualche giorno, volevo condividere l'allegra del vicinato.

Quando sono andata in cerca di un luogo dove stare per il periodo, ho provato una certa sfiducia e un certo zum zum in città... Forse perché sono persone un po' conservatrici e interessati a sapere chi è chi. Un mormorio...

Con il passare dei giorni, fatti e presentazioni, tutto sarebbe diventato più chiaro e trasparente.

Sapevo che sarebbe passato.

La presenza dei dettagli mi affascinava, fin dal primo momento. Sentivo... questo è il mio posto!

I gesti non restavano nelle mani, negli abbracci stretti, nei baci più lenti; andavano oltre. Molto oltre!

Ho cominciato bene. Ho fissato un bel pranzo e, come primi

A nona e o nono, meus vizinhos de parede.

Algo extraordinário aconteceu. Uma surpresa que demonstrou a gentileza do povo italiano.

Um detalhe.

Um detalhe curioso. Um fato memorável. Recebi como boas vindas um concerto a quatro mãos em plena luz do dia! Queriam, antes de visitar-me, demonstrar através da música italiana a alegria de ser convidado! De passar uma noite agradável, regada de comida boa e de uma boa prosa. As mãos envelhecidas foram irrelevantes; a energia era mais forte. O sorriso nos lábios de quem quer fazer e faz com amor!

Nunca vi nada igual!

Essa atitude me impulsionou. Me encorajou! Meus olhos ficaram encantados. Contagiada estava de tanta emoção! Meu jeito italiano de ser. Identifiquei-me.

Já havia percebido a gentileza, a alegria, a beleza, a culinária; quanta coisa me falava e quanta me faltava viver?

Lembrei-me... Existe uma Itália em mim!

invitati, una coppia di nonni. La nonna e il nonno, i miei vicini.

È successo qualcosa di straordinario. Una sorpresa che ha dimostrato la gentilezza del popolo italiano.

Un dettaglio.

Un dettaglio curioso. Un fatto memorabile. Ho ricevuto come benvenuto un concerto a quattro mani alla luce del giorno! Volevano, prima di venire a trovarmi, dimostrare attraverso la musica italiana l'allegria dell'essere invitati! Di passare una notte gradevole, con buona cucina e buona prosa. Il fatto che le mani fossero invecchiate non aveva importanza, l'energia era più forte. Il sorriso sul volto di chi fa e fa con amore!

Non ho mai visto nulla di simile!

Questo modo di fare mi ha spinto, incoraggiata! I miei occhi erano incantati. Contagiata da tanta emozione! Il mio modo di essere italiana. Mi ci sono ritrovata.

Avevo già percepito la gentilezza, l'allegria, la bellezza, la cucina; quante cose di cui mi parlavano mi mancavano da vivere?

Mi sono ricordata... esiste un'Italia in me!

Muito além da genética

Vilma Pavão Folino

Julgava ser a minha italianidade um sentimento muito pessoal, que não ultrapassava minha subjetividade, até estes fatos.

Anos 90, em Pádua, terra de meus ancestrais paternos, algo inverossímil. Após visita à Basílica de Santo Antônio, com 1 hora livre, decidi comprar logo as lembranças e entrei na primeira loja. Algumas peças sobre o balcão, chegou a proprietária que ao saber minha nacionalidade, elogiou a forma com que os italianos se integraram no Brasil e com os olhos marejados pediu-me para ouvi-la, pois estava sufocada e precisava falar com alguém. Diante de sua aflição, acompanhei-a até sua casa. Depois de soluçar intensamente, acalmando-se, começou a contar detalhes da vida doméstica e dos planos e esperanças destrocados. Sua filha de 15 anos estava grávida, pusera por terra o sonho de frequentar um curso de moda em Milão e tornar-se estilista. O pai da criança? Um vagabundo, dizia, não estudava, não trabalhava. Sem coragem, não falara com ninguém, nem mesmo a seu marido. Ele iria culpá-la, mas havia conversado muito com a menina. Após um chá, quando serena e decidida a falar com o marido, me dei conta do tempo e apressadamente me despedi. Ela beijou a minha mão, agradecida e eu já perto da porta de saída a ouvi me chamando e a vi com o antebraço empurrando todos os objetos que estavam sobre o balcão para dentro de uma embalagem, dizendo: Ecco, a tua madre. Emocionada, agradei e corri até o ônibus. O pessoal preocupado fazia perguntas e eu respondia apenas que jamais acreditariam. Eu me perguntava, por quê? Força de minha vivência profissional em conduzir entrevistas complicadas?

Molto aldilà della genetica

Vilma Pavão Folino

Credevo che la mia italianità fosse un sentimento molto personale, non oltrepassante la mia soggettività, fino a questi avvenimenti che vi racconto.

Anni '90, Padova, terra dei miei antenati paterni, qualcosa di inverosimile. Dopo la visita alla Basilica di Sant'Antonio, con un'ora libera, ho deciso di comprare subito i souvenirs e sono entrata nel primo negozio. Alcuni pezzi sul bancone, è arrivata la proprietaria che, al sapere la mia nazionalità, ha iniziato ad elogiare il modo in cui gli italiani si sono integrati in Brasile e, con gli occhi lucidi, mi ha chiesto di ascoltarla perché si sentiva soffocare e aveva bisogno di parlare con qualcuno. Di fronte alla sua afflizione, l'ho accompagnata a casa. Dopo aver pianto intensamente, calmatasi, ha iniziato a raccontare dettagli della vita casalinga e dei piani e delle speranze distrutte. Sua figlia, di quindici anni, era incinta, aveva abbandonato il sogno di frequentare un corso di moda a Milano e di diventare stilista. Il padre del bambino? Un fannullone, diceva, non studiava, non lavorava. Senza coraggio, non aveva parlato con nessuno, nemmeno con suo marito. Lui l'avrebbe incolpata, ma aveva parlato molto con la ragazzina. Dopo un tè, quando l'ho vista serena e decisa a parlare con il marito, mi sono accorta dell'ora e l'ho salutata di fretta. Mi ha baciato la mano, grata, e quand'ero già vicina alla porta ho sentito il mio nome e l'ho vista spingere tutti gli oggetti che erano sul bancone dentro un sacchetto, dicendo: Ecco, a tua madre. Emozionata, ho ringraziato e sono corsa all'autobus. Le persone preoccupate facevano domande e io rispondevo solo che non mi avrebbero mai creduta. Io mi

Alguns anos depois, pleno Ferragosto, Milão vazia, assim como a estação Gerusalemme de metrô: nenhum funcionário, nenhuma segurança e poucos usuários. Desejando confirmar o trajeto para o Duomo, avistei duas senhoras e educadamente perguntei qual a melhor opção para o meu destino. A mais jovem me orientou apontando no mapa. Agradei e se apresentando como milanesas, mãe e filha, me perguntaram se eu era vêneta. Disse que era brasileira e a mãe espantada completou: Você parece vêneta e fala como uma. Então, lembrei-me de minha genética totalmente vêneta, de meus bisavós... Conversamos mais um pouco e elas, lastimando a ida em sentido oposto, despediram-se calorosamente. Uma amiga que me acompanhava indagou de onde eu as conhecia. Este episódio lançou também uma luz sobre o primeiro, em que uma padovana escolheu outra, mezzo padovana para desabafar. Seria a genética?

Janeiro de 2016, Calábria, terra dos ancestrais de meu marido, acompanhando filho, nora e netos. Alugado um carro, percorremos a costa pelo lado Tirreno chegando a Tropea onde em suas sinuosas ruas líamos as placas de reabertura em março. Pneu furado, paramos em um mirante defronte ao Santuário para a troca. Onde encontrar um gomista? A um quilômetro, por sorte, um escritório da empresa que nos alugara o carro. Perguntando por um borracheiro, o plantonista disse para aguardarmos um pouco que nos acompanharia e logo em seguida colocou na porta a placa Torno Subito e o seguimos, agradecidos. No alto da encosta nos indicou o Sr. Antônio, que se mostrou contente em atender 3 gerações de uma família vinda de longe. Estepe consertado, onde poderíamos almoçar, com tantos restaurantes fechados? Após algumas ligações, o borracheiro encontrou um aberto e quando solicitei o endereço, sorrindo, disse que nos levaria, colocando também o aviso Tornerò Subito. Apresentou-nos o proprietário do restaurante, pediu atenção especial à família brasileira de sobrenome calabrês e se despediu efusivamente. Local acolhedor, com discreta decoração relacionada a futebol nos proporcionou delicioso almoço.

chiedevo "Perché?". Deformazione professionale nel condurre interviste complicate?

Alcuni anni dopo, pieno Ferragosto, Milano vuota così come la stazione Gerusalemme della metro: nessun funzionario, nessuna sicurezza e pochi utilizzatori. Volendo essere sicura del tragitto per il Duomo, avvistate due signore ho chiesto quale fosse la strada migliore per raggiungere la destinazione. La più giovane mi ha mostrato la strada sulla mappa. Ho ringraziato e loro, presentandosi come milanesi, madre e figlia, mi hanno chiesto se fossi veneta. Ho detto ero brasiliana e la mamma stupita ha continuato: Sembri veneta e hai quell'accento. Allora mi sono ricordata dei miei geni totalmente veneti, dei miei bisnonni... abbiamo parlato ancora un po' e loro, dovendo andare nella direzione opposta, mi hanno salutata calorosamente. Un'amica che era con me mi ha chiesto da dove le conoscevo. Questo episodio mi ha illuminata anche sul primo, in cui una padovana ha scelto un'altra mezza padovana per confidarsi. Sarà genetica?

Gennaio 2016, Calabria, terra degli antenati di mio marito, accompagnando figlio, nuora e nipoti. Noleggiata una macchina, abbiamo percorso la costa dal lato del Tirreno per arrivare a Tropea dove nelle strade sinuose leggevamo i cartelli delle riaperture in marzo. Forata una gomma, ci siamo fermati in un belvedere di fronte al Santuario, per cambiarla. Dove avremmo potuto trovare un gommista? A un chilometro di distanza, per fortuna, una sede dell'agenzia in cui avevamo noleggiato l'auto. Abbiamo chiesto una bomboletta per ripararla, il funzionario ci ha detto di aspettare un attimo e che ci avrebbe accompagnato e ha messo subito la targa Torno Subito sulla porta. L'abbiamo seguito, grati.

In cima alla collina ci ha indicato il Sig. Antonio, che si è mostrato contento di aiutare tre generazioni di una famiglia venuta da lontano. Riparata la gomma, dove potevamo andare a pranzare, con tanti ristoranti chiusi? Dopo qualche telefonata, il gommista ne ha trovato uno aperto e, quando gli ho chiesto l'indirizzo, ha detto sorridendo che ci avrebbe accompagnato,

O dono fora famoso jogador profissional de calcio em grandes times e nos mostrou troféus e fotografias. Pedimos a conta sem a sobremesa, depois da farta refeição e já a pagávamos, quando chegaram cinco pequenas porções de tiramissu com o proprietário dizendo que não sairíamos sem provar o melhor tiramissu, e apesar de muitos clientes lá dentro, foi até nosso carro para um caloroso arrivederci. No outro dia, na costa jônica, após almoço em Bovolino, num restaurante à beira mar em que só o vidro nos separava daquela imensidão azul dos poemas de Homero, tivemos uma surpresa semelhante à anterior, mas com licor caseiro de amêndoas. Eu pensava: Turistas reclamam na internet de frieza e grosseria italianas nos atendimentos. Estariam falando do mesmo país?

Só então percebi o quanto a Itália que existe em mim fala alto. Sempre me senti em casa quando estive lá, mas verificar tamanha afinidade de norte a sul, me deixou feliz, admirada e introspectiva. Coincidências ou sincronicidade? Muito ligada a meus antepassados? Vibração magnética? Sentimentos de vidas passadas? A conclusão vai ficar a cargo das crenças do leitor. O que sei é que minhas raízes estão lá e, incrível, de forma visível. A Itália que existe em mim, em contato com a Itália hoje, me surpreende. Sempre.

mettendo di nuovo l'avviso Tornerò Subito. Ci ha presentati al proprietario del ristorante, chiedendo un'attenzione speciale per la famiglia brasiliana con il cognome calabrese e ci ha salutati affettuosamente. Locale accogliente con discrete decorazioni calcistiche, in cui ci hanno proposto un pranzo delizioso. Il proprietario era un famoso giocatore professionale di calcio in grandi squadre e ci ha mostrato trofei e fotografie. Abbiamo chiesto il conto senza il dessert, dopo il pasto sostanzioso, e lo stavamo per pagare quando sono arrivate cinque piccole porzioni di tiramisù, con il proprietario che ci diceva che non potevamo andarcene senza provare il miglior tiramisù. Nonostante i molti clienti, è anche venuto fino alla nostra macchina per un caloroso arrivederci. Un altro giorno, nella costa ionica, dopo il pranzo a Bovolino, in un ristorante vista mare in cui solo i vetri ci separavano da quella immensità azzurra dei poemi omerici, abbiamo avuto una sorpresa simile, ma con un liquore di mandorle fatto in casa. Pensavo: i turisti si lamentano online della freddezza e grossolanità italiane nei servizi. Stavamo parlando dello stesso paese?

Solo allora ho capito quanto l'Italia che esiste in me si fa sentire. Mi sono sempre sentita a casa quando ero lì, ma avere prova del grado di affinità da nord a sud mi ha resa felice, ammirata e introspectiva. Coinidenze o sincronie? Molto legata ai miei antenati? Vibrazione magnetica? Sentimenti di vite passate? La conclusione dipende dalle credenze del lettore. Quello che so è che le mie radici sono lì e, incredibilmente, sono visibili. L'Italia che esiste in me, in contatto con l'Italia di oggi, mi sorprende. Sempre.

Contatos / Contatti

COORDENADORA/COORDINATRICE:

Rosalie Gallorgallo1945@gmail.com

TRADUTORAS/TRADUTTRICI:

Giada Mattugiada.mattu@live.com

Helen Gnocchihelengnocchi@gmail.com

AUTORES/AUTORI:

Alexandre Bassoalexbass7474@gmail.com

Angelica Royoangelicaroyo@uol.com.br

Carmem Teresa Elias.....carmemteresaelias@hotmail.com

Cesar Luis Theis.....cesartheis@yahoo.com.br

Christopher Augusto Carnieri.....chris.carnieri@gmail.com

Cida Micossi.....cida.micossi@gmail.com

Dalva Maria Bannitz Bacallá.....dalvabacalla@gmail.com

Dalva Bentodalvaines.michelon@gmail.com

Denise Lícia B. de Oliveira Gasparini...denise.licia@gmail.com

Dosmar Sandro Valeriodosmar.sandro@terra.com.br

Edvaldo Jacomelliokahora@terra.com.br

Eliana Ferrari Dutraelianaferriaridutra@gmail.com

Everton Fernando Micheletti.....efmicheletti@gmail.com

Giuseppina Burigo.....josiburigo@gmail.com

Helena Domingos.....helenadomingos2007@hotmail.com

Lais de Barros.....laisdebarros@hotmail.com

Lorien Marta Zaninilorienza@gmail.com

Luciana de Souza Mazur..... luciana mazur@yahoo.com.br

Márcia Etelli Coelho..... marciaetelli21@gmail.com

Maria Helena Figueiredo Vieira ferlena@uol.com.br

Maria Ignez Manelli Giorgi mimgiorgi@gmail.com

Maria Rosa Fontebasso mrfontebasso@gmail.com

Maria Teresa Sponchiado mtsponchiado@gmail.com

Marília Ferreira Emmi..... mfemmi@hotmail.com

Martha Tavares Pezzini.....marthapezzini@gmail.com

Mônica de Faria Francomonicafranco@hotmail.com

Romano Dazzi..... romano-dazzi@uol.com.br

Rosalba Facchinettirofachine@hotmail.com

Rosângela Ap. Marquezirosangelamarchezi@hotmail.com

Vera Mussi Hage veramussihage@gmail.com

Vilma Pavão Folinovipfolino2@uol.com.br



COMITES 2015-2020

Comitê dos Italianos no Exterior /
Comitato degli Italiani all'Estero

Circunscrição / Circonscrizione:

São Paulo, Mato Grosso,
Mato Grosso do Sul, Acre e Rondônia

Presidente: Renato Sartori

Presidente Coadjuvante /

Presidente Coadjuvante: Daniela Dardi

Vice Presidente: Fabiola Natali

Diretor Secretário / Direttore Segretario:

Bruno Romi

Diretor Tesoureiro / Direttore Tesoriere:

Eleonora Salvato

Conselheiros / Consiglieri:

Angela Maria Pereira Curiati

Antonella Bassani de Souza

Antonio Carlos Delben

Antonio Laspro

Camila Massarelli

Flavia Paone

Flavio Cesar Rossi

Gilles Pires Batista Leão

Henrique Narducci de Oliveira

Jacopo Angelozzi



Julio Cesar Ragazzi

Leandro Nalini

Luciana Laspro

Marcos Barboza da Silva

Maria Carolina Casati

Ricardo Olivati

Rosa Marra Pacifico

Rosalie Gallo

Sebastião Zoli Junior

Revisores das contas do Comites

Revisori dei conti Comites:

Felice Perrella / Elio Pardelli / Ruy Bottesi

Revisor das contas do Comites para o Consulado /

Revisore dei conti Comites per il Consolato:

Giovanni Manassero

Contato / Contatto: Comites SP

Av. Higienópolis, 436 - (Consolação) - São Paulo - SP

CEP 01238-000 - Fone/Fax 3287.3517 - Fone : (11) 3141.2890

Fone/Fax 3287.3517 – Fone : (11) 3141.2890

comites.sp@comites.org.br

www.comites.org.br

Facebook: www.facebook.com/comitessaopaulo

Twitter: twitter.com/ComitesSP

Instagram: instagram.com/comites_sp/



Caro Leitor / Caro Lettori

Nós esperamos que esta obra tenha
correspondido às suas expectativas.

Speriamo quest'opera
vi sia di piacevole lettura.

Envie suas dúvidas e sugestões
através do nosso e-mail:
In caso di dubbi e suggerimenti,
rivolgersi a noi tramite l' email:

editorainhouse@gmail.com

Compre outros títulos em
Per comprare altri libri
www.livrariainhouse.com



www.editorainhouse.com.br
Curta nossa página no Facebook: Editora In House
Fones: (11) 4607-8747 / 99903-7599

Realização / Realizzazione



www.comites.org.br

E-mail: comites.sp@comites.org.br

3º concurso
literário
Brasil *Itália*
São Paulo, 2019



*Consolato Generale d'Italia
San Paolo*



Cereser



*Villa
Marignana Benetton*

museotonibenetton

Apoio cultural
Supporto culturale

ISBN: 978-65-86978-57-5



editorainhouse
www.editorainhouse.com.br

FOOD SERVICE